

Project Gutenberg's Lendas e Narrativas (Tomo I), by Alexandre Herculano

Copyright laws are changing all over the world. Be sure to check the copyright laws for your country before downloading or redistributing this or any other Project Gutenberg eBook.

This header should be the first thing seen when viewing this Project Gutenberg file. Please do not remove it. Do not change or edit the header without written permission.

Please read the "legal small print," and other information about the eBook and Project Gutenberg at the bottom of this file. Included is important information about your specific rights and restrictions in how the file may be used. You can also find out about how to make a donation to Project Gutenberg, and how to get involved.

****Welcome To The World of Free Plain Vanilla Electronic Texts****

****eBooks Readable By Both Humans and By Computers, Since 1971****

*******These eBooks Were Prepared By Thousands of Volunteers!*******

Title: Lendas e Narrativas (Tomo I)

Author: Alexandre Herculano

Release Date: January, 2006 [EBook #9654]
[Yes, we are more than one year ahead of schedule]
[This file was first posted on October 13, 2003]

Edition: 10

Language: Portugese

Character set encoding: ISO-8859-1

***** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK LENDAS E NARRATIVAS (TOMO I) *****

Produced by Jo^o Miguel Neves and PG Distributed Proofreaders
from images and OCR'd files of the National Digital Library
project from the National Library of Portugal.

This e-text is transcribed from the 1858 2nd edition of Lendas e Narrativas (Tomo I).

LENDAS E NARRATIVAS (Tomo I)

ADVERTENCIA

A Advertência que precedia a anterior edição, e que adiante vae repetida, explica sobejamente porque as primeiras tentativas de um género de escriptos, que só muito tarde foi cultivado em Portugal, se publicaram em volumes, quando talvez não devessem sair das columnas dos jornaes, onde viram a luz publica. Consideremo-los então, e considerámo-los agora apenas como balizas no campo da nossa historia litteraria, balizas que nos parecem ainda mais toscas actualmente; porque ao passo que a reflexão e o tempo nos amaduram o espirito, os defeitos de composição e de estylo cada vez se vão avolumando mais aos olhos da nossa consciência retrospectiva. Reputando-os, todavia, hoje como ha oito annos, simples marcos milliares, a presente edição absolve-se pelos mesmos títulos porque devia ser absolvida a edição anterior.

Esperavamos, e dissemo-lo sinceramente, que estas desadornadas tentativas esqueceriam em breve offuscadas pelas brilhantes composições que começavam a avultar no caminho que havíamos aberto. O publico enleodeu de outro modo. Sem deixar de apreciar o melhor, não esqueceu estes mal delineados esboços, que ficaram na sua memória como nos ficam para a saudade os dias do nosso balbuciar infantil.

Quinze a vinte annos são decorridos desde que se deu um passo, bem que dúbil, decisivo, para quebrar as tradições do Alivio de Tristo e do Feliz Independente, tyrannos que reinavam sem ómulos e sem conspirações na provincia do romance portuguezes. Nestes quinze ou vinte annos creou-se uma litteratura e pôde dizer-se que não ha anno que não lhe traga um progresso. Desde as Lendas e Narrativas até o livro Onde está a Felicidade? que vasto espaço transposto! E todavia, apesar do immenso talento que se revela nas mais recentes composições, quem sabe se entre os nomes que despontam apenas nos horisontes litterarios, não virá em breve algum que offusque os que nos deixaram para nós somente um bem modesto logar?

Oxalá que assim seja. Os que nos venceram n'esta lucta gloriosa saberão resignar-se como nós nos resignamos.

Ajuda, maio de 1858.

Os breves romances e narrativas contidos neste volume foram impressos, em epochas mais ou menos remotas, nas duas publicações periodicas o Panorama e a Illustração, bem como o foram nestes ou em outros jornaes os que tem de formar o segundo volume das Lendas e Narrativas, colleccão que, se trabalhos mais arduos o consentirem, será continuada com alguns outros, apenas esboçados ou ineditos no todo ou em parte, que ainda restam entre os manuscritos do auctor. Corrigindo-os e publicando-os de novo, para se ajunctarem a composições mais extensas e menos imperfeitas, que já viram a luz publica em volumes separados, elle quiz apenas preservar do esquecimento, a que por via de regra são condemnados mais cedo ou mais tarde os escriptos inseridos nas columnas das publicações periodicas, as primeiras tentativas do romance historico que se fizeram na lingua portuguesa. Monumentos dos esforços do auctor para introduzir na litteratura nacional um genero amplamente cultivado, nestes nossos tempos, em todos os paizes da Europa, é este o principal, ou talvez o unico merecimento delles; o titulo de que podem valer-se para não serem entregues de todo ao esquecimento. A singeleza da invenção, a pouca firmeza nos contornos de alguns caracteres, o menos bem travado do dialogo, imperfeições que nem sempre foi possível remediar nesta nova edição, revelam a mão inexperiente. Na historia dos progressos litterarios de Portugal, desde que a liberdade politica trouxe a liberdade do pensamento, e que o engenho pôde apparecer à luz do dia sem os anginhos de uma censura tão absurda na sua indole, como estúpida na sua applicação e esterilizadora nos seus effeitos; nessa historia, dizemos, esta nova edição deve ser julgada principalmente com attenção ao seu motivo, à prioridade das composições nella insertas, e à precisão em que, ao escreve-las, o auctor se via de crear a substancia e a fôrma; porque para o seu trabalho faltavam absolutamente os modelos domesticos.

A critica para ser justa não ha-de, porém, attender sóa essas circumstancias: ha-de considerar também os resultados destas tentativas, que, a principio, é licito supôr inspiraram outras analogas, como por exemplo os "Irmãos Carvajales" e "O que foram Portuguezes" do Sr. Mendes Leal, e gradualmente incitaram a maioria dos grandes talentos da nossa litteratura a emprehenderem composições analogas de mais largas dimensies, e melhor delineadas e vestidas. Todos conhecem o "Arco de Sanct'Anna", cujo ultimo volume acaba de imprimir o primeiro poeta portuguez deste seculo, o "Um ano na Côte" do Sr. Corvo, cuja publicação se aproxima do seu termo, e o "Odio Velho Não Cansa" do Sr. Rebello da Silva, ensaio que, se as eloquencias parvoas e semsabores dos discursos academicos não tivessem tornado indecentes as allusies mythologicas, se poderia comparar ao combate com o leão de Citheron, que revelou à Grecia no moço Hercules o futuro semideus; porque no Odio Velho começa a manifestar-se o auctor da "Mocidade de D. João V", romance de que já se imprimiram algumas paginas admiraveis, mas que na parte inedita, que é quasi tudo, nos promete um emulo de Walter-Scott. Emfim o "Conde de Castella" do Sr. Oliveira Marreca, vasta concepção,

posto que ainda incompleta, foi porventura inspirado pelo exemplo destas fracas tentativas, e das que, em dimensões maiores, o auctor empreendeu no Eurico e no Monge de Cister. Character grave e austero, digno dos tempos antigos, e que a providencia collocou em meio de uma sociedade gasta e definhada por muitos generos de corrupções, como uma condemnação muda; homem sobre tudo de sciencia e consciencia, o Sr. Marreca trouxe estes seus dotes eminentes para o campo do romance historico, onde ninguem, talvez, como elle poderia fazer a Portugal o serviço que DuMonteil fez à França, isto é, popularisar o estudo daquela parte da vida publica e privada dos seculos semi-barbaros, que não cabe no quadro da historia social e politica.

Taes foram, entre outros, os mais importantes resultados da introdução do genero. No meio deste amplo desenvolvimento de uma litteratura nova no paiz, o auctor das seguintes paginas merecerá talvez desculpa de recordar que estes ensaios, inferiores às publicações que se lhe seguiram, foram a sementinha d'onde proveio a floresta. Seja-lhe pois licito consolar-se na sua inferioridade com haver precedido na ordem dos tempos aquelles que, na affeição do publico, devem provavelmente faze-lo esquecer. Persuadido de ter por isso direito à indulgencia, resolveu-se a transportar para o livro aquillo que, considerado em si, não mereceria talvez sair nunca das columnas do fugitivo jornal, salvando assim, não escriptos cuja apreciação exija largas paginas na historia litteraria, mas um marco humilde e tosco, que, nesta especie de litteratura, indique o ponto d'onde se partiu.

O ALCAIDE DE SANTARÉM (950--961)

I

O guadamellato é uma ribeira que, descendo das solidões mais agras da Serra Morena, vem através de um territorio montanhoso e selvatico desaguar no Guadalquivir pela margem direita, pouco acima de Cordova. Houve tempo em que nestes desvios habitou uma população numerosa: foi nas eras do dominio sarraceno em Hespanha. Desde o governo do amir Abul-Khatar o districto de Cordova fôa distribuido às tribus árabes do Yemen e da Syria, as mais nobres e mais numerosas entre todas as raças da Africa e da Asia, que tinham vindo residir na Peninsula por occasião da conquista ou depois della. As familias que se estabeleceram naquellas encostas meridionaes das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores. Assim no meiado decimo seculo, posto que esse

districto fosse assÆs povoado, o seu aspecto assemelhava-se ao de um deserto; porque nem se descortinavam por aquelles cabeços e valles vestigios alguns de cultura, nem alvejava um unico edificio no meio das collinas rasgadas irregularmente pelos algares das torrentes, ou cubertas de selvas bravias e escuras. Apenas um ou outro dia se enxergava na extrema de algum almargem virente a tenda branca do pegureiro, que no dia seguinte nÆo se encontraria alli, se porventura se buscasse.

Havia, comtudo, povoaçes fixas naquelles ermos; havia habitages humanas, porØm nÆo de vivos. Os arabes collocavam os cemiterios nos logares mais saudosos dessas solidies, nos pendores meridionaes dos outeiros, onde o sol, ao pÆr-se, estirasse de soslaio os seus ultimos raios pelas lagens lisas das campas, por entre os raminhos floridos das sarças aputadas do vento. Era alli que, depois do vaguear incessante de muitos annos, elles vinham deitar-se mansamente uns ao pØ dos outros, para dormirem o longo somno sacudido sobre as suas palpebras das asas do anjo Azrael.

A raça arabe, inquieta, vagabunda e livre, como nenhuma outra familia humana, gostava de espalhar na terra aquelles padries, mais ou menos sumptuosos, do captiveiro e immobilidade da morte, talvez para avivar mais o sentimento da sua independencia illimitada durante a vida.

No recosto de um teso, elevado no extremo de extensa gandra que subia das margens do Guadamellato para o nordeste, estava assentado um desses cemiterios pertencente Æ tribu Yemenita dos Beni-Homair. Subindo pelo riu, viam-se alvejar ao longe as pedras das sepulturas como um vasto estendal, e tres unicas palmeiras, plantadas na corã do outeiro, lhe tinham feito dar o nome de cemiterio de al-tamarah. Transpondo o cabeçõ para o lado oriental, encontrava-se um desses brincos da natureza, que nem sempre a sciencia sabe explicar: era um cubo de granito de desconforme dimensÆo, que parecia ter sido posto alli pelos esforços de centenaes d'homens, porque nada o prendia ao solo. Do cimo desta especie de atalaia natural descortinavam-se para todos os lados vastos horisontes.

Era um dia Æ tarde: o sol descia rapidamente, e jÆ as sombras principiavam do lado de lØste a empastar a paisagem ao longe em negrumes confusos. Assentado na borda do rochedo quadrangular um arabe dos Beni-Homair, armado da sua comprida lança, volvia olhos attentos, ora para o lado do norte, ora para o de oeste: depois sacudia a cabeça com um signal negativo, inclinando-se para o lado opposto da grande pedra. Quatro sarracenos estavam alli tambem assentados em diversas posturas e em silencio, o qual sóera interrompido por algumas palavras rapidas, dirigidas ao da lança, e a que elle respondia sempre do mesmo modo com o seu menear de cabeça.

"Al-barr,"--disse por fim um dos sarracenos cujo trajo e gestos indicavam uma grande superioridade sobre os outros--"parece que o kaid de Chantoryu[1] esqueceu a sua injuria como o wali de

Zarkosta[2] a sua ambição d'independencia; e ató os partidários de Hafsun, esses guerreiros tenazes, tantas vezes vencidos por meu pae, não podem acreditar que Abdallah realize as promessas que me induziste a fazer-lhes."

"Amir-al-melek[3],--replicou Al-barr--"ainda não é tarde: os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto. Não creias que a ambição e a vingança adormeçam tão facilmente no coração humano. Dize, Al-athar, não te juraram elles pela sancta Kaaba[4] que os enviados com a noticia da sua revolta e da entrada dos christãos chegariam hoje a este logar aprazado, antes do anoitecer?"

"Juraram--respondeu Al-athar--; mas que fô merecem homens que não duvidam de quebrar as promessas solemnes feitas ao kalifa, e alôem d'isso de abrir o caminho aos infiéis para derramarem o sangue dos crentes? Amir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente; porque a ti devo quanto sou; mas oxalá que falhassem as esperanças que pões nos teus occultos alliados. Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Korthoba, e não houvera de ser o suppedaneo do throno que ambicionas o tumulo de teu irmão!"

Al-athar cobriu a cara com as mãos, como se quizesse esconder a sua amargura. Abdallah parecia commovido por duas paixões oppostas. Depois de se conservar algum tempo em silencio, exclamou:

"Se os mensageiros dos revoltosos não chegarem até o anoitecer, não falemos mais n'isso. Meu irmão Al-hakem acaba de ser reconhecido successor do kalifado: eu próprio o acceitei por futuro senhor poucas horas antes de vir ter comvosco. Se o destino assim o quer, faça-se a vontade de Deus! Al-barr, imagina que os teus sonhos ambiciosos e os meus foram uma kassidôh[5] que não soubeste acabar, como aquella que debalde tentaste repetir na presença dos embaixadores do Frandjat[6], e que foi causa de cahires no desagrado de meu pae e de Al-hakem, e de conceberes esse odio que alimentas contra elles, o mais terrível odio deste mundo, o do amor próprio offendido."

Ahmed Al-athar e o outro arabe sorriram ao ouvirem estas palavras de Abdallah. Os olhos, porém, de Al-barr faiscaram de colera.

"Pagas mal, Abdallah,--disse elle com a voz presa garganta--os riscos que tenho corrido para te obter a herança do mais bello e poderoso império do Islam. Pagas com allusies affrontosas aos que jogam a cabeça com o algoz para te pôr na tua uma coroa. És filho de teu pae! ... Não importa. Sóte direi que é já tarde para o arrependimento. Pensas acaso que uma conspiração sabida de tantos ficará occulta? No ponto a que chegaste, retrocedendo é que has-de encontrar o abysmo!"

No rosto de Abdallah pintava-se o descontentamento e a incerteza. Ahmed ia a falar, talvez para ver de novo se divertia o príncipe

da arriscada empresa de disputar a coroa a seu irm^o Al-hakem. Um grito, por \emptyset m, de atalaia o interrompeu. Ligeiro como relampago um vulto saíra do cemitério, galg Æ era o cabe \emptyset , e se aproxim Æ era sem ser sentido: vinha involto n'um albornoz escuro, cujo capuz quasi lhe encobria as fei \emptyset s, vendo-se-lhe apenas a barba negra e revolta. Os quatro sarracenos puseram-se em p \emptyset de um pulo, e arrancaram as espadas.

Ao ver aquelle movimento, o que cheg Æ era n^o fez mais do que estender para elles a m^o direita e com a esquerda recuar o capuz do albornoz: ent^o as espadas abaixaram-se como se uma corrente electrica tivesse adormecido os bra \emptyset s dos quairo sarracenos. Al-barr exclam Æ era:--"Muulin[7] o propheta! Muulin o sancto!..."

"Muulin o peccador:--interrompeu o novo personagem--Muulin, o pobre fakih[8] penitente e quasi cego de chorar as proprias culpas e as culpas dos homens, mas a quem Deus por isso illumina Æ es vezes os olhos da alma para antever o futuro ou ler no fundo dos cora \emptyset es. Li no vosso, homens de sangue, homens de ambi \emptyset o! Sereis satisfeitos! O senhor pesou na balança dos destinos a ti, Abdallah, e a teu irm^o Al-hakem. Elle foi achado mais leve. A ti o throno; a elle o sepulchro. Est Æ escripto. Vae; n^o pares na carreira, que n^o te \emptyset dado parar! Volta a Kortheba. Entra no teu palacio Merwan; \emptyset o palacio dos kalifas da tua dynastia. N^o foi sem mysterio que teu pae t'o deu por morada. Sobe ao sotam[9] da torre. Ahi achar Æ es cartas do kaid de Chantarya, e dellas ver Æ es que nem elle, nem o wali de Zarkosta, nem os Beni-Hafsun faltam ao que te juraram!"

"Sancto fakih--replicou Abdallah, cr \emptyset dulo como todos os musulmanos daquelles tempos de f \emptyset viva, e visivelmente perturbado--creio o que dizes, porque nada para ti \emptyset occulto. O passado, o presente, o futuro domina-los com a tua intelligencia sublime. Asseguras-me o triumpho; mas o perd^o do crime podes tu assegura-lo?"

"Verme, que te cr \emptyset es livre!--atalhou com voz solemne o fakih.--Verme, cujos passos, cuja vontade mesma, n^o s^o mais do que frageis instrumentos nas m^os do destino, e que te cr \emptyset es auctor de um crime! Quando a frecha despedida do arco fere mortalmente o guerreiro, pede ella acaso a Deus perd^o do seu peccado? Atomo varrido pela colera de cima contra outro atomo, que vaes aniquilar, pergunta antes se nos thesouros do Misericordioso ha perd^o para o orgulho insensato!"

Fez ent^o uma pausa. A noite descia rapida. Ao lusco-fusco ainda se viu sair da manga do albornoz um bra \emptyset felpudo e mirrado, que apontava para as bandas de Cordova. Nesta postura a figura do fakih fascinava. Coando pelos l Æ bios as syllabas, elle repeliu tres vezes:

"Para Merwan!"

Abdallah abaixou a cabeça, e partiu vagarosamente, sem olhar

para traz. Os outros sarracenos seguiram-no. El-Muulin ficou só

Mas quem era este homem? Todos o conheciam em Cordova; se vivesseis, porØm, naquella epocha e o perguntasseis nessa cidade de mais de um milh^o de habitantes, ninguem vo-lo saberia dizer. Era um mysterio a sua patria, a sua raça, donde viera. Passava a vida pelos cemiterios ou nas mesquitas. Para elle o ardor da canicula, a neve ou as chuvas do inverno eram como se n^o existissem. Raras vezes se via que n^o fosse lavado em lagrymas. Fugia das mulheres como de um objecto de horror. O que, porØm, o tornava geralmente respeitado, ou antes temido, era o dom de prophecia, o qual ninguem lhe disputava. Mas era um propheta terrivel, porque as suas predicções recahiam unicamente sobre futuros males. No mesmo dia em que nas fronteiras do imperio os christ^os faziam alguma correria, ou destruiam alguma povoação, elle annunciava publicamente o successo nas praças de Cordova: qualquer membro da familia numerosa dos Beni-Umeyyas cahia debaixo do punhal de um assassino desconhecido, na mais remota provincia do imperio, ainda das do Moghreb ou Mauritania, na mesma hora, no mesmo instante. Às vezes, elle o pranteava redobrando os seus choros habituaes. O terror que inspirava era tal, que no meio do maior tumulto popular a sua presença bastava para tudo cair em mortal silencio. A imaginação exaltada do povo tinha feito delle um sancto, sancto como o islamismo os concebia; isto Ø, um homem cujas palavras e aspecto gelavam de terror.

Ao passar por elle, Al-barr apertou-lhe a m^o, dizendo-lhe em voz quasi imperceptivel:

"Salvaste-me!"

O fakih deixou-o affastar, e fazendo um gesto de profundo despreso, murmurou:

"Eu?! Eu teu cumplice, miseravel?!"

Depois, alevantando ambas as m^os abertas para o ar, começou a agitar os dedos rapidamente, e rindo com um rir sem vontade, exclamou:

"Pobres titeres!"

Quando se fartou de representar com os dedos a idØa de escarneo que lhe sorria l^Æ dentro, dirigiu-se, ao longo do cemiterio, tambem para as bandas de Cordova, mas por diverso atalho.

[1] Santarem.

[2] Governador do Districto de Saragoça.

[3] Principe real.

[4] O famoso templo de Mekka.

[5] Poema de trinta versos, muito usado entre os arabes, e que correspondia de certo muito às nossas odes.

[6] Os reinos christãos além dos Pyreneus.

[7] Muulin significa o triste.

[8] Fakih ou faquir, especie de frade mendicante entre os musulmanos.

[9] Sotuko--o andar mais alto. Os nossos escriptores tomavam esta palavra n'um sentido evidentemente errado, servindo-se della para indicar o aposento inferior ou tórreo.

II

Nos paços de Azzahrat, o magnifico alcaçar dos kalifas de Cordova, ha muitas horas que cessou o estrepito de uma grande festa. O luar de noite serena d'abril bate pelos jardins que se dilatam desde o alcaçar até o Guad-al-købir, e alveja tremulo pelas fitas cinzentas dos caminbos tortuosos, em que parecem enredados os bosquesinhos de arbustos, os macissos de arvores silvestres, as veigas de flores, os vergeis embalsamados, onde a lorangeira, o limoeiro, e as demais arvores fructiferas, trazidas da Persia, da Syria e do Cathay, espalham os aromas variados das suas flores. LÆ ao longe Cordova, a capital da Hespanha mussulmana, repousa da lida diurna, porque sabe que Abdu-r-rahman III, o illustre kalifa, vøla pela segurança do imperio. A vasta cidade repousa profundamente; e o ruído mal distincto que parece revoar por cima della, ø apenas o respiro lento dos seus largos pulmies, o bater regular das suas robustas arterias. Das almadenas de seiscentas mesquitas n'ao soa uma unica voz de almuhaden, e os sinos das igrejas mosarabes guardam tambem silencio. As ruas, as praças, os azokes, ou mercados, est'ao desertos. Sónente o murmurio das novecentas fontes ou banhos publicos, destinados às abluçes dos crentes, ajuda o zumbido nocturno da sumptuosa rival de Bagdad.

Que festa fôra essa que expirÆera algumas horas antes de nascer a lua, e de tingir com a brancura pallida de sua luz aquelles dois vultos enormes de Azzahrat e de Cordova, que olhavam um para o outro, a cinco milhas de distancia, como dois phantasmas gigantes involtos em largos sudarios? Na manhan do dia que findÆera, Al-hakem, o filho mais velho de Abdu-r-rahman, fôra associado ao throno. Os walis, wasires e khatehs da monarchia dos Beni-Umeyyas tinham vindo reconhecê-lo Wali-al-ahdi; isto ø, futuro kalifa do Andalçes e do Moghreb. Era uma idøa affagada longamente pelo velho principe dos crentes que se realisÆera, e o jubilo de Abdu-r-rahman se havia espreado n'uma dessas festas, por assim

dizer fabulosas, que só sabia dar no seculo decimo a côte mais polida da Europa, e talvez do mundo, a do soberano sarraceno de Hespanha.

O palacio Merwan, juncto dos muros de Cordova, distingue-se Æ claridade duvidosa da noite pelas suas fórmas macissas e rectangulares, e a sua côtizada, bafo dos seculos que entristece e sanctifica os monumentos, contrasta com a das cupulas aereas e douradas dos edificios, com a das almadenas esguias e leves das mesquitas, e com a dos campanarios christãos, cuja tez docemente pallida suavisa ainda mais o brando raio de luar que se quebra naquelles estreitos pannos de pedra branca, d'onde não se reflecte, mas cabe na terra preguiçoso e dormente. Como Azzahrat e como Cordova, calado e aparentemente tranquillo, o palacio Merwan, a antiga morada dos primeiros kalifas, suscita idéas sinistras, emquanto o aspecto da cidade e da villa imperial unicamente inspiram um sentimento de quietação e paz. Não é sóa negridão das suas vastas muralhas a que produz essa abertura do coração que experimenta quem o considera assim solitario e carrancudo; é tambem o claro avermelhado que resumbra da mais alta das raras frestas abertas na face exterior da sua torre albarran, a maior de todas as que o cercam, a que atalaia a campanha. Aquella luz, no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da torre, é como um olho de demonio, que contempla colerico a paz profunda do imperio, e que espera ancioso o dia em que renasçam as luctas e as devastages de que por mais de dois seculos fôa theatro o solo ensanguentado de Hespanha.

Alguem vêla, talvez, no paço de Merwan. No de Azzahrat, posto que nenhuma luz bruxulee nos centenares de varandas, de miradouros, de porticos, de balcoes, que lhe arrendam o immenso circuito, alguem vêla por certo.

A sala denominada do Kalifa, a mais espaçosa entre tantos aposentos quantos encerra aquelle rei dos edificios, devia a estas horas mortas estar deserta, e não o está. Dois lampadarios de muitos lumes pendem dos artesies primorosamente lavrados, que, cruzando-se em angulos rectos, servem de moldura ao almofadado de azul e ouro, que reveste as paredes e o tecto. A agua de fonte perenne murmura cahindo n'um tanque de marmore construido no centro do aposento, e no topo da sala ergue-se o throno de Abdu-r-rahman, alcatifado dos mais ricos tapetes do paiz de Fars. Abdu-r-rahman está ahi sóinho. O kalifa passeia de um para outro lado, com olhar inquieto, e de instante a instante pára e escuta, como se esperasse ouvir um ruído longinquo. No seu gesto e meneios pinta-se a mais viva anciedade; porque o unico ruído que lhe fere os ouvidos é o dos proprios passos sobre o xadrez variegado, que fórma o pavimento da immensa quadra. Passado algum tempo, uma porta, escondida entre os brocados que forram os lados do throno, abre-se lentamente, e um novo personagem apparece. No rosto de Abdu-r-rahman, que o vê aproximar, pinta-se uma inquietação ainda mais viva.

O recém-chegado offercia notavel contraste no seu gesto e vestiduras com as pompas do logar em que se introduzia, e com o aspecto magestoso de Abdu-r-rahman, ainda bello apesar dos annos e das cans que começavam a misturar-se-lhe na longa e espessa barba negra. Os pões do que entræra apenas faziam um rumor sumido no chão de marmore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou tunica era de lan grosseiramente tecida, o cincto uma corda de esparto. Divisava-se-lhe, porØm, no despejo do andar e na firmeza dos movimentos que nenhum espanto produzia nelle aquella magnificencia. Não era velho; e todavia a sua tez tostada pelas injurias do tempo estava sulcada de rugas, e uma orla vermelha circulava-lhe os olhos, negros, encovados e reluzentes. Chegando ao pø do kalifa, que ficæra immovel, cruzou os braços e poz-se a contempla-lo calado. Abdu-r-rahman foi o primeiro em romper o silencio:

"Tardaste muito, e foste menos pontual do que costumás, quando annuncias a tua vinda a hora fixa, Al-muulin! Uma visita tua Ø sempre triste como o teu nome. Nunca entraste a occultas em Azzahrat senão para me saciares de amargura; mas apesar disso eu não deixarei de abençoar a tua presença, porque Algafir--dizem-no todos e eu o creio--Ø um homem de Deus. Que vens annunciar-me, ou que pretendes de mim?"

"Amir-al-muminin[1], que póde pretender de ti um homem cujos dias se passam æ sombra dos tumulos pelos cemiterios, e a cujas noites de oração basta por abrigo o portico de um templo; cujos olhos tem queimado o chão, e que não esquece um instante que tudo neste desterro, a dô e o goso, a morte e a vida, estæ escripto læ em cima? Que venho annunciar-te?!... O mal; porque sómal ha na terra para o homem, que vive como tu, como eu, como todos, entre o appetite e o rancor; entre o mundo e Eblis; isto Ø, entre os seus eternos e implacaveis inimigos!"

"Vens, pois, annunciar-me uma desventura?!... Cumpra-se a vontade de Deus. Tenho reinado perto de quarenta annos, sempre poderoso, vencedor e respeitado; todas as minhas ambições tem sido satisfeitas, todos os meus desejos preenchidos; e todavia nesta longa carreira de gloria e prosperidade sófui inteiramente feliz quatorze dias da minha vida[2]. Pensava que este fosse o decimo quinto. Devo acaso apaga-lo do registo em que conservo a memoria delles, e em que jæ o tinha escripto?"

"Pódes apaga-lo:--replicou o rude fakih--pódes, atØ, rasgar todas as folhas brancas que restam no livro. Kalifa! vØes estas faces sulcadas pelas lagrymas? vØes estas palpebras requeimadas por ellas? Duro Ø o teu coração, mais que o meu, se em breve as tuas palpebras e as tuas faces não estão semelhantes æs minhas."

O sangue tingiu o rosto alvo e suavemente pallido de Abdu-r-rahman: os seus olhos serenos como o ceu, que imitavam na côr, tomaram a terrivel expressão que elle costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar esse que sópor si fazia recuar os inimigos. O fakih não se moveu, e poz-se a olhar tambØm para elle fito.

"Al-muulin, o herdeiro dos Beni-Umeyyas pôde chorar arrependido de seus erros diante de Deus; mas quem disser que ha neste mundo desventura capaz de lhe arrancar uma lagryma, diz-lhe elle que mentiu!"

Os cantos da bôca de Al-gafir encresparam-se com um quasi imperceptivel sorriso. Houve um largo espaço de silencio. Abdu-r-rahman n^o o interrompeu: o fakih proseguiu:

"Amir-al-muminin, qual de teus dous filhos amas tu mais? Al-hakem, o successor do throno, o bom e generoso Al-hakem, ou Abdallah, o sabio e guerreiro Abdallah, o idolo do povo de Korthoba?"

"Oh,--replicou o kalifa sorrindo--j'Æ sei o que me queres dizer. Devias prever que a nova viria tarde, e que eu havia de sabe-lo... Os christ^os passaram a um tempo as fronteiras do norte e do oriente. Meu velho tio Al-mod-dhafer j'Æ depoz a espada victoriosa, e cr^oes necessario exp^or a vida de um delles aos golpes dos infi^ois. Vens prophetisar-me a morte do que partir. N^o Ø isto? Fakih, creio em ti, que Øs acceito ao Senhor; mas ainda creio mais na estrella dos Beni-Umeyyas. Se eu amasse um mais do que outro n^o hesitaria na escolha: fôra esse que eu mand'Æra, n^o Æ morte, mas ao triumpho. Se, porØm, essas s^o as tuas previsies, e ellas tem de realizar-se, Deus Ø grande! Que melhor leito de morte posso eu desejar a meus filhos do que um campo de batalha em al-djihed[3] contra os infi^ois?"

Al-gafir escutou Abdu-r-rahman sem o menor signal d'impaciencia. Quando elle acabou de falar repetiu tranquillamente a pergunta:

"Kalifa, qual amas tu mais dos teus dous filhos?"

"Quando a imagem pura e sancta do meu bom Al-hakem se me representa no espirito, amo mais Al-hakem: quando com os olhos da alma vejo o nobre e altivo gesto, a fronte vasta e intelligente do meu Abdallah, amo-o mais a elle. Como te posso eu, pois, responder, fakih?"

"E todavia Ø necess'Ærio que escolhas, hoje mesmo, neste momento, entre um e outro. Um delles deve morrer na próxima noite, obscuramente, nestes paços, aqui mesmo talvez, sem gloria, debaixo do cutello do algoz, ou do punhal do assassino."

Abdu-r-rahman recu'Æra ao ouvir estas palavras: o suor começou a descer-lhe em bagas da fronte. Bem que tivesse mostrado uma firmeza fingida, sentira apertar-se-lhe o coração desde que o fakih começ'Æra a falar. A reputaç^oo d'illuminado de que gosava Al-muulin, o character supersticioso do kalifa, e mais que tudo o haverem-se verificado todas as negras prophcias que n'um longo decurso de annos elle lhe fizera, tudo contribuia para atterrar o principe dos crentes. Com voz tr^omula replicou:

"Deus Ø grande e justo. Que lhe fiz eu para me condemnar no fim da vida a perpetua afflictção, a ver correr o sangue de meus filhos queridos Æs mãos da deshonra ou da perfidia?"

"Deus Ø grande e justo,--interrompeu o fakih.--Acaso nunca fizeste correr injustamente o sangue? Nunca por odio brutal despedaçaste de dõ nenhum coração de pae, de irmão, de amigo?"

Al-muulin tinha carregado na palavra irmão com um accento singular. Abdu-r-rahman, possuido de mal refreido susto, não attentou por isso.

"Posso eu acreditar uma tãõ estranha, direi antes tãõ incrivel prophécia--exclamou elle por fim--sem que me expliques o modo por que se deve realizar esse terrivel successo; e como ha-de o ferro do assassino ou do algoz vir dentro dos muros de Azzahrat verter o sangue de um dos filhos do kalifa de Korthoba, cujo nome, seja-me licito dize-lo, Ø o terror dos christãos, e a gloria do islamismo?"

Al-muulin tomou um ar imperioso e solemne, estendeu a mão para o throno, e disse:

"Assenta-te, kalifa, no teu throno, e escuta-me, porque em nome da futura sorte do Andalus, da paz e da prosperidade do imperio, e das vidas e do repouso dos mussulmanos eu venho denunciar-te um grande crime. Que punas, que perdoes, esse crime tem de custar-te um filho. Successor do propheta, iman[4] da divina religiãõ do Koran, escuta-me, porque Ø obrigaçõ tua ouvir-me."

O tom inspirado com que Al-muulin falava, a hora de alta noite, o negro mysterio que encerravam as palavras do fakih tinham subjugado a alma profundamente religiosa de Abdu-r-rahman. Machinalmente subiu ao throno, encruzou-se em cima da pilha de coxins em que elle rematava, e encostando ao punho o rosto demudado, disse com voz presa:--"Pões falar, Suleyman-ibn-Abd-al-gafir!"

Tomando entãõ uma postura humilde, e cruzando os braços sobre o peito, Al-gafir o triste começõu da seguinte maneira a sua narrativa.

[1] Principe dos crentes, titulo correspondente ao de kalifa.

[2] Historico

[3] Guerra-sancta

[4] Pontifice. Os kalifas reuniam em si o summo imperio, e o summo pontificado.

"Kalifa!--começou Al-muulin--tu Øs grande; tu Øs poderoso. N^o sabes o que Ø a affronta ou a injustiça cruel que esmaga o coração nobre e energico, se este n^o p^ode repelli-la, e sem demora, com o mal ou com a affronta, ving-a-la Æ luz do sol! Tu n^o sabes o que ent^o se passa na alma desse homem, que por todo o desaggravo deixa fugir alguma lagryma furtiva, e atØ, Æs vezes, Ø obrigado a beijar a m^o que o feriu nos seus mais sanctos affectos. N^o sabes o que isto Ø; porque todos os teus inimigos tem cahido diante do alfange do almogaure, ou deixado tombar a cabeça de cima do cØEpo do algoz. Ignoras por isso o que Ø o odio; o que s^o essas solidies tenebrosas, por onde o resentimento, que n^o p^ode vir ao gesto, se dilata e vive Æ espera do dia da vingança. Dir-to-hei eu. Nessa noite immensa, em que se envolve o coração chagado, ha uma luz sanguinolenta que vem do inferno, e que allumia o espirito vagabundo. Ha ahi terriveis sonhos, em que o mais rude e ignorante descobre sempre um meio de desaggravo. Imagina como serÆ facil aos altos entendimentos o encontra-lo! Épor isso que a vingança, que parecia morta e esquecida, apparece Æs vezes inesperada, tremenda, irresistivel, e morde-nos surgindo debaixo dos pØs como a vibora, ou despedaça-nos como o le^o pulando d'entre os juncaes. Que lhe importa a ella a magestade do throno, a sanctidade do templo, a paz domestica, o ouro do rico, o ferro do guerreiro? Mediu as distancias, calculou as difficuldades, meditou no silencio, e riu-se de tudo isso!"

E Al-gafir o triste desatou a rir ferozmente, Abdu-r-rahman olhava para elle espantado.

"Mas--proseguiu o fakih--Æs vezes Deus suscita um dos seus servos, um dos seus servos de animo tenaz e forte, possuido tambem de alguma idØa occulta e profunda, que se alevante, e rompa a trama urdida nas trØvas. Este homem no caso presente sou eu. Para bem? Para mal?--N^o sei; mas sou! Sou eu que, venho revelar-te como se prepara a ruina do teu throno, e a destruição da tua dynastia."

"A ruina do meu throno?--gritou Abdur-r-rahman pondo-se em pØ e levando a m^o ao punho da espada.--Quem, a n^o ser algum louco, imagina que o throno dos Beni-Umeyyas p^ode, n^o digo desconjunctar-se, mas apenas vacilar debaixo dos pØs de Abdu-r-rahman? Quando, porØm, falarÆs enfim claro, Al-muulin?"

E a colera e o despeito faiscavam-lhe nos olhos. Com a sua habitual impassibilidade o fakih proseguiu:

"Esqueces-te, kalifa, da tua reputação de prudencia e longanimidade. Pelo propheta! Deixa divagar um velho tonto como eu ... N^o!... Tens raz^o ... Basta! O raio que fulmina o cedro desce rapido do cØu. Quero ser como elle ... Amanhan a estas horas o teu filho Abdallah ter-te-ha jÆ privado da corã para a cingir na propria frente, e o teu successor Al-hakem terÆ perecido sob um punhal

d'assassino. Ainda te encolerizas? Foi acaso demasiado extensa a minha narrativa?"

"Infame!--exclamou Abdu-r-rahman--Hypocrita, que me tens enganado! Tu ousas calumniar o meu Abdallah? Sangue! Sangue ha-de correr, mas Ø o teu. Crias que com essas visagens d'inspirado, com esses trajos de penitencia, com essa linguagem dos sanctos poderias quebrar a afeiço mais pura, a de um pae? Enganas-te, Al-gafir! A minha reputação de prudente, verÆs que era bem merecida."

Dizendo isto o kalifa ergueu as mãos como quem ia a bater as palmas. Al-muulin interrompeu-o rapidamente, mas sem mostrar o menor indicio de perturbação ou terror.

"Não chames ainda os eunuchos; porque assim Ø que dÆs provas de que não a merecias. Conheces que me seria impossivel fugir. Para matar ou morrer sempre Ø tempo. Escuta, pois, o infame, o hypocrita atØ o fim. Acreditarias tu na palavra do teu nobre e altivo Abdallah? Bem sabes que elle Ø incapaz de mentir a seu amado pae, a quem deseja longa vida e todas as prosperidades possiveis."

O fakih desatÆEra de novo n'um rir trØmulo e hediondo. Metteu a mão no peitilho da aljarabia e tirou uma a uma muitas tiras de pergaminho: pôlas sobre a cabeça e entregou-as ao kalifa, que começou a lÆer com avidez. A pouco e pouco Abdu-r-rahman foi empallidecendo, as pernas vergaram-lhe, e por fim deixou-se cahir sobre os coxins do throno, e cobrindo a cara com as mãos, murmurou:--"Meu Deus! porque te mereci isto!"

Al-muulin fitÆEra nelle um olhar de girifalte, e nos labios vagueava-lhe um riso sardonico e quasi imperceptivel.

Os pergaminhos eram varias cartas dirigidas por Abdallah aos rebeldes das fronteiras do oriente, os Beni-Hafsun, e a diversos cheiks berebØres, dos que se haviam domiciliado na Hespanha, conhecidos pelo seu pouco affecto aos Beni-Umeyyas. O mais importante, porØm, de tudo era uma extensa correspondencia com Umeyya-ibn-Ishak, guerreiro celebre e antigo alcaide de Santarem, que por graves offensas passÆEra ao serviço dos christãos de Oviedo e Asturias com muitos cavalleiros illustres da sua clientela. Esta correspondencia era completa de parte a parte. Por ella se via que Abdallah contava não sócom os recursos dos mussulmanos seus parciaes, mas tambem com importantes soccorros dos infiØis por intervenção de Umeyya. A revolução devia rebentar em Cordova pela morte de Al-hakem e pela deposição de Abdu-r-rahman. Uma parte da guarda do alcaçar de Azzahrat estava comprada. Al-barr, que figurava muito nestas cartas, seria o hadjeb ou primeiro ministro do novo kalifa. Alli se liam, emfim, os nomes dos principaes personagens implicados na revolta, e todas as circunstancias desta eram explicadas ao antigo alcaide de SantarØm com aquella individualidade que nas suas cartas elle constantemente exigia. Al-muulin falÆEra verdade: Abdu-r-rahman via desprezar diante de

si a longa teia da conspiração, escripta com letras de sangue pela mão de seu proprio filho.

Durante algum tempo o kalifa conservou-se como a estatua da dô na postura que tomara. O fakih olhava fito para elle com uma especie de cruel complacencia. Al-muulin foi o primeiro que rompeu o silencio: o principe Beni-Umeyya, esse parecia ter perdido o sentimento da vida.

"É tarde:--disse o fakih.--Chegará em breve a manhan. Chama os eunuchos. Ao romper do sol a minha cabeça pregada nas portas de Azzahrat deve dar testemunho da promptidão da tua justiça. Elevei ao throno de Deus a ultima oração, e estou aparelhado para morrer, eu o hypocrita, eu o infame, que pretendia lançar sementes de odio entre ti e teu virtuoso filho. Kalifa, quando a justiça espera não são boas horas para meditar ou dormir."

Al-gafir retomava a sua habitual linguagem sempre ironica e insolente, e ao redor dos labios vagueava-lhe de novo o riso mal reprimido.

A voz do fakih despertou Abdu-r-rahman das suas tenebrosas cogitações. Poz-se em pé. As lagrymas haviam corrido por aquellas faces, mas estavam enxutas. A procella de paixões encontradas tumultuava lá dentro; mas o gesto do principe dos crentes recobrava apparente serenidade. Descendo do throno pegou na mão mirrada de Al-muulin, e apertando-a entre as suas, disse:

"Homem que guias teus passos pelo caminho do céu; homem acceito ao propheta, perdoa as injurias de um insensato! Cria ser superior á fraqueza humana. Enganava-me! Foi um momento que passou. Possas tu esquece-lo! Agora estou tranquillo ... bem tranquillo ... Abdallah, o traidor que era meu filho, não concebeu tão atroz designio. Alguém lh'o inspirou: alguém verteu naquelle animo soberbo as vans e criminosas esperanças de subir ao throno por cima do meu cadaver e do de Al-hakem. Não desejo sabe-lo para o absolver; porque elle já não pôde evitar o destino fatal que o aguarda. Morrerá; que antes de ser pae fui kalifa, e Deus confiou-me no Andalus a espada da suprema justiça. Morrerá; mas não de acompanha-lo todos os que o precipitaram no abysmo."

"Ainda ha pouco te disse--replicou Al-gafir--o que pôde inventar o odio que é obrigado a esconder-se debaixo do manto da indifferença, e até da submissão. Al-barr, o orgulhoso Al-barr, que tu offendeste no seu amor proprio de poeta, e que expulsaste de Azzahrat como um homem sem engenho nem saber, quiz provar-te que ao menos possuia o talento de conspirador. Foi elle que preparou este terrivel successo. Has-de confessar que se houve com destreza. Són'uma cousa não: em pretender associar-me aos seus designios. Associar-me? ... não digo bem ... fazer-me seu instrumento ... A mim! ... Queria que eu te apontasse ao povo como um impio pelas tuas alianças com os amires infiéis do Frandjat. Fingi estar por tudo; e chegou a confiar plenamente na minha lealdade. Tomei a meu cargo as

mensagens aos rebeldes do oriente e a Umeyya-ibn-Ishak, o aliado dos christãos, o antigo kaid de Chantaryin. Foi assim que pude colligir estas provas de conspiração. Loucos! as suas esperanças eram a miragem do deserto... Dos seus aliados apenas os de Zarkosta e das montanhas de Al-kibla não foram um sonho. As cartas de Umeyya, as promessas do amir nazareno de Djalikia[1], tudo era feito por mim. Como eu enganei Al-barr, que bem conhece a letra de Umeyya, esse é um segredo que depois de tantas revelações, tu deixarás, kalifa, que eu guarde para mim ... Oh, os insensatos! os insensatos!"

E desatou a rir.

A noite tinha-se aproximado do seu fim. A revolução, que ameaçava trazer à Hespanha mussulmana todos os horrores da guerra civil, devia rebentar dentro de poucas horas, talvez. Era necessário afoga-la em sangue. O longo habito de reinar, juncto ao character energico de Abdu-r-rahman, fazia com que nestas crises elle desenvolvesse de um modo admiravel todos os recursos que o genio amestrado pela experiencia lhe suggeria. Recalcando no fundo do coração a cruel lembrança de que era um filho que ia sacrificar a paz e a segurança do império, o kalifa despediu Al-muulin, e mandando immediatamente reunir o divan deu largas instrucções ao chefe da guarda dos slavos. Ao romper da manhã todos os conspiradores que residiam em Cordova estavam presos, e muitos mensageiros tinham partido levando as ordens de Abdu-r-rahman aos walis das provincias e aos generaes das fronteiras. Apesar das lagrymas e rogos do generoso Al-hakem, que luctou tenazmente por salvar a vida de seu irmão, o kalifa mostrou-se inflexivel. A cabeça de Abdallah cahiu aos pés do algoz na propria camara do principe no palacio Merwan. Al-barr, suicidando-se na masmorra em que o tinham lançado, evitou assim o supplicio.

O dia immediato à noite em que se passou a scena entre Abdu-r-rahman e Al-gafir, que tentamos descrever, foi um dia de sangue para Cordova, e de lucto para muitas das mais illustres famílias.

[1] Os árabes designavam os reis de Oviedo e Leão pelo titulo de reis de Galliza.

IV

Era pelo fim da tarde. N'uma alcova do palacio de Azzahrat via-se reclinado um velho sobre as almofadas persas de um vasto almatrah, ou camilha. Os seus ricos trajos, orlados de pelles alvissimas, faziam sobre-sair as feições enrugadas, a pallidez do rosto, o encovado dos olhos, que lhe davam ao gesto todas as características do de um cadaver. Pela immobilidade dir-se-hia que era uma destas mumias que se encontram pelas catacumbas do Egypto, apertadas entre as cem voltas das suas faixas mortuarias, e inteiriçadas

dentro dos sarcophagos de pedra. Um unico signal revelava a vida nssa grande ruina de um homem grande; era o movimento da barba longa e ponteaguda que se lhe estendia como um cone de neve tombado sobre o peitilho da tunica de precioso tiraz. Abdu-r-rahman, o illustre kalifa dos mussulmanos do occidente, jazia ahi e falava com outro velho, que, em p defronte delle, o escutava attentamente; mas a sua voz saia to fraca e lenta, que, apesar do silencio que reinava no aposento, sna curta distancia a que estava o outro velho se poderiam perceber as palavras do kalifa.

O seu interlocutor  uma personagem que o leitor conhecer apenas reparar no modo por que est trajado. A sua vestidura  uma aljarabia de burel cingida de uma corda de esparto. Ha muitos annos que nisto cifrou todos os commodos que acceita  civilisao. Est descal, e a grenha hirsuta e j grisalha cahe-lhe sobre os hombros em madeixas revoltas e emmaranhadas. A sua tez no  pallida, os seus olhos no perderam o brilho, como a tez e como os olhos de Abdu-r-rahman. Naquella, coriacea e crestada, domina a c mixta de verdenegro e amarello do ventre de um crocodilo; nestes, cada vez que os volve, fulgura a centelha de paixies ardentes, que lhe sussurram dentro d'alma como a lava prestes a jorrar do volco que ainda parece dormir.  Al-muulin, o sancto fakih, que vimos salvar, onze annos antes, o kalifa e o imperio da intentada revoluo de Abdallah.

Tinham de feito passado onze annos desde os terriveis successos acontecidos naquella noite em que Al-muulin descobrira a conspirao que se urdia, e desde ento nunca mais se vira Abdu-r-rahman sorrir. O sangue de tantos mussulmanos vertido pelo ferro do algoz, e sobretudo o sangue de seu proprio filho descera como a maldico do propheta sobre a cabea do principe dos crentes. Entregue a melancolia profunda, nem as novas de victorias, nem a certeza do estado florescente imperio o podiam distrahir della seno momentaneamente. Encerrado durante os ultimos tempos da vida no palacio de Azzahrat, a maravilha d'Hespanha, abandonera os cuidados do governo ao seu successor Al-hakem. Os gracejos da escrava Nuirat-eddia, a conversao instructiva da bella Ayecha, e as poesias de Mozna e de Sofyia eram o unico allivio que adoava a existencia aborrida do velho leo do islamismo. Mas apenas Al-gafir o triste se apresentava perante o kalifa, elle fazia retirar todos, e ficava encerrado horas e horas com este homem, to temido quanto venerado do povo pela austeridade das suas doutrinas, prgadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo. Abdu-r-rahman parecia inteiramente dominado pelo rude fakih, e, ao v-lo, qualquer poderia ler no gesto do velho principe os sentimentos oppostos do terror e do affecto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistivelmente para aquelle homem, e a outra metade o repellisse com repugnancia invencivel. O mysterio que havia entre ambos ninguem o podia entender.

E todavia a explicao era bem simples: estava no character extremamente religioso do kalifa, na sua velhice e no seu passado de principe absoluto, situao em que so faceis grandes virtudes

e grandes crimes. Habitudo a lisonja, a linguagem aspera e altivamente sincera de Al-muulin tivera a principio o atractivo de ser para elle inaudita; depois a reputação de virtude de Al-gafir, a crença de que era um propheta, a maneira por que, para o salvar e ao imperio, arrostando com a sua colera, e provando desprezar completamente a vida, tudo isto fizera com que Abdu-r-rahman visse nelle, como o mais credulo dos seus subditos, um bomem predestinado, um verdadeiro sancto. Sentindo avizinhar a morte, Abdu-r-rahman tinha sempre diante dos olhos que esse fakih era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvação até o throno de Deus. Cifrava-se nelle a esperança de um futuro incerto, que não podia tardar, e assim o espirito do monarcha, enfraquecido pelos annos, estudava anciosamente a minima palavra, o menor gesto de Al-muulin; prendia-se ao monge mussulmano como a hera antiga ao carvalho, em cujo tronco se alimenta, se ampara, e vae trepando para o ceu. Mas, ás vezes, Al-gafir repugnava-lhe. No meio das expansões mais sinceras, dos mais ardentes votos de uma piedade profunda, de uma confiança inteira na misericordia divina, o Fakih fitava de repente nelle os olhos scintilantes, e com sorriso diabolico vibrava uma phrase ironica, insolente e desanimadora, que ia gelar no coração do kalifa as consolagens da piedade, e despertar remorsos e terrores, ou completa desesperação. Era um jogo terrivel em que se deleitava Al-muulin, como o tigre com o palpar dos membros da rez que se lhe agita moribunda entre as garras sanguentas. Nessa lucta infernal em que lhe trazia a alma estava o segredo da attracção e repugnancia, que ao mesmo tempo o velho monarcha mostrava para com o fakih, cujo apparecimento em Azzahrat cada vez se tornava mais frequente, e agora se renovava todos os dias.

A noite descia triste: as nuvens corriam rapidamente do lado do oeste, e deixavam de quando em quando passar um raio afogueado do sol que se punha. O vento tepido, humido e violento fazia ramalhar as arvores dos jardins que circumdavam os aposentos de Abdu-r-rahman. As folhas, retinctas já de um verde amarellado e mortal, desprendiam-se das tranças das romeiras, dos sarmentos das videiras e dos ramos dos choupos em que estas se enredavam, e, remoinhando nas correntes da ventania, iam, iam, até rastejar pelo chão e empegar na grama sobre os prados. O kalifa, exausto, sentia aquelle ciclo da vegetação moribunda chama-lo tambem para a terra, e a melancholia da morte pesava-lhe sobre o espirito. Al-muulin durante a conversação daquella tarde havia-se mostrado, contra o seu costume, severamente grave, e nas suas palavras havia o que quer que era accorde com a tristeza que o rodeava.

"Conheço que se aproxima a hora fatal:--dizia o kalifa.--Nestas veias em breve se gelar o sangue; mas, sancto fakih, não me ser lícito confiar na misericordia de Deus? Derramei o bem entre os mussulmanos, o mal entre os infiéis: fiz emmudecer o livro de Jesus perante o de Mohammed; e deixo a meu filho um throno firmado no amor dos subditos e na veneração e temor dos inimigos da dynastia dos Beni-Umeyyas. Fiz quanto a um homem era dado fazer pela gloria do Islam. Que mais pretendes?--Porque não tens nos

labios para o pobre moribundo sen^o palavras de terror?--Porque ha tantos annos me fazes beber gole a gole a taça da desesperaç^o?"

Os olhos do fakih, ao ouvir estas perguntas, brilharam com desusado fulgor, e um daquelles sorrisos diabolicos, com que costumava fazer gelar todas as ardentes id^oas mysticas do principe, lhe assomou ao rosto enrugado e carrancudo. Contemplou por um momento o do velho monarcha, onde de feito j^o vagueavam as sombras da morte: depois dirigiu-se ^o porta da camara, assegurou-se bem de que n^o era possivel abrirem-na exteriormente, e voltando para ao p^o do almatrah, tirou do peitilho um r^oo de pergaminho, e começ^ou a ler em tom de indizível escarneo:

"Resposta de Al-gafir o triste ^os ultimas perguntas do poderoso Abdu-r-rahman, oitavo kalifa de Cordova, o sempre vencedor, justiceiro e bemaventurado entre todos os principes da raça dos Beni-Umeyyas. Capitulo avulso da sua historia."

Um rir prolongado seguiu a leitura do titulo do manuscripto. Al-muulin continuou:

"No tempo deste celebre, virtuoso, illustrado e justiceiro monarcha havia no seu diwan um wasir, homem sincero, zeloso da lei do propheta, e que n^o sabia torcer por humanos respeitos a voz da sua consciencia. Chamava-se Mohammed-Ibn-Ishak, e era irm^o de Umeyya-Ibn-Ishak, kaid de Chantaryn, um dos guerreiros mais illustres do Islam, segundo diziam."

"Ora esse wasir cahiu no desagrado do Abdu-r-rahman, porque lhe falava verdade, e rebatia as adulaç^oes dos seus lisongeiros. Como o kalifa era generoso, o desagrado para com Mohammed converteu-se em odio; e como era justo, o odio breve se traduziu n^o uma sentenç^o de morte. A cabeç^o do ministro cahiu no cadafalso, e a sua memoria passou ^o posteridade manchada pela calumnia. Todavia o principe dos fi^ois sabia bem que tinha assassinado um innocente."

As feiç^oes transtornadas de Abdu-r-rahman tomaram uma express^oo horrivel de angustia: quiz falar, mas apenas pô^oe fazer um signal como que pedindo ao fakih que se calasse. Este proseguir:

"Parece-me que o ouvir a leitura dos annaes do teu illustre reinado te allivia e revoca ^o vida. Continuarei. Podesse eu prolongar assim os teus dias, clementissimo kalifa!"

"Umeyya, quando soube da morte ignominiosa de seu querido irm^o, ficou como insensato. ^o saudade adjunctava-se o horror do ferrete posto sobre o nome, sempre immaculado, da sua familia. Dirigiu as supplicas mais vehementes ao príncipe dos fi^ois para que ao menos rehabilitasse a memoria da pobre victima; mas soube-se que ao ler a sua carta o virtuoso principe desatara a rir...! Era, conforme lhe relatou o mensageiro, deste modo que elle ria."

E Al-muulin aproximou-se de Abdu-r-rahman, e soltou uma gargalhada. O moribundo arrancou um gemido.

"Está um pouco melhor ... não é verdade, invencível kalifa? Prosigamos. Umeyya quando tal soube, calou-se. O mesmo mensageiro que chegara de Korthoba partiu para Oviedo. O rei cristão de Al-djuf não se riu da sua mensagem. Dahi o pouco Radmiro tinha passado o Douro, e as fortalezas e cidades mussulmanas ató o Tejo haviam aberto as portas ao rei franco, por ordem do kaid de Chantaryn. Com um numeroso esquadrão de amigos leaes este ajudou a devastar o territorio mussulmano do Gharb até Merida. Foi uma esplendida festa; um sacrifício digno da memoria de seu irmão. Seguiram-se muitas batalhas, em que o sangue humano correu em torrentes."

"Pouco a pouco Umeyya começou a reflectir. Era Abdu-r-rahman quem o offendia. Para que tanto sangue vertido? A sua vingança fôra a de uma besta-fôra; fôra estúpida e van. Ao kalifa, quasi sempre victorioso, que importavam os que por elle pereciam? O kaid de Chantaryn mudou então de systema. A guerra publica e inutil converteu-a em perseguição occulta e efficaz: a força oppoz a destreza. Fingiu abandonar os seus aliados e sumiu-se nas trevas. Esqueceram-se delle. Quando tornou a apparecer a luz do dia ninguém o conheceu. Era outro. Vestia um burel grosseiro; cingia uma corda de esparto; os cabellos cahiam-lhe desordenados sobre os hombros e velavam-lhe metade do rosto: as faces tinha-lh'as tisonado o sol dos desertos. Corria o Andaluz e o Moghreb; espalhara por toda a parte os thesouros da sua família e os próprios thesouros até o ultimo dirhem, e em toda a parte deixara agentes e amigos fiéis. Depois veio viver nos cemiterios de Korthoba, juncto dos porticos soberbos do seu inimigo mortal; espiar todos os momentos em que podesse oferecer-lhe a amargura, as angustias em troca do sangue de Mohammed-Ibn-Isbak. O guerreiro chamou-se desde esse tempo Al-gafir, e o povo denominava-o Al-muulin, o sancto fakih..."

Como sacudido por uma corrente electrica, Abdu-r-rahman dera um pulo no almatrah ao ouvir estas ultimas palavras, e ficou sentado, hirto e com as mãos estendidas. Queria bradar, mas o sangue escumou-lhe nos labios, e só pôde murmurar já quasi inintelligivelmente:

"Maldicto!"

"Boa cousa é a historia,--proseguiu o seu algoz sem mudar de postura--quando nos recordâmos do nosso passado, e não achâmos lá para colher um cênico espinho de remorso! É o teu caso, virtuoso principe! Mas sigamos ávante. O sancto fakih Al-muulin foi quem instigou Al-barr a conspirar contra Abdu-r-rahman; quem perdeu Abdallah; quem delatou a conspiração; quem se apoderou do teu animo credulo; quem te puniu com os terrores de tantos annos; quem te acompanha no trance derradeiro, para te lembrar juncto as portas do inferno que se foste o assassino de seu irmão, tambem

o foste do proprio filho; para te dizer que se cobriste o seu nome de ignominia, tambem ao teu se ajunctorÆ o de tyranno. Ouve pela ultima vez o rir que responde ao teu riso de ha dez annos. Ouve, ouve, kalifa!"

Al-gafir, ou antes Umeyya, levantÆEra gradualmente a voz, e estendia os punhos cerrados para Abdu-r-rahman, cravando nelle os olhos reluzentes e desvairados. O velho monarcha tinha os seus abertos, e parecia tambem olhar para elle, mas perfeitamente tranquillo. A quem houvesse presenciado aquella tremenda scena nÆo seria facil dizer qual dos dous tinha mais horrendo gesto.

Era um cadaver o que estava diante de Umeyya: o que estava diante do cadaver era a expressÆo mais energica da atrocidade de coraÆo vingativo.

"Oh, se nÆo ouviria as minhas derradeiras palavras!..."--murmurou o fakih depois de ter conhecido que o kalifa estava morto. Poz-se depois a scismar largo espaÆo: as lagrymas rolavam-lhe a quatro e quatro pelas faces rugosas.--"Um anno mais de tormentos, e ficava satisfeito!--exclamou por fim.--PodØra eu dilatar-lhe a vida!"

Dirigiu-se entÆo para a porta, abriu-a de par em par e bateu as palmas. Os eunuchos, as mulheres, e o proprio Al-hakem, inquieto pelo estado de seu pae, precipitaram-se no aposento. Al-muulin parou no limiar da porta, voltou-se para traz, e com voz lenta e grave disse:

"Orae ao propheta pelo repouso do kalifa."

Houve quem o visse saír, quem Æ luz baÆa do crepusculo o visse tomar para o lado de Cordova com passos vagarosos, apesar das lufadas violentas do oeste, que annunciavam uma noite procellosa. Mas nem em Cordova, nem em Azzahrat, ninguØm mais o viu desde aquelle dia.

ARRHAS POR FORO D'HESPANHA (1371-2)

A Arraya-Miuda

O sino das ave-marias, ou da oraÆo, tinha dado na torre da sØ a ultima badalada, e pelas frestas e portas dessa multidÆo de casas, que apinhadas Æ roda do castello, e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cincta das muralhas primitivas de Lisboa,

pareciam mal caberem nellas, viam-se fulgurar aqui e acolÆ as luzes interiores, enquanto as ruas, tortuosas e immundas, jaziam como baralhadas e confusas sob o manto das trevas. Era chegada a hora dos terrores; porque durante a noite, naquelles bons tempos, a estreita senda de bosque deserto nÆo era mais triste, temerosa e arriscada que a propria rua-nova, a mais opulenta e formosa da capital. O que, porØm, havia ahi desacostumado e estranho era o completo silencio e a escuridÆo profunda em que jazia sepultado o paço d'apar S. Martinho, onde entÆo residia elrei D. Fernando, ao mesmo tempo que pelos becos e encruzilhadas soava um tropear de passadas, um sussurro de vozes vagas, que indicavam terem sido agitadas as ondas populares pelo vento de Deus, e que ainda esse mar revolto nÆo tinha inteiramente cahido na calma e somnolencia que vem apÆs a procella.

E assim era, com effeito, como o leitor poderÆ averiguar por seus proprios olhos e ouvidos, se, manso, manso e disfarçado, quizer entrar comnosco na mui affamada e antiga taberna do velho Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sair da sØ, na rua que sobe para os paços da alcaçova, sete ou oito portas acima dos paços do concelho.

A taberna de micer Folco Taca, genovez, que viera a Portugal ainda impubere, como pagem d'armas do famoso almirante Langarote Peçanha, e que havia annos abandonÆEra o serviço maritimo para se dar Æ mercancia, era a mais celebre entre todas as de Lisboa, nÆo só pelo luxo do seu adereço, e bondade dos liquidos encerrados nas cubas monumentaes que a pejavam, mas tambem porque em um aposento mais retirado e interior uma vasta banca de pinho e muitos assentos rasos, ou escabellos, offerciam todo o commodo aos tavolageiros de profissÆo, para perderem ou ganharem ahi, em noites de jogo infrene, os bellos alfonsins e maravedis de ouro, ou as estimadas dobras de D. Pedro I, que, ao contrario dos seus antecessores e successores, julgÆEra ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso, do que roubando-lhe o valor intrinseco, e augmentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo de seu reinar.

Micer Folco soubera estender grossas nevoas sobre os olhos do corregedor da cÆrte e de todos os saies, algozes e mais familia da nobre raça dos alguazis sobre a illegalidade de semelhante estabelecimento industrial. O elixir que elle empregÆEra para produzir essa maravilhosa cegueira nÆo sabemos nÆs qual fosse; mas Ø certo que nÆo se perdeu com a alchimia, porque se vÆ que elle existe em mÆos abençoadas, produzindo ainda hoje repetidos milagres em tudo analogos a este.

Era, pois, na taberna-tavolagem da porta do ferro, conhecida vulgarmente por tal nome em consequencia da vizinhança desta porta da antiga cÆrca, onde os ruidos vagos e incertos, que sussurravam pelas ruas da cidade, soavam mais alta e distinctamente, como em sorvedouro marinho as ondas, remoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais soturno e retumbante

fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava atØ o breve terreirinho da sØ, falando todos a um tempo, accesos, ao que parecia, em violentas disputas, que Æs vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas e blasphemias, indicio evidente de que o successo que motivava aquella assuada ou tumulto era negocio que excitava vivamente a colera popular.

JÆ no fim do seculo decimo-quarto era o povo, assim como boje, colerico. Entºo coleras da puericia; hoje aborrimientos de velhice.

Se na rua o borborinho era tempestuoso e confuso, dentro da casa de micer Folco a bulha podia chamar-se infernal. Para um dos lados, no meio de uma espessa móde populares, ouviam-se palavras ameaçadoras, sem que fosse possivel perceber contra qual ou quaes individuos se accumulava tanta sanha. Para outra parte, d'entre o vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdiçºo se revelava nos seus coromens de panno d'ArrÆs, nos cinctos escuros, nas camisas e vØus desadornados e lisos, rompiam risadas discordes e esganiçadas, em que se sentia profundamente impresso o descaro e insolencia daquellas desgraçadas. Em cima dos bofetes viam-se picheis e taças vazias, e debaixo de alguns delles corpos estirados, que simulariam cadaveres, se os assovios e roncocos que Æs vezes sobresaíam atravØs do ruído daquelle respeitavel congresso, nºo provassem que esses honrados cidadºos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do entusiasmo, tinham adormecido na paz d'uma boa consciencia. Emfim, a composta e illustre taberna do antigo companheiro de gloria de micer Lançarote estava visivelmente prostituida e livelada com as mais immundas e vis baiocacas de Lisboa. O gigante popular tinha ahi assentado a sua curia feroz, e pela primeira vez o vicio e a corrupçºo tinham transposto aquelles umbraes sem a sua mascara de modestia e gravidade. Sobre os farrapos do povo nºo tØem cabida os adornos de ouropel. Éa unica differença moral que ha entre elle e as classes superiores, que se crØem melhores, porque no gymnasio da civilisaçºo aprendem desde a infancia as destrezas e os momos de compostura hypocrita.

O astro que parecia alumiar com sua luz, aquecer com seu calor aquelle turbilhºo de planetas; o centro moral, Æ roda do qual giravam todos aquelles espiritos, era um homem que dava mostras de ter bem quarenta annos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e scintilantes, cabello negro e revoltado, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bofetes que adornavam o amplo aposento, e rodeado de uma vasta pinha de populares de ambos os sexos, que o escutavam em respeitoso silencio, a sua voz grossa e sonora sobresaía no ruído, e sóse confundia com alguma jura blasphema que se disparava do meio das outras pinhas de povo, ou com as modulações das risadas, que vibravam naquelle ambiente denso e abafado, de certo modo semelhantes a clarºo affogueado que sulcasse rapidamente as trevas humidas e profundas da crypta subterranea de alguma igreja do sexto seculo.

De repente dous cavalleiros, cuja graduaçºo se conhecia pelos

barretes de veludo preto adornados de pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas, e pelos cintos de pelle de gamo lavrados de prata, entraram na taberna, e, rompendo por entre o povo, que lhes alargava a passagem, chegaram ao pØ do homem alto e trigueiro. Traziam os capeirotos puxados para a cara, de modo que nenhum dos circumstantes pôde conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos daquelles cerebros vinolentos de o indagar; mas uma identica reflexªo atou todas as mªos. Ao longo da côxa esquerda dos embuçados via-se reluzir a espada, e no lado direito, apertado no cincto, que a ponta erguida do capeirote deixava apparecer, descortinava-se o punhal. O passaporte para virem assim aforrados era digno de todo o respeito, e ainda que entre a turba se achassem alguns homens d'armas, principalmente bØsteiros, quasi todos estavam desarmados. Tinha seus riscos, portanto, o pØ-lhes o visto popular.

Os dous desconhecidos falaram em segredo por alguns minutos ao homem alto e magro, que de quando em quando meneava a cabeça fazendo um gesto de assentimento: depois romperam por entre a turba, que os examinava com uma especie de receio misturado de respeito, e foram assentar-se em dous dos escabellos enfileirados ao correr da parede. Encostando os cotovelos em um bofete, com as cabeças apertadas entre os punbos, ficaram imoveis e como alheios ao sussurro que começava a alevantar-se de novo Æ roda delles.

Este durou breves instantes; um psiuh do homem alto e magro fez voltar todos os olhos para aquella banda. Subindo a um escabello, elle deu signal com a mªo de que pretendia falar.

"Ouvide! Ouvide!"--bradaram alguns que pareciam os maioraes daquela multidªo desordenada.

Todos os pescoços se alongaram a um tempo, e viram-se muitas mªos callosas erguerem-se encurvadas, e formarem em volta das orelhas de seus donos uma especie de anel acustico. O orador principiou:

"Arraya-miuda[1]! tendes vós jÆ elegido, entre vós outros, cidadªos bem falantes e avisados para propØ vossos embargos e razoados contra este maldicto e descommunal casamento d'el-rei com a mulher de Joªo Lourenço da Cunha?"

"Todos Æ uma entendemos que deveis ser vós, mestre Fernªo Vasques: --respondeu um velho, cuja calva polida reverberava os raios d'uma das lampadas pendentes do tecto, e que parecia ser homem de conta entre os populares.--Quem ha ahi entre a arraya-miuda mais discreto e aposto para taes autos que vós? Quem com mais urgentes razies proporia nosso agravo e a deshonra e vilta d'elrei, do que vós o fizestes hoje na mostra que dØmos ao paço esta tarde?"

"Alcacer, alcacer! por nosso capitªo Fernªo Vasques:--bradou unisona a chusma.

"Fico-vos obrigado, mestre Bartholomeu Chambão!--replicou Fernão Vasques, socegado o tumulto.--Pelo razoado de hoje terei em paga a força, se a adúltera chega a ser rainha: pelo do Amanhan terei as mãos decepadas em vida, se elrei com suas palavras mansas e enganosas souber apaziguar o povo. E tendes vós por averiguado, mestre Bartholomeu, que o carrasco sabe apertar melhor o nóda corda na garganta, que eu o ponto em peitilho de saio, ou em costura de redondel ou pelote, e que o cutelo do algoz entra mais rijo no gasnate de um christão que a vossa enchón'uma aduela de pipa?"

"Nanja enquanto na minha aljava houver almazem, e a garrucha da bosta, me não estourar!--exclamou um bosteiro de conto, cambaleando e erguendo-se debaixo d'um bofete, para onde o haviam derribado certas perturbações d'entusiasmo politico.

"Amendico Vobis!--gritou um beguino, cujas faces vermelhas e voz de Stentor brigavam com o habito de grosseiro burel e com as desconformes camandulas que lhe pendiam da cinta.

"Oló, Fr. Roy Zambrana, fala linguagem christenga, se queres vir nesse bordo por nossa esteira!--bradou um petintal d'Alfama, que, segundo parecia, capitaneava um grande troço de pescadores, barqueiros e galeotes daquelle bairro, então quasi exclusivamente povoado de semelhante gente.

"Digo por linguagem"--acudiu o beguino--"que ninguém como mestre Fernão Vasques é homem de cordura e sages para Amanhan falar a elrei aguisadamente sobre o feito do casamento de Leonor Telles, do mesmo modo que ninguem leva vantagem ao petintal Ayras Gil em ousadia para fugir aos galões de Castella e doestar os bons servos da igreja."

Era allusão pessoal. Uma risada ruidosa e longa correspondeu ao mordente desforra de Fr. Roy, que abaixou os olhos com certo modo hypocritamente contrito, semelhante ao gato, que, depois de dar a unhada, vem roçar-se mansamente pela mão que ensanguentou.

Fr. Roy era tambem, como Ayras Gil, um idolo popular, e a vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal nascera da emulação; de uma duvida cruel sobre a altura relativa do throno de encruzilhada, do throno de lama e farrapos, em que cada um delles se assentava.

Se, pois, aquella multidão não estivesse persuadida da superioridade intellectual do alfaiate Fernão Vasques, a opinião desses dous oráculos lhe não teria deixado a menor duvida sobre isso. Todavia, nas palavras de ambos havia um pensamento escondido; pensamento de odio que nascera n'um dia, e n'um dia lançara profundas raizes nos corações de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisongeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam juntamente dous resultados, o de ganharem mais credito entre

este, e de aplanarem a estrada da força ao novo rei das turbas, erguido, havia poucas horas, sobre os broqueis populares.

Mas que auto era este de que o povo falava? Sabe-lo-hemos remontando um pouco mais alto.

O amor cego d'el-rei D. Fernando pela mulher de João Lourenço da Cunha, D. Leonor Telles, havia muito que era o pasto saboroso da maledicencia do povo, dos calculos dos politicos e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principaes cavalleiros de Portugal, D. Leonor, ambiciosa, dissimulada e corrompida, tinha empregado todas as artes do seu engenho prompto e agudo em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favoravel. Quanto a elrei, a paixão violenta em que este ardia lhe assegurava a ella o completo dominio no seu coração. Mas as miras daquella mulher, cuja alma era um abysmo de cubiça, de desenfreamento, de altivez e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vangloria de ver a seus pés um rei bom, generoso e gentil. Através do amor de D. Fernando ella só enxergava o refulgir da coroa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se em seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas caricias, a idéa primitiva de todas as suas idéas. Leonor Telles não amava elrei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor della; e este principe, que seria um dos melhores monarchas portuguezes, e que a muitos respeitos o foi, deixou na historia, quasi sempre superficial, um nome deshonorado, por ter escripto esse nome na horrivel chronica da nossa Lucrecia Borgia. Uma difficuldade, quasi insuperavel para outra que não fosse D. Leonor, se interpunha entre ella e seus ambiciosos designios. Era casada! Um processo de divorcio por parentesco, julgado por juizes affectos a D. Leonor, ou que sabiam até onde chegava a sua vingança, a livrou desse tropeço. Seu marido, João Lourenço da Cunha, atterrado, fugiu para Castella, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella, muito antes da epocha em que começa esta narrativa, viu enfim satisfeito o seu amor insensato.

Aquelles d'entre os nobres, que ainda conservavam puras as tradições severas dos antigos tempos, indignavam-se pelo opprobrio da coroa e pelas consequencias que devia ter o repudio da infante de Castella, cujo casamento com elrei, ajustado e jurado, este desfizera com a leveza que se nota como defeito principal no character de D. Fernando. Entre os que altamente desaprovavam taes amores, o infante D. Diniz, o mais moço dos filhos de D. Ignez de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco[2] eram, segundo parece, os cabeças da parcialidade contraria a D. Leonor; aquelle pela altivez de seu animo; este por gratidão a D. Henrique de Castella, em quem achava amparo e abrigo no tempo dos seus infortunios, e que o salvava da triste sorte de Alvaro Gonçalves Coutinho e de Pedro Coelho, seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez.

O casamento d'elrei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor

vago, uma suspeita. Os nobres, porØm, que o desaprovavam souberam transmitir ao povo os proprios temores; e a agitaco dos animos crescia À medida que os amores d'elrei se tornavam mais publicos. D. Fernando tinha já revelado aos seus conselheiros a resoluço que tomEra, e estes, posto que a principio lhe falassem com a liberdade que então se usava nos pas dos reis, vendo suas diligencias baldadas, contentaram-se de condemnar com o silencio essa malaventurada resoluço. O povo, porØm, não se contentou com isso.

Conforme as idØas desse tempo, alØm das consideraes politicas, semelhante consorcio era monstruoso aos olhos do vulgo, por um motivo de religião, o qual ainda de maior peso seria hoje, e são-lo-ha em todos os tempos em que a moral social fr mais respeitada do que o era naquella epocha. Tal consorcio constituia um verdadeiro adulterio, e os filhos que delle procedessem mal poderiam ser considerados como infantes de Portugal, e por consequencia como fiadores da successão da cora.

A irritação dos animos, assoprada pela nobreza, tinha chegado ao seu auge, e a colera popular rebentEra violenta na tarde que precedeu a noite em que começa esta historia.

Tres mil homens se tinham dirigido tumultuariamente Às portas do pa, dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozeria e estrepito que fazia aquella multitudo desordenada assustou elrei, que por um seu privado mandou perguntar o que lhes prazia e para que estavam assim reunidos. Então o alfaiate Fernão Vasques, capitão e procurador por elles, como lhe chama Fernão Lopes, affeiu em termos violentos as intenes d'elrei, liberalizando a D. Leonor os titulos de mãE mulher e feiticeira, e asseverando que o povo nunca havia de consentir em seu casamento adultero. A arenga rude e vehemente do alfaiate orador, acompanhada e victoriada de gritas insolentes e ameaçadoras do tropel que o seguia, moveu elrei a responder com agradecimentos Às injurias, e a affirmar que nem D. Leonor era sua mulher, nem o seria nunca, promettendo ir na manhan seguinte aclarar com elles este negocio no mosteiro de S. Domingos, para onde os emprasava. Com taes promessas pouco a pouco se aquietou o motim, e ao cahir da noite o terreiro d'apar S. Martinho estava em completo silencio. Como se, na solidão, elrei quizesse consultar consigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidraças cradas das esguias janellas dos pas reaes, que vertiam quasi todas as noites o ruido e o esplendor dos sarEus, cerradas nesta hora e caladas como sepulchro, contrastavam com o reluzir dos fachos, com o estrepito das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados, com o perpassar contínuo dos magotes e pinhas de gente que se encontravam, uniam, separavam, retrocediam, vacillavam, ficavam immoveis, agglomeravam-se para se desfazer, desfaziam-se para se agglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objecto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irreflectido como ellas. Feroz na sua colera razoada, ferocissimo no seu rir insensato, o vulgo

passava, rei de um dia. Esse ruído, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triumpho: e as estrellas de serena noite de agosto, semelhantes a lampadas pendentes de abobada profunda, alumiam o sarau popular, as salas do seu folguedo, a praça e a encruzilhada. Era a um tempo truanesco e terrível.

Na taberna de micer Folco (onde deixamos as personagens principais desta historia, para inserir, talvez fora de logar, o prologo ou introducção a ella) as acclamações freneticas dos populares tinham tornado indubitavel que o propoedor para o ajuntamento do dia seguinte devia ser o mui avisado e sages mestre Fernão Vasques. Fr. Roy era de todos os circumstantes o que mais parecia ter a peito esta escolha, e o petintal Ayras Gil ajudava-o poderosamente com o ruido dos amplos pulmões dos galeotes d'Alfama, contrabidos como em voga arrancada, victoriando o seu capitão. O alfaiate não pôde resistir, nem porventura tinha vontade d'isso, a tanta popularidade, e em pò sobre o escabello, com a cabeça levemente inclinada para o peito, n'uma postura entre de resignação e de bemaventurança, tremulava-lhe nos labios semi-abertos um sorriso que revelava uma parte dos mysterios do seu coração. Emfim, quando a grita começou a asserenar, Fernão Vasques ergueu a cabeça, e com aspecto grave deu signal de que pretendia falar ainda.

Fez-se de novo silencio.

"Seja, pois, como quereis:--disse o alfaiate--mas vede o grão risco a que me ponho por vós outros. Falarei eu a elrei com liberdade portuguesa: proporei vosso agravo e a deshonor e feio peccado de sua real senhoria, mas é necessario que vós todos quantos ahi sois estejades de alcateia e ao romper d'alva no alpendre de S. Domingos. Dizem que a adultera é mulher de grande coração e ousados pensamentos; em Lisboa estão muitos cavalleiros seus parentes e parciaes. Bósteiros deste concelho, que não vos esqueçam em casa vossas bóstas e aljavas! Pioada de Lisboa, levae vossas ascumas! Os trons e engenhos do castello--acrescentou o alfaiate em voz mais baixa e hesitando--não vos apoquentarão, ainda que elrei o quizesse, porque o alcaidemór João Lourenço Bubal não é dos affeiçados a D. Leonor Telles. Sancta Maria e Sanctiago sejam comvosco! Alcacer, alcacer pela arraya-miuda! A repousar, amigos!"

--"Alcacer, alcacer!--respondeu a turbamulta.

"Morra a comborça!"--gritou Ayras Gil com voz de trovão.--"Morra a comborça!"--repetiram os galeotes e as virtuosas matronas dos coromens d'arrães e cintos pretos, que assistiam àquelle conclave.

"Olha, Ayras, que S. Martinho fica perto, e contam que D. Leonor tem ouvido subtil:"--disse Fr. Roy ao petintal com um sorriso diabólico.

"Dor de levadigas te consumam, ichacorvos!"--replicou o petintal.--"Quando eu quero que me ouçam é que falo alto. Alcacer

por sua senhoria o bom rei D. Fernando! Deus o livre de Castella e de feitiços!"

O petintal emendava a mão como podia. E entre morras e alcaceres; entre risadas e pragas; entre ameaças vans e insultos inúteis, aquella vaga de povo contida na taberna de micer Folco, espraizou-se pelas ruas, derivou pelas quelhas, vielas e becos, e embebeu-se pelas casinhas e choupanas, que nessa epocha jaziam muitas vezes deitadas juncto Às raizes dos palacios na velha e opulenta Lisboa.

Com os braços cruzados o alfaiate contemplava aquella multidão, que diminuia rapidamente, e cujo sussurro alongando-se era comparavel ao gemido do tufão, que passa de noite pelas sarças da campina. Ainda elle tinha os olhos fitos no portal por onde saíra o vulto indelivel chamado povo, e já ninguem ahi estava, salvo os dous cavalleiros, que se tinham conservado immoveis na mesma postura que haviam tomado, e Fr. Roy, que se estirava sobre um dos bofetes, e já roncava e assobiava como em somno profundo.

Os dous cavalleiros ergueram-se e descobriram os rostos: a um ainda a barba de homem não punhia nas faces: o outro, na alvura das melenas brancas, que trazia cahidas sobre os hombros À moda de Castella, e no rosto sulcado de rugas, certificava ser já bem larga a historia da sua peregrinação na terra.

O mancebo olhou para Fernão Vasques, que parecia absorto, e depois para o velho com um gesto de impaciencia. Este olhou tambem para elle, e sorriu-se. Depois o ancião chamou o alfaiate em voz baixa, mas perceptivel.

Este, como se cahisse em terra da altura dos seus pensamentos, estremeceu, e, saltando do escabello, onde ainda se conservava em pé, encaminhou-se rapidamente para os dous cavalleiros:

"Senhor infante, que vossa mercê me perdê e o senhor Diogo Lopes Pacheco! Não que, no meio d'este arruído, quasi me esquecêra de que ereis aqui. Estaes desenganados por vossos olhos de que posso responder pelo povo, e de que Amanhan não faltarão em S. Domingos?"

"Na verdade--respondeu o mancebo--que tu governas mais nelle que meu irmão com ser rei! Veremos se Amanhan te obedecem como te obedeceram hoje."

"É um notavel capitão--acrescentou Diogo Lopes, rindo e batendo no hombro do alfaiate.--Se fosses capaz de reger assim em hoste uma bandeira de homens d'armas merecerias a alcaidaria de um castello."

"Que sóntregaria, no alto e no baixo, irado e pagado, de noite ou de dia, Àquelle que de mim tivesse preito e menagem."

"Bem dicto!--interrompeu o velho Pacheco, no mesmo tom em que

começara.--Se t'a negarem não ser por errares as palavras do preito. Tem a certeza, de que has-de ir longe, Fernão Vasques; muito longe! Assim eu a tivera, de que não me ser preciso cozer a ponta de punhal a boca de quem ousar dizer que o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco cruzaram esta noite a porta da taberna do gonovez Folco Taca."

Quando estas ultimas palavras, proferidas lentamente, saíram dos labios do que as proferia, os roncões e assobios do beguino que dormia foram mais rapidos e tremulos.

"Quem é aquelle ichacorvos?--proseguiu Diogo Lopes, apontando para Fr. Roy com um gesto de desconfiança.

"É um dos nossos:--respondeu o alfaiate--um dos que mais têm encarniçada a arraya-miuda contra a feiticeira adultera. Na assuada desta tarde foi dos que mais gritaram defronte dos paços d'el-rei. Por este respondo eu. Não tereis, senhor Diogo Lopes, de lhe cozer a boca a ponta de vosso punhal."

"Responde por ti, honrado capitão da arraya-miuda--replicou o velho cortezão.--Quem me responde por elle é o seu dormir profundo: quem me responderia por elle, se acordando nos visse aqui, seria este ferro que trago na cinta. Agora o que importa. Em quanto Amanhan elrei se demorar em S. Domingos, um troço d'arraya-miuda e bosteiros ha-de commetter o paço, e ou do terreiro, ou rompendo pelos aposentos interiores, é necessario que uma pedra perdida, um tiro de bosta disparado por engano, uma ascuma brandida em algum corredor escuro, nos assegure que elrei não pode deixar de attender as supplicas dos seus leaes vassallos e dos cidadãos de Lisboa."

"Morta!--exclamou o infante com um gesto de horror.--Não, não, Diogo Lopes; não ensanguenteis os paços de meu irmão, como ..."

"Como ensanguentei os paços de Sancta Clara:--atalhou Pacheco--dizei-o francamente; porque nem remorsos me ficaram cá dentro. Senhor infante, vós esquecestes-vos d'isso, porque eu posso e valho com elrei de Castella! Senhor infante, a ambição tem que saltar muitas vezes por cima dos vestigios de sangue! Vós passastes aevante, e não vistes os do sangue de vossa mãe! Porque hesitareis ao galgar os do sangue de Leonor Telles? Senhor infante, quem sobe por sendas ingremes e por despenhadeiros tem a certeza de precipitar-se no fojo, se covardemente recôa."

D. Diniz tinha-se tornado pallido como cera. Não respondeu nada; mas dos olhos rebentaram-lhe duas lagrymas.

Fernão Vasques escutou a prelecção politica do velho matador de D. Ignez de Castro com religiosa attenção. E resolveu tambem a consigo não se deixar cahir no fojo.

"Far-se-ha como apontaes:--disse elle falando com Diogo Lopes--mas

se os homens d'armas e bõsteiros de Jo^o Lourenço Buval descerem do castello..."

"N^o te disse, ainda ha pouco, que Jo^o Lourenço ficaria quedo no meio da revolta?--Podes estar socegado, que n^o te certifiquei d'isso sópara animares o povo. Éa realidade. Agora tracta de dispôr as cousas para que n^o seja um dia inutil o dia d'Æmanhan."

Pegando ent^o na m^o do infante, o feroz Pacheco saíu da taberna, e tomou com elle o caminho da Alcaçova. Fern^o Vasques ficou um pouco scismando: depois saíu, dirigindo-se para a porta do ferro, e repetindo em voz baixa:--"N^o me precipitarei no fojo!"

Passados alguns instantes de silencio Fr. Roy alevantou devagarinho a cabeça, assentou-se no bofete e poz-se a escutar: depois saltou para o ch^o, apagou a lampada que ardia no meio da casa, abandonada por Folco Taca logo que o povo tumultuariamente a inundÆera, chegou Æ porta, escutou de novo alguns momentos, manso e manso encaminhou-se para a torre da s^o da banda do norte, e como um fantasma, desapareceu cozido com a negra e alta muralha da cathedral.

[1] Fern^o Lopes dÆ a entender (Chr. de D. Jo^o I. P. 1.º c.44) que a denominaç^o de arraya-miuda se começÆera a dar aos populares no principio da revolta a favor do Mestre d'Aviz, para os distinguir dos nobres, pela maior parte fautores de D. Leonor e dos castelhanos; mas este titulo chocarreiro o havia tomado para si o povo miudo jÆ d'antes e com muita seriedade. Em um documento de 1305 (Chancell. de D. Diniz L. 3^o das Doages fol. 42 v.) se diz que outorgavam certas cousas os cavalleiros, juizes e concelho de Bragança e toda a arraya-miuda.

[2] Fern^o Lopes affirma que Pacheco n^o tornÆera ao reino desde que fugíra por escapar Æ vingança de D. Pedro I por causa da morte de D. Ignez, sen^o no anno de 72, em que viera por embaixador d'elrei D. Henrique. Isto parece inexacto; Fr. Manuel dos Santos affirma o contrario fundado na restituic^o de todos os seus bens e titulos feita por D. Fernando no começo do seu reinado. N^o Ø isto que prova a assistencia de Pacheco em Portugal no anno de 1371, n^o sóporque depois de vir podia voltar para Castella, mas tambem essa restituic^o podia ser feita estando e conservando-se elle ausente, visto que a fruiç^o d'um titulo, ou de terras da corã, por simples mercçE, n^o obrigando a serviço pessoal, ao menos at^o o tempo de D. Jo^o I, n^o tornava necessaria a presença do donatario no reino. O que prova a verdade da opini^o de Santos Ø a doaç^o feita a Diogo Lopes em 1371 (Chancell. D. Fern. f.84) da terra de Trancoso para pagamento de sua quantia, o que supie serviço pessoal; porque era pelas quantias que os fidalgos estavam obrigados a faze-lo.

Quem hoje passa pela cadeia da cidade de Lisboa, edificio immundo, miseravel, insalubre, que por si só bastava a servir de castigo a grandes crimes[1], ainda vê na exterminidade delle umas ruinas, uns entulhos amontoados, que separa da rua uma parede de pouca altura, onde se abre uma janella gothica. Esta parede e esta janella são tudo o que resta dos antigos paços d'apar S. Martinho, igreja que tambem já desapareceu, sem deixar sequer por memoria um panno de muro, uma fresta, de outro tempo. O Limoeiro é um dos monumentos de Lisboa sobre que revoam mais tradições de remotas eras. Nenhuns paços dos nossos reis da primeira e segunda dynastia foram mais vezes habitados por elles. Conhecidos successivamente pelos nomes de paços d'elrei, paços dos infantes, paços da moeda, paços do limoeiro, a sua historia vae sumir-se nas trevas dos tempos. São da era mourisca? Fundaram-nos os primeiros reis portuguezes? Ignoramo-lo. E que muito, se a origem de Sancta Maria Maior, da veneranda cathedral de Lisboa, é um mysterio! Se, transfigurada pelos terremotos, pelos incendios e pelos conegos, nem no seu archivo queimado, nem nas suas rugas caiadas e douradas pôde achar a certidão do seu nascimento e dos annos da sua vida! Como as da igreja, as ruinas da monarchia dormem em silencio à roda de nós, e, involto nos seus eternos farrapos, o povo vive eterno em cima ou ao lado dellas, e nem sequer indaga porque jazem ahi!

Na memoravel noite em que se passaram os successos narrados no capítulo antecedente, essa janella dos paços d'elrei era a unica aberta em todo o vasto edificio, mas calada e escura como todas as outras. Só de quando em quando, quem para lá olhasse attento do meio do terreiro enxergaria o que quer que era alvacento, que ora se chegava à janella, ora se retrahia. Mas o silencio que reinava naquelles sitios não era interrompido pelo menor ruído. De repente um vulto chegou debaixo da janella e bateu de vagarinho as palmas: a figura alvacentu chegou à janella, debruçou-se, disse algumas palavras em voz baixa, retirou-se, tornou a voltar e pendurou uma escada de corda que segurou por dentro. O vulto que chegava subiu rapidamente, e ambos desapareceram através dos corredores e aposentos do paço.

Em um destes ultimos, alumiado por tochas seguras por longos braços de ferro chumbados nas paredes, passeava um homem de meia idade e gentil. Os seus passos eram rapidos e incertos, e o seu aspecto carregado. De quando em quando parava e escutava a uma porta, cujo reposteiro se meneava levemente; depois continuava a passear, parando às vezes com os braços cruzados e como entregue a cogitações dolorosas.

Por fim o reposteiro ondeou d'alto a baixo e franziu-se no meio: mão alva de mulher o segurava. Esta entrou, após ella um homem alto e robusto, vestido de burel e cingido de cincto de esparto, d'onde pendiam umas grossas camandulas. A dama atravessou vagarosamente a sala e foi sentar-se em um estrado de altura

de palmo, que corria ao longo d'uma das paredes do aposento. O homem que passeava assentou-se tambØm no unico escabello que alli havia. Fr. Roy, que o leitor jÆ terÆ conhecido, ficou ao pØ da porta por onde entrara, com a cabeça baixa e em postura abeatada.

"Aproxima-te, beguino!"--disse com voz trØmula elrei; porque era elrei D. Fernando o homem que se assentÆera.

Fr. Roy deu uns poucos de passos para diante.

"Que ha de novo?"--perguntou elrei.

"O povo cada vez estÆ mais alvoroado, e jura falar rijamente Æmanhan a vossa senhoria. Mas essa nªo Ø a peor nova que eu trago!"

"Fala, fala, beguino!--acudiu elrei, estendendo a mªo convulsa para o ichacorvos.

"Éque Æmanhan, em quanto vossa senhoria estiver em S. Domingos, o paço serÆ accomettido. Pretendem matar..."

"Mentes, beguino!--gritou a dama, erguendo-se do estrado de um salto, semelhante a tigre descoberto pelos caçadores nos matagaes da `sia.--Mentes! Podem nªo me querer minha: mas assassinar-me! Isso Ø impossivel. Amo muito o povo de Lisboa; tenho-lhe feito as mercÇEs que posso, para que elle haja de me odiar assim de morte. Os fidalgos podem persuadi-lo a oppØ-se ao nosso casamento; mas nunca a pØ mªos violentas na pobre Leonor Telles."

"Prouvera a Deus que eu mentisse hoje! Seria a primeira vez na minha vida:--replicou o ichacorvos com ar contrito.--Mas ouvi com meus ouvidos a ordem para o feito e a promessa da execuçªo, haverÆ tres credos, na taberna de Folco Taca."

"Miseraveis!--bradou erguendo-se tambem elrei, a quem o risco da sua amante restituira por um momento a energia.--Miseraveis! Querem sobre a cerviz o jugo de ferro de meu pae? Te-lo-hªo. Quem ousa ordenar tal cousa?"

"Diogo Lopes Pacheco, do vosso conselho, o disse ao alfaiate Fernªo Vasques, o coudel dos revoltosos, e vosso irmªo D. Diniz estava tambem com elles:"--respondeu Fr. Roy.

O beguino era o espia mais sincero e imperturbavel de todo o mundo.

"Velho assassino!--exclamou D. Fernando--cubriste de luto eterno o coraçªo do pae! Queres cubrir o do filho. E tu, Diniz, que eu amei tanto, tambem entre os meus inimigos! Leonor, que faremos para te salvar?! Aconselha-me tu, que eu quasi que enlouqueci!"

O pobre e irresoluto monarcha cobriu o rosto com as mªos, arquejando

violentamente. D. Leonor, cujos olhos centelhantes, cujos labios esbranquiçados revelavam mais odio que terror, lançou-lhe um olhar de desprezo, e em tom de mofa respondeu:

"Sim, senhor rei, na falta de vossos leaes conselheiros posso eu, triste mulher, dar-vos um bom conselho. Acordae vossos pagens, que v^o pregar um poste à porta destes paços, e mandae-me amarrar a elle para que o vosso bom povo de Lisboa possa despedaçar-me tranquillamente. E manhan sem profanar os vossos aposentos reaes. Ser^o mais uma grande merc^o que lhe fareis em recompensa do seu amor. E vossa pessoa, da sua obediencia aos vossos mandados."

"Leonor, Leonor, n^o me fales assim, que me matas!--gritou D. Fernando, deitando-se aos p^os de D. Leonor e abraçando-a pelos joelhos, com um ch^o convulso.--Que te fiz eu para me tractares t^o cruelmente?"

"D. Fernando, lembra-te bem do que te vou dizer! O povo ou se rege com a espada do cavalleiro, ou elle vem collocar a ascuma do pe^o sobre o throno real. Quem n^o sabe brandir o ferro, cede; deixa-o reinar."

"Tens raz^o, Leonor!--disse D. Fernando, enxugando as lagrymas e alçando a fronte nobre e formosa, onde se pintava a indignaç^o. --Serei filho de D. Pedro o cruel; serei successor de meu pae. Eu mesmo vou ao alcaçar examinar os engenhos mais valentes que cubram o terreiro de S. Martinho de pedras, de viroties e de cadaveres: os montantes e as b^ostas dos homens d'armas e b^osteiros do meu alcaide-m^o de Lisboa far^o o resto. Jo^o Lourenço Bubal ser^o fiel a seu rei. Se necessario f^o com minhas proprias m^os ajudarei a p^o fogo. E cidade, para que nem um revoltoso escape. Adeus, Leonor: conta que ser^o vingada."

D. Fernando voltou-se rapido para a porta do aposento. Fr. Roy estava immovel diante d'elle.

"Jo^o Lourenço Bubal--disse o espia sem se alterar--o dos revoltosos. Ovi-o da b^oca do proprio Diogo Lopes, que o certificou a Fern^o Vasques. Os trons do alcacer est^o desapparelhados; e a maior parte dos homens d'armas e b^osteiros do alcaide-m^o eram na taberna de Folco Taca os mais furiosos contra a que elles chamam...."

"Cal-te, beguino!--gritou elrei, empurrando-o com força e procurando tapar-lhe a b^oca.

O ichacovros parou onde o impulso recebido o deixou parar, e ficou outra vez immovel diante de D. Fernando, a quem este ultimo golpe lançava de novo na sua habitual perplexidade.

"... A adúltera:--proseguiu Fr. Roy acabando a phrase, porque ainda a devia, e era escrupuloso e pontual do desempenho do seu ministerio.

"Beguino!--atalhou D. Leonor com voz trêmula de raiva--melhor fôra que nunca essa palavra te houvesse passado pela bôca; porque talvez um dia ella seja fatal para os que a tiverem proferido."

"Mas que faremos!!--murmurou elrei com gesto d'indizível agonia.

"Havia ainda ha pouco tres expedientes,--respondeu D. Leonor, recobrando apparente serenidade--combater, ceder, fugir. O primeiro ÷ jÆ impossível; o segundo!... Porque n'ao o acceitas, Fernando? Prestes estou para tudo. N'ao me verÆs mais, ainda que, longe de ti, por certo estalarei de dor. Cede Æ forçã: os teus vassallos o querem; que-lo o teu povo. Esquece-te para sempre de mim!"

"Esquecer-me de ti? N'ao te vËer mais? Nunca! Obedecer Æ forçã? Quem ha ahi que ouse dizer ao rei de Portugal!--rei de Portugal, obedece Æ forçã?--Os peies de Lisboa?! Porque sou manso na paz, n'ao crËem que a minha espada no campo de batalha cõte arnezes como a do melhor cavalleiro? Bons escudeiros e homens d'armas da minha hoste, por onde andaes derramados? Dormis por vossas honras e solares? O povo vos acordarÆ como me acordou a mim; bramirÆ como os lobos da serra ao redor de vossas moradas; saltar-vos-ha no meio de vossos banquetes, por entre o ruído de vossos folgares. No ardor de vossos amores dir-vos-ha:--desamae!--Elle ousa jÆ dizer-lo a seu rei e senhor... Oh desgraçado de mim, desgraçado de mim!"

"N'ao queres, pois, deixar-me entregue Æ minha estrella?--disse D. Leonor, com voz entre de chõo e de ternura, abraçando pelo pescoço o pobre monarcha, e chegando a sua frente suave e pallida Æs faces afogueadas de D. Fernando, que n'uma especie de delirio olhava espantado para ella.

"N'ao, n'ao! Viver contigo, ou morrer contigo. Cahirei do throno, ou tu subirÆs a elle."

Um sorriso quasi imperceptivel se espraizou pelo rosto de Leonor Telles, que, recuando e tomando uma postura resoluta e ao mesmo tempo de resignaçõ, proseguiu com voz lenta mas firme:

"Ent'ao resta o fugir."

"Fugir!--exclamou elrei. E esta palavra sóera mais expressiva que narraçõ bem extensa dos atrozes martyrios que o malaventurado curtia no coraçõ irresoluto mas generoso, com a idõa de um feito vil e covarde em qualquer escudeiro, vilissimo e torpissimo n'um rei de Portugal, em um neto de Affonso IV.

Elrei olhou para ella um momento. Era sereno o seu rosto angelico, semelhante ao de uma dessas virgens que se encontram nas illuminuras de antigos codices, o segredo de cujos toques, perdido no fim do seculo quinze, a arte moderna a muito custo pôe fazer resurgir. O mais experto physionomista difficoltosamente adivinharia a negrura d'alma que se escondia debaixo das puras e candidas feiçes de

D. Leonor, se n^o fossem duas rugas que lhe desciam da fronte e se uniam entre os sobr'olhos, contrahindo-se e deslizando-se rapidamente, como as vesiculas peçonhentas das fauces d'uma vibora.

"Seja, pois, assim! Fujamos:"--murmurou D. Fernando com o tom e gesto com que o suppliciado daria no alto do patibulo o perd^o ao algoz.

D. Leonor tirou do largo cincto, com que apertava a airosa cinctura, uma bolça de ouropel, e atirou com ella aos p^os do beguino, que, de m^os cruzadas sobre o peito e os olhos semi-abertos cravados na abobada do aposento, parecia extatico e engolfado nos pensamentos sublimes do ceu.

"Vinte dobras de D. Pedro por teu soldo, beguino: vinte pelo teu silencio. O resto da recompensa te-lo-has um dia, se a adultera atravessar triumphadora o portal por onde vae saír fugitiva."

O rir affavel de que estas palavras foram acompanhadas fizeram correr um calafrio pela medulla espinal do ichacorvos, cujas pernas vacillaram. Mas o contacto das quarenta dobras, que uniu immediatamente ao peito debaixo do escapulario, lhe restituiram o vigor natural.

Elrei havia-se assentado, quasi desfallecido, no escabello unico do aposento, e o seu aspecto demudado infundia ao mesmo tempo terror e compaix^o. Quando o beguino alevantou a bolça, D. Fernando fitou nelle os olhos e estendeu a m^o para o reposteiro sem dizer palavra.

Fr. Roy curvou a cabeça, cruzou de nova as m^os sobre o peito, e, recuando at^o a porta, desapareceu no corredor escuro por onde entr^Æera.

Apenas os passos lentos e pesados do ichacorvos deixaram de soar, D. Leonor encaminhou-se para uma janella que dava para um vasto terrado, e affastou a cortina que servia durante o dia de mitigar a excessiva luz do sol. A noite ía em meio do seu curso, como o indicava o mortif^o das tochas, que mal allumiavam o aposento, e a lua, j^Æ no minguate, começava a subir na abobada do firmamento, mergulhando no seu clar^o sereno o brilho esplendido das estrellas. A janella estava aberta, e o escabello d'elrei ficava proximo e fronteiro: o luar batia de chapa no rosto bello e triste de D. Fernando, que, embebido no seu amargurado scismar, parecia alheio ao que passava ^Æ roda delle, e esquecido de que lhe restavam poucas horas para poder levar a cabo a resoluç^o que tom^Æera. Leonor Telles, encostada ao mainel da janella, poz-se a olhar attentamente. A cidade dormia; e apenas o ladro de algum c^o cortava aquella especie de zumbido, que ^Ø como o respirar nocturno de uma grande povoaç^o que repousa. L^Æ em baixo uma faixa tr^omula, semelhante a uma ponte de luz, cortava obliquamente o T^ojo, d'onde mais largo se encurva pela margem esquerda. Os mastros de milhares de navios, emparelhados com a cidade desde Sacavem at^o o promontorio

onde campeava f́ra dos arrabaldes de S. Francisco, formavam uma especie de floresta lançada entre a cidade e a sua immensa bahia. Desde o terrado, para o qual dava a janella, atØ o rio, o bairro dos judeus, pendurado pela encosta ingreme e fechado com travezes e cadeias nos topos das ruas, desenhava uma especie de triangulo, cuja hase assentava sobre o lanço oriental da muralha mourisca, e cujo vertice, voltado para o occidente, se coroava com a synagoga, abrigada Æ sombra do vulto disforme da cathedral. Pouco distante do terrado, entre o palacio e a judearia, a claridade da lua batia de chapa em um terreiro irregular, rodeado de mesquinhas e meio-arruinadas casas, que pela maior parte pareciam deshabitadas. No meio delle o que quer que era se erguia semelhante ao arco de um portul romano. Parecia ser uma ruina, um fragmento de edificio da antiga Olisipo, que esquecØEra alli aos terremotos, Æs guerras e aos incendios, e ao qual finalmente chegÆEra a sua hora de desabar, porque uma alta escada de mºo estava encostada Æ verga que assentava sobre os dous pilares lateraes e os unia, como se alli a tivessem posto para, em amanhecendo, os obreiros poderem subir acima e derribarem-no em terra.

Era para esse vulto que D. Leonor se pozera a olhar attentamente.

Depois voltou o rosto para elrei, que, com a cabeça baixa, os braços estendidos, e as mºos encurvadas sobre os joelhos, parecia vergar sob o peso da sua amargura: contemplou-o com um gesto de compaixºo por alguns momentos, e, estendendo para elle os braços, exclamou:

"Fernando!"

Havia no tom com que foi proferida esta unica palavra um mundo de amor e voluptuosidade; mas no meio da brandura da voz de Leonor Telles havia tambem uma corda aspera; a lguma cousa do rugir do tigre.

Elrei deu um estremeço, como se pelos membros lhe houvera coado uma faisca electrica; ergueu-se e atirou-se a chorar aos braços de Leonor Telles.

"manhan--disse elle com voz affogada,--o rei mais deshonorado da christandade serei eu: o cavalleiro mais vil das Hespanhas serÆ D. Fernando de Portugal. Que me resta? São teu amor; mais nada. Porque não me pedem antes a cora real, que para mim tem sido cora de espinhos? Dera-a de boa vontade. Oh Leonor, Leonor! serias a mulher mais perversa se um dia me atraiaçasses."

Um beijo da adultera cortou as lastimas d'elrei. A formosura desta mulher tinha um toque divino Æ claridade da lua. D. Fernando, embriagado d'amor, esqueceu-se de que poucas horas lhe restavam para fugir do seu povo enganado e ludibriado por elle.

"Fernando!"--proseguiu D. Leonor--"jura-me ainda uma vez que serÆs sempre meu, como eu serei sempre tua."

Dizendo isto, afastou-o brandamente de si.

"Juro-t'õ uma e mil vezes pela fõ de leal cavalleiro que atõ hoje fui. Juro-t'õ pelo ceu que nos cobre. Juro-t'õ pelos ossos de meu nobre e valente avo, que ãli dorme juncto ao altar-mõ da sõ, debaixo das bandeiras infiõis que conquistou no Salado. Juro-t'õ por mais que tudo isso: juro-t'õ pelo meu amor!"

"Bem estã, rei de Portugal!--atalhou D. Leonor.--Agora sóuma cousa me resta para te pedir. Nãõ õ favor; õ justiça."

"Nãõ me peças Lisboa, que essa sabe Deus se tornarã a ser minha, rica, povoada e feliz como eu a tornei, ou se repousarei ainda a cabeça nestes paõs de meus antepassados, passando por cima das ruínas dela! Nãõ me peças Lisboa, que talvez ãmanhan deixe de me chamar seu rei: do resto de Portugal pede-me o que quizeres."

"Quero que me dões as minhas arrhas: quero o preõ do meu corpo, segundo foro de Hespanha."

"Villa-viõsa õ alegre como um horto de flores, e Villa-viõsa dar-t'a-hei eu. O castelo d'Obidos õ forte e roqueiro: sãõ numerosos e prestes para a defesa os seus engenhos, e o castelo d'Obidos serã teu. Cintra pendura-se pela montanha entre lenões d'aguas vivas, e respira o cheiro das ervas e flores que crescem ã sombra das penedias: pãdes ter por tua a Cintra. Alemquer õ rica no meio de suas vinhas e pomares, e Alemquer te chamarã senhora."

"Guarda as tuas villas, D. Fernando, que eu nãõ t'as peõ em dote: quero apenas uma promessa de cousa de bem pouca valia."

"De muita ou de pouca, nãõ me importa! Dar-te-hei o que me pedires."

D. Leonor estendeu a mãõ para a especie de portada romana, que se erguia solitaria no meio do terreiro deserto:

"Éalli que tu me darães o preõ do meu corpo, se um dia a cerviz da orgulhosa Lisboa se curvar debaixo de teu jugo real."

Elrei lanõu um rapido volver d'olhos para onde Leonor Telles tinha o braõ estendido, mas recuou horrorizado. O vulto que negrejava no meio do terreiro, era o patibulo popular e peãõ: era a forca, tõtrica, temerosa, maldicta!

"Leonor, Leonor!--disse elrei com um som de voz cavo e debil--porque vens tu misturar pensamentos de sangue com pensamentos d'amor? Porque interpies um instrumento de morte e de affronta entre mim e ti? Porque preferes o fructo do cadafalso ães villas e castellos de que te faõ senhora? Porque trocas a estola do clerigo que ha-de unir-nos pelo baraõ aspero do algoz?"

"Rei de Portugal!--respondeu a mulher de Joãõ Lourenõ da Cunha

com um brado de furor--ainda me perguntas porque o faço? Tu nunca serás digno do sceptro de teu pae! Queres saber porque ajuncto pensamentos de sangue a pensamentos d'amor? É porque esses de quem eu o peço pediram tambem o meu sangue. Queres saber porque interponho entre mim e ti um instrumento de morte e d'affronta? É porque o teu bom povo de Lisboa quiz tambem interpoer entre nós a morte, e saciar-me de affrontas. Queres que te diga porque prefiro o fructo do cadafalso ás villas e castellos que me offerces? É porque para os animos generosos não ha vender vinganças por ouro. Vingança, rei de Portugal, te pede em dote a tua noiva! Jura-me que um dia os teus vassallos que me perseguem serão tambem perseguidos, e que essa vil plebe, que cobre de injurias e pragas o meu nome, porque te amo, o amaldiçoem, porque levo os seus caudilhos ao patibulo. Este é o preço do meu corpo. Sem esse preço a neta de D. Ordonho de Leão[2] nunca será mulher de D. Fernando de Portugal."

E com um braço estendido para o logar sem nome[3] do supplicio, e com o outro curvado como quem affastava de si elrei, esta mulher vingativa era sublime de atrocidade.

"Tens razão, Leonor:--disse por fim D. Fernando, depois de largo silencio, em que os affectos inconstantes do seu character voluvel mudaram gradualmente.--Tens razão. A futura rainha de Portugal terá o seu desaggravo: as linguas que te offenderam calar-se-hão para sempre: os corações que te desejaram a morte deixarão de bater. No meu throno, atão aqui de mansidão e bondade, assentar-se-ha a cruieza. Com Judas o traidor seja eu sepultado no inferno se faltar ao juramento que te faço de lavar em sangue a tua e a minha injuria."

A estas palavras o aspecto severo de Leonor Telles mudou-se em um sorrir de inexplicavel doçura.

"Oh, como te hei-de amar sempre!"--murmurou ella. E estas palavras cahiam de seus labios meigos e suaves como o arrulhar de pomba amorosa.

Um beijo ardente, que sussurrou levado nas asas da brisa fresca da noite, assellou este pacto de odio e d'exterminio.

[1] Isto era escripto em 1844.

[2] A familia de Leonor Telles suppunha-se descender de D. Ordonho II, rei de Leão.

[3] Logar sem nome. Nós pelo menos não nos atrevemos a pô-lh'o. Sabemos só que em tempos remotos a forca esteve perto da igreja de S. João da Praça, freguezia cuja existencia data pelo menos do tempo de D. Affonso III. (Mem. para as Inquir. Doc. 2.") Talvez o terreiro ou praça em que ella estava d'esse o cognome da parochia. Desconfiâmos, todavia, de que este terreiro se estendesse para o lado oriental da s'ão, e que nesse caso o

nome fosse Aljami. D. João I fez mercê em 1392 ao bispo de Lisboa D. Martinho (Chancel. de D. João I, L. 2.ª) de uns pardieiros no chão d'Aljami, que partem com os paços do dito bispo, para fazer umas casas e torre. Os paços dos bispos ficavam para o lado oriental da sã. Alom d'isso Aljami parece derivar-se do arabico aljamea, que significa o laço com que se amarram o pescoço e as mãos.

Um bulhão e uma agulha d'alfaiate

O sol, que havia mais de meia hora subira do oriente cingido da sua aureola de vermelhidão, no meio da atmosphera turva e cinzenta de um dia dos fins de agosto, dava de chapa no rocío ou praça onde avultava o mosteiro de S. Domingos, rodeado de hortas e pomares, que verdejavam pelo valle da Mouraria ao oriente, e pelo de Valverde ao norte. Já muitos bõsteiros e pees armados de ascumas se derramavam ao longo da parede dos paços de Lançarote Peçanha fronteiros ao mosteiro, descendo uns por entre as vinhas d'Almafalla[1], outros do arrabalde da Pedreira, ou bairro do almirante[2], outros da banda da alcaçova, outros, emfim, desembocando das ruas estreitas e irregulares que íam dar à opulenta e celebre rua-nova[3]. Homens e mulheres apinhavam-se aos dez e aos doze no meio da praça e às bocas das ruas; falavam, meneavam-se, riam, cbamavam-se uns aos outros. `s vezes aquella móde gente, cujo vulto engrossava de minuto para minuto, agitava-se como a superficie de um pego passando o tufão. Incerta, vacillante, informe, subitamente se configurava, alinhava-se, e semelhante a triangulo enorme, a quadrella gigante desfechada de trom monstruoso, vibrava-se contra a vasta alpendrada do mosteiro, cujas portas ainda estavam fechadas. Ahi hesitava, ondeava e retrahia-se, como resultaria a folha cortadora de uma acha d'armas quando não podesse romper as portas chapeadas de forte castello. Então aquella multidão tomava a fórma de meia lua, cujas pontas se encurvavam pelos lados de Valverde e da Mouraria, e vinham topar uma com outra por baixo do bairro ladeirento da Pedreira, d'onde, confundindo-se e irradiando-se de novo, se espalhavam pela vastidão do terreiro. O povo, que dorme às vezes por seculos, fãr accommettido d'uma das suas raras insomnias, e vivia essa possante vida da praça publica, em que de ordinario õ ridiculo e feroz; mas em que não raro õ sublime e terrivel.

Era a manhan immediata à noite em que occorreram os successos narrados antecedentemente: o povo preparava-se para uma lucta moral com o seu rei, mas não se descuidava de vir prestes para uma lucta physica, se D. Fernando quizesse appellar para esse ultimo argumento. Era a primeira vez neste reinado que a arraya-miuda dava mostras da sua força e reivindicava o direito de dizer armada--não quero!--O elemento democratico erguia-se para influir activamente na monarchia; enxertava-se nella como principio politico a par da aristocracia, que com a manopla de ferro arrojava a plebe contra

o throno, sem pensar que brevemente este, conhecendo assim a força popular, se valeria della para esmagar aquelles que ora sopravam os animos À revolta, e davam ao vulgo uma nova existencia.

A hora aprazada para a vinda d'elrei ainda n'ò havia batido; mas o povo, orgulhoso da importancia que subitamente se lhe dera, embevecido na id'òea de que obrigaria elrei a quebrar os laços adulterinos que o uniam a Leonor Telles, n'ò media o tempo pelo curso do sol, mas pelo fervor da sua impaciencia. Duas vezes se espalh'era a voz de que D. Fernando cheg'era, e duas vezes o povo corr'era para o alpendre do mosteiro. As portas da igreja estavam, por'òem, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e agudas frestas do mosteiro gothico, que, formado apenas de um pavimento terreo e humilde, contrastava com a magnificencia do templo, em cujas portadas profundas, sobre os columnellos ponteagudos que sustinham os fechos e chaves da abobada, os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios, avultados na pedra dos capiteis por entre as folhagens de carvalho e de lod'ò, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o esculptor, escarnecerem da colera popular, que, lenta como os Østos do oceano, começava a crescer e a trasbordar. Apenas l'era dentro se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do org'òo e do cantoch'òo monotono dos frades, que offereciam a Deus as preces matutinas. Era ent'òo que o povo escutava: e retrahia-se arrastado pelas blasphemias e pragas que saíam de mil b'òcas, e que eram repellidas do sanctuario pelo sussurro dos canticos que reboavam dentro da igreja, e que transsudavam por todos os poros do gigante de pedra um murmurio de paz, de resignaç'òo e de confiança em Deus.

O povo, por'òem, era como os homens robustos do Genesis: era impio, porque era robusto.

O dia crescia, e crescia com elle a desconfiança. As noticias corriam encontradas: ora se dizia que elrei ced'era aos desejos dos seus vassallos e dos peies, e que viria annunciár ao povo a sua separaç'òo de Leonor Telles; ora pelo contrario se asseverava que elle era firme em sustentar a resoluç'òo contraria. Havia at'ò quem asseverasse que na alca'òva e no terreiro de S. Martinho se começavam a ajunctar homens d'armas e b'òsteiros. A colera popular crescia, porque a atiq'ava j'era o temor.

No meio de uma pilha de galeotes, carniceiros, pescadores, moleiros, lagareiros e alfagemes, dous homens altercavam violentamente: eram Ayras Gil e Fr. Roy: objecto da disputa Fern'òo Vasques; arguente o petintal; defendente o beguino.

"Que n'òo vira, vos digo eu:--gritava Ayras Gil.--Disse-m'òo Garciodonez, o mercador de pannos, que mora ao cabo da rua-nova, aos açugues, defronte das taracenas d'elrei."

"Mentiu pela gorja como um perro judeu:--replicou Fr. Roy--N'òo era Fern'òo Vasques homem que faltasse a este auto, tendo-o a

arraya-miuda elegido por seu propoedor."

"Medo ou dobras do paço podem tapar a boca aos mais ousados, e faze-los dormir até deshoras--retrucou o petintal.

"Que fazem falar as dobras do paço, sei eu:--tornou o beguino com riso sardonico, lembrando-se do que nessa noite passara--medo sabeis vós que faz fugir: inveja sabemos nós todos que faz imaginar..."

"Descaro e garganteice que faz mendigar:--interrompeu Ayras Gil, vermelho de colera, cerrando os punhos, e descahindo para o ichacovos, como galgo que vae afferrar outra em combate naval.

"Excommunicabo vos"--murmurou Fr. Roy, fazendo-se prestes para resistir ao abalroar do petintal.

E o vulgacho que estava de roda ria e batia as palmas.

N'isto os gritos de alcacer! alcacer! reboaram para outro lado da praça: o povo correu para lá. Os dous campeadores voltaram-se: era o alfaiate.

Sem dizer palavra, o beguino olhou com gesto de profundo desprezo para Ayras Gil; e tomando uma postura entre heroica e de inspirado, estendeu o braço e o index para o logar onde passava Fernão Vasques. Depois partiu com a turbamulta que o rodeava, em quanto o petintal o seguia de longe, lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado de outros cabeças da revolta da vespera, encaminhou-se para a alpendrada de S. Domingos. Trazia vestida uma saia de valencina reforçada, calças de bifa, sapatos de pelle de gamo, chapeirão de ingres com fita de momperle, e cincta de couro, tudo escuro ao modo popular. Com passos firmes subiu os degraus do alpendre. D'alli, em vão, com os braços cruzados, correu com os olhos a praça, onde entre o povo apinhado se fizera repentino silencio. Depois, tirando o chapeirão, cortejou a turbamulta para um e outro lado; os seus gestos e ademanes eram já os de um tribuno.

"Alcacer, alcacer pela arraya-miuda! Alcacer por elrei D. Fernando de Portugal, se desfizer nosso torto e sua vilta, senão!..."

Esta exclamação d'um alentado alfageme que estava pegado com a balaustrada do alpendre, foi repetido em grita confusa por milhares de bocas.

De repente da banda da rua de Gileanes sentiu-se um tropear de cavalgaduras, que pareciam correr à redea solta: todos os olhos se volveram para aquella banda: muitos rostos empallideceram.

Uma voz de terror girou pelo meio das turbas.--"São homens d'armas d'elrei!"--Aquelle oceano de cabeças humanas redemoinhou a estas

palavras, e começou a dividir-se como o mar vermelho diante de Moysões. N'um momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquella superficie movediça e escura: era ampla estrada que se abria desde a rua de Gileanes até S. Domingos. As paredes desta adelgavam-se rapidamente. Para a banda da Mouraria e da Pedreira os becos e encruzilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das ascuas populares, que erguidas scintillavam ao sol, começaram a descer e a sumir-se como as luzinhas das bruxas em sitio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernão Vasques olhou em redor de si: estava só Descóou; mas ficou immovel.

Entretanto o tropear aproximava-se cada vez com mais alto ruído: os bõsteiros do concelho, postados ao longo dos paços do almirante, eram talvez os unicos em quem o terror não fizera profunda impressõo: alguns já haviam estendido sobre o braço da bõsta os virotes hervados, e revolvendo a polva faziam encurvar o arco para o tiro. Os bõsteiros de garrucha tinham já o dente desta embebido na corda, promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes noes dos cavalleiros e escudeiros reaes. Do resto do povo os ousados eram os que recuavam; porque o maior numero voltava as costas e internava-se pelas azinhagas dos hortos de Valverde e vinhas d'Almafalla, ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do almirante.

Mas no meio deste susto geral apparecõera um heroe. Era Fr. Roy. Ou fosse imprudente confiança no cargo occulto que lhe dera D. Leonor, ou fosse robustez d'animo, ou fosse finalmente a persuasõo de que o habito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear, correu para a quina da rua d'onde rompia o ruído, e mirando pela aresta do angulo um breve espaço, voltou-se para o povo, e curvando-se com as mãos nas ilhargas, desatou em estrondosas gargalhadas.

Tudo ficou pasmado; mas vendo e ouvindo o rir descompassado do chacorvos, o povo começou a refluir para a praça. Aquellas risadas produziam mais animo e entusiasmo que os quarenta seculos vos contemplam de Napoleõo, na batalha das Pyramides. Os amotinados recobram n'um instante toda a anterior energia.

Esta scena tinha sido rapidissima: todavia ainda grande parte dos populares hesitava entre o ficar e o fugir, quando se conheceu claramente a causa daquelle temor que apertãera por algum tempo todos os coraões. Era a cõrte que chegava.

Montados em mulas possantes, os officiaes da casa real, os ricos-homens, conselheiros e juizes do desembargo vinham assistir ao auto solemne, em que da bõca d'elrei a nação devia ouvir ou uma resolução conforme com os desejos tanto da arraya-miuda como dos senhores e cavalleiros, ou a confirmação de um casamento, mal agourado por muitos nobres e por todos os burguezes, e condemnado de um modo nada duvidoso por estes ultimos. No meio das variadas cõres dos trajos cortezãos negrejavam as garnachas dos letrados e clerigos do paço, e entre o reluzir dos esplendidos arreios

das mulas alentadas e fogosas dos vassallos seculares, dos alcaides-móes e senhores, viam-se rojar as gualdrapas dos mestres em leis e degredos, dos sabedores e letrados, que constituíam o supremo tribunal da monarchia, a curia ou desembargo d'elrei.

A numerosa cavalgada atravessou o terreiro por entre o povo apinhado, e em todos os rostos transluzia o receio. Acerca de qual seria o desfecho deste drama terrível e immenso, em que entravam representantes de todas as classes sociaes.

Entre os membros daquela lustrosa companhia distinguia-se por seu porte altivo o conde de Barcellos, D. João Affonso Tello, tio de D. Leonor, a quem nos diplomas dessa epocha se dá por excellencia o nome de fiel conselheiro. Quando os amores d'elrei com sua sobrinha começaram, elle fizera, sincera ou simuladamente, grandes diligencias para desviar o monarcha de levar ávante seus intentos. D. Fernando persistira, todavia, nelles, e então o conde, junctamente com a infanta D. Beatriz[5] e com D. Maria Telles, irman de D. Leonor, suscitára a idéa de a divorciar de João Lourenço da Cunha. O povo sabia isto, e posto que houvesse estendido a sua vontade a todos os parentes de Leonor Telles, odiava principalmente o conde como protector daquelles adulteros amores. Foi, portanto, nelle que se cravaram os olhos dos populares, que, tendo-se em poucas horas elevado até á altura do throno, ousavam tambem dar testemunho publico do seu odio contra o mais distincto membro da fidalguia[6].

"Velha raposa, em que te pese, não serás a adultera rainha da boa terra de Portugal!--gritava um carnicheiro, voltando-se para uma velha que estava ao pé delle, mas olhando de travões para o conde que passava.

"Leal conselheiro de barregnicas, por quanto vendeste a honra do compadre Lourenço?--perguntava um alfageme, fingindo falar com um vizinho, mas lançando tambem os olhos para D. João Affonso Tello.

"Que tendes vós com o lobo que empece ao lobo?--acudiu um lagareiro calvo e acurvado debaixo do peso dos annos.--Deixae-os morder uns aos outros, que é signal de Deus se amercear de nós."

"O que elles mereciam--interrompeu uma regaleira--era serem alagantados[7]--com boas tiras de couro cru."

"E ella, tia Dordia?--acrescentou um ferreiro.--Conheceis vós a comborça? As varas a quizera eu: uma do alcaide no chumaço; outra do coitado nas costas della![8]"

"É costume, ergo direita a pena:--notou um procurador, que gravemente contemplava aquelle espectáculo, e que até allí guardára silencio.

Estas injurias, que, como o fogo de um pelotão, se disparavam ao longo das extensas e fundas fileiras dos populares, iam ferir

os ouvidos do conde de Barcellos, que, fingindo não lhes dar atenção, empallidecia e corava successivamente, e mordida os beiços de colera.

De quando em quando o vociferar affrontoso da gentilha era affogado no ruído de risadas descompostas, mais insolentes cem vezes que as injurias; porque no rir do vulgo ha o que quer que seja tão cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coração e o ânimo mais robusto.

Entre os parciaes de D. Leonor que vinham naquella comitiva, viam-se, porØm, muitos fidalgos e letrados, que ou eram pessoalmente seus inimigos, ou pelo menos desaprovavam alta e francamente a sua união com elrei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre elles, e o povo ao vê-lo passar saudou-o com um murmurio, que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devØera a um caso analogo, a morte de D. Ignez de Castro.

Quando os fidalgos, cavalleiros e letrados da casa e conselho d'elrei se apearam juncto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que desembocaram na praça, subiu após elles, e esperou que se assentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidão apinhada ao redor:

"Se elrei ainda não Ø presente--disse em voz intelligivel e firme--ahi tendes para ouvir vossos agravamentos os senhores do seu conselho: porventura que elles poderão dar-vos resposta em nome de sua senhoria, e elle virÆ depois confirmar o seu dicto."

"Senhor Fernão Vasques, sois o nosso propoedor: a vós toca o falar!"--replicou um do povo.

"Assim o queremos! assim o queremos!"--bradou a turbamulta.

O alfaiate voltou-se então para os cortezãos, conselheiros e letrados do desembargo d'elrei, e disse:

"Senhores, a mim deram carrego estas gentes que aqui estão junctas, de dizer algumas cousas a elrei nosso senhor, que entendem por sua honra e serviço; e porque Ø direito escripto, que sendo as partes principaes presentes, o officio de procurador deve de cessar no que ellas bem souberem dizer, vós outros que sois principaes partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós, deveis dizer isto, e eu não; porØm, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram carrego, pois vós outros em ello não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e serviço d'elrei....[9]"

"Cal-te, villão!"--bradou, erguendo-se, o conde de Barcellos com voz affogada de cólera, que já não podia conter--se não queres que seja eu quem te faça resfolgar sangue, em vez de injurias,

por essa bôca sandia."

O velho Pacheco pôz-se tambem em pø, exclamando: "Conde de Barcellos, lembrae-vos de que os burguezes tÇEm por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus agravamentos, de se queixarem, e de os reprehenderem. Nås somos menos que os reis."

Fernão Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado, mas era de indignaçã, e havia feito um signal com a cabeça. No mesmo instante o povo abríra uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros, attentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os olhos para o rocío ao tropear da multidã, um semi-circulo de mais de quinhentos bØsteiros e pees armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernão Vasques encaminhou-se entã para D. João Affonso Tello, e com a mã trØmula de raiva, segurando-o por um braço, disse-lhe:

"Senhor conde, vós sois que doestaes os honrados burguezes desta leal cidade em minha pessoa; porque eu nada fiz senã repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propuz, nã Ø meu. Eis seus auctores! Pelo que a mim toca, senhor conde, nã receio vossas ameaças. Quando o nobre despe o gibã de ferro para vestir o de tela, nã sei eu se este Ø mais forte que o do peã, e se tambØm a sua bôca nã pôde golfar sangue como a de um pobre villã."

D. João forcejava por desasir-se do alfaiate, procurando levar a mã Æ cincta onde tinha o punhal; mas Fernão Vasques era mais forçoso, e o conde jáÆ tinha entrado na idade em que costuma minguar a robustez do homem. Nã pôde chegar com a mã ao cincto.

"Conde de Barcellos:--proseguiu o alfaiate com um sorriso--nã recorraes a esse argumento; porque eu tambØm estou habituado a lidar com ferros azerados, ainda que mais delgados e curtos que o vosso bulhã."

Estas ultimas palavras, dictas em tom de escarneo, mal foram ouvidas: a grita na praça era jáÆ espantosa; as injurias, as pragas, as ameaças, cruzando-se nos ares, produziã aquelle rouco e grande brado da fœria popular, que sótem semelhança com o ruído de tufã abysmando-se por cavernas immensas.

Os fidalgos e letrados tinham rodeado os dous contendores; os parciaes de D. Leonor o conde; os outros, cujo numero era muito maior, o alfaiate. E tanto estes como aquelles trabalhavam em apazigua-los, posto que todos os animos estivessem quasi tã irritados como os dos dous contendores.

Finalmente o conde cedeu. O aspecto da multidã, que se agitava furiosa, contribuiu, porventura, mais para isso que todas as razoes e rogativas dos fidalgos e cavalleiros, attonitos com o

espectaculo da ousadia popular; desta ousadia que, menoscabando as ameaças do primeiro entre os nobres, era mais incrível que a da vespera, a qual apenas se atrevia ao throno.

Que fazia, porØm, o nosso beguino no meio destes preludios de uma eminente assuada? Éo que o leitor verá no seguinte capitulo.

[1] Hoje o monte da Graça.

[2] Hoje o bairro dentro da rua larga de S^o Roque, Chiado, Rua do Ouro, Rocio e Calçada do Duque.

[3] Hoje Rua dos Capellistas

[4] Muitos dos trajos civis do seculo decimo-quarto eram communs a ambos os sexos, ou pelo menos tinham nomes communs, como se póde ver da lei de D. Affonso IV acerca dos trajos.

[5] D. Beatriz era irman dos infantes D. Jo^o e D. Diniz e meia irman d'elrei.

[6] O titulo de conde era o de maior preeminencia entre nós, e Jo^o Affonso Tello era ent^o o unico que em Portugal tinha semelhante titulo.

[7] Açutados.

[8] Segundo varios quadernos legaes do nosso direito consuetudinario e municipal, em certos casos applicava-se às mulheres casadas a pena de que resa o discurso do ferreiro. O alcalde vinha a casa da criminosa punha no ch^o um travesseiro, pegava d'uma vara e começava a bater em cima delle, fazendo-lhe o compasso o marido da culpada nas costas desta: tal era o modo por que as mulheres estavam às varas, pena que com menos aparato se applicava tambem aos homens por muitos e diversos crimes.

[9] Textual.--Veja-se Fern^o Lopes, Chr. de D. Fernando, cap. 61.

MIL DOBRAS PÉTERRA E TREZENTAS BARBUDAS

Mal Fern^o Vasques travava do braço do conde de Barcellos, e a grita popular começava a atroar a praça, Fr. Roy, escoando-se ao longo da parede do mosteiro, dobrava a quina que voltava para a Corredoura[1], e seguindo seu caminho por viellas torcidas e desertas, chegava à porta do ferro, d'onde, atravessando o contiguo e malassombrado terreirinho, em que os raios do sol apenas rapidamente passavam, embargados ao nascer pelos agigantados campanarios da cathedral, e ao declinar pelos pannos e torres da muralha mourisca, chegava esbaforido a S. Martinho. A porta

do paço estava fechada; mas a da igreja estava aberta. Entrou. Ao lado direito uma escada de caracol descia da tribuna real para a capella-mór, e a tribuna communicava com o palacio por um passadiço que atravessava a rua. O beguino olhou ao redor de si, e escutou um momento: ninguém estava na igreja. Subindo rapidamente a escada, Fr. Roy atravessou o passadiço e encaminhou-se, sem hesitar no meio dos corredores e escadas interiores, para uma passagem escura. No fim della havia uma porta fechada. O monge vagabundo parou, e escutou de novo. Dentro altercavam tres pessoas: Fr. Roy bateu devagarinho tres vezes, e pôz-se outra vez a escutar.

Ouviram-se uns passos lentos que se aproximavam da porta; e uma voz esganiçada e colerica perguntou:--"Quem estÆ ahí?"

"Eu:--respondeu o beguino.

"Quem Ø eu?--replicou a voz.

"Honrado D. Judas, Ø Fr. Roy Zambrana, indigno servo de Deus, que pretende falar a elrei ou Æ mui excellente senhora D. Leonor, para negocio de vulto."

"Abre, D. Judas, abre!"--disse outra voz, que pelo metal parecia feminina, e que soou do lado opposto do aposento.

A porta rodou nos gonzos, e o ichacorvos entrou.

Era o lugar em que Fr. Roy se achava uma quadra pequena, allumiada escaçamente por uma fresta esguia e engradada de grossos varies de ferro, a qual dava para uma especie de saguão, ainda mais acanhado que o aposento. A abobada deste era de pedra; de pedra as paredes e o pavimento: ao redor viam-se por unico adereço muitas arcas chapeadas de ferro. O monge entrÆEra na casa das arcas da corã--do recabedo do regno. As duas personagens que ahí estavam, afóra a que abrira a porta, eram D. Fernando e D. Leonor. Elrei, de pØ, curvado sobre uma das arcas, com a fronte firmada sobre o braço esquerdo, folheava um desconforme volume de folhas de pergaminho, cujas guardas eram duas alentadas taboas de castanho, forradas exteriormente de couro cru de boi, ainda com pello[2].

D. Leonor, tambem em pØ por detraz d'elrei, olhava attentamente para as paginas do livro. O que abrira a porta era o thesoureiro-mór D. Judas, grande afeiçãoado de D. Leonor e valido d'elrei. O judeu apenas voltÆEra a ponderosa chave, sem volver sequer os olhos para o recém-chegado, tornÆEra immediatamente para ao pØ da arca a que elrei estava encostado, e proseguíra a vehemente conversação, cujos ultimos ecchos Fr. Roy ouvíra ao aproximar-se...

"Mil dobras pØ-terra e trezentas barbudas são todo o dinheiro que o vosso fiel thesoureiro vos páde apurar neste momento, respigando como a pobre Ruth no campo do vosso thesouro, ceifado,

e bem ceifado (aqui o judeu suspirou) por aquelles que talvez menos leaes vos sejam. Jurar-vos-hei sobre a toura, se o quereis, que n^o fica em meu poder uma pogeia."

Elrei n^o o escutava. Apenas Fr. Roy entr^oera, D. Leonor se havia encaminhado para o ichacorvos, e, lan^odo-lhe um olhar escrutador, lhe pergunt^oera com visível anciedade:

"Beguíno, a que voltaste aqui?"

"A cumprir com minha obriga^o, apesar de v^{os} me terdes dado hontem por quite e livre. Vim a dizer-vos que a estas horas talvez tenha j^o corrido sangue no rocío de Lisboa, e que Ø espantoso o tumulto dos populares contra os do conselho, e contra os senhores e fidalgos da casa e valia d'elrei."

F^ora ^o palavra sangue que D. Fernando havia cessado de attender ^o voz esgani^oada do thesoureiro-m^o, que continuava em tom de lamenta^o:

"Bem sabeis, senhor, que tenho empobrecido em vosso servi^o, e que hoje sou um dos mais mesquinhos e miser^oveis entre os filhos d'Israel. Aonde irei eu buscar dous mil maravedis velhos d'Alemdouro, que s^o em moeda vossa trezentos e noventa mil soldos?[3]"

"Sangue, dizes tu, beguíno?--exclamou elrei--Oh, que Ø muito! A quem se atreveram assim esses populares maldictos?"

"Eu proprio vi o nobre conde de Barcellos travar-se com Fern^o Vasques; mui grande numero de b^osteiros, e pees armados de ascumas rodeavam j^o o alpendre de S. Domingos, e os clamores de morram os traidores atroavam a pra^o."

"Que me d^oem o meu arnez brunido, a minha capelina de camal, e o meu estoque francez:--gritou D. Fernando escumando de colera.--Eu irei a S. Domingos, e salvarei os ricos-homens de Portugal, ou acabarei ao p^o delles. Pagens! onde est^o o meu donzel d'armas?"

"O teu donzel d'armas, rei D. Fernando,--interrompeu com voz pausada e firme D. Leonor--segue com os outros pagens caminho de Santarem, montado no teu cavallo de batalha. Aqui s^otens a mula de teu corpo[4] para seguires jornada."

"Mas o conde de Barcellos! O meu leal conselheiro, deixa-lo-hei despeda^oar pelos pees desta cidade abominavel? Lembra-te de que Ø teu tio; que foi o teu protector, quando o bra^o de D. Fernando ainda se n^o ergu^oera para te coroar rainha."

"Rei de Portugal, Øs tu que deves lembrar-te delle, quando o dia da vingança chegar. Ent^o cumprir^o que os traidores e vis te vejam montado no teu ginete de guerra. Hoje n^o podes sen^o deixar entregue ^o sua sorte o nobre D. Jo^o Affonso e os senhores que s^o com elle; mas n^o te esque^oça que se o seu sangue correr,

todo o sangue que derramares para o vingar serÆ pouco, como serÆo poucas todas as lagrymas que eu verterei sem consolaçÆo sobre os seus veneraveis restos. Combateres? Ajudado por quem, n'uma cidade revolta? Os homens d'armas do teu castello quebraram seu preito, e tumultuam na praça: muitos de teus ricos homens estÆo conjurados contra ti: teu proprio irmÆo o estÆ. Partir! partir! Ha quantas horas sabes tu que a ultima esperança estÆ no partir breve? Porque, depois de tantas hesitaçes, ainda hesitar uma vez? Asseguremos ao menos a vingança, se nÆo podermos salvar aquelles que, leaes a seu senhor, se foram expôr Æ furia de homens refeces e cræs, para esconder nossa fuga... fuga; que Ø o seu nome!"

O furor e o despeito revelavam-se nas faces e labios esbranquiçados da adúltera, e a afflicçÆo e o temor comprimidos n'uma lagryma que lhe rolou insensivelmente dos olhos. Era uma das rarissimas que derramÆEra na sua vida.

Elrei tinha escutado immovel. Desacostumado a ter vontade propria, desde que (como dizia o povo) esta mulher o enfeitçÆEra, ainda mais uma vez cedeu da sua resoluçÆo, se nÆo de homem cordato, ao menos de valoroso, e respondeu em voz sumida:

"Partamos. E seja feita a vontade de Deus!"

"Amen--murmurou o ichacorvos.

"Beguino,--interrompeu D. Leonor, voltando-se para Fr. Roy--corre jÆ ao rocío, e dize em voz bem alta aos populares amotinados, que me viste partir com elrei caminho de Santarem. Talvez assim o conde seja salvo, porque a furia desses vis sandeus se voltarÆ contra mim. Dize-o, que dirÆs a verdade: quando lÆ houveres chegado, o meu palafrem terÆ jÆ transposto as portas da cruz. Guardae-vos, mesquinhos, que elle a torne a passar com sua dona. Ichacorvos! esse dia serÆ aquelle em que a adúltera pague todas as suas dividas!"

Fr. Roy sentiu pela medula dorsal o mesmo calafrio que sentíra na noite antecedente; porque o olhar que Leonor Telles cravou nelle era diabolico, e a palavra--adúltera--proferida por ella, soava como um dobrar de campã, e vinha como involta n'um halito de sepulchro: o beguino arrependeu-se desta vez mui seriamente de ter sido tÆo miudo e exacto na parte official que apresentÆEra na vespera. Calou-se, todavia, e saíu com o seu ademan do costume, cabeça baixa e mÆos cruzadas no peito.

Os tres ficaram outra vez sÆs.

"D. Judas, meu bom D. Judas:--disse elrei com um gesto de afflicçÆo--eu nÆo entendo estas embrulhadas letras mouriscas da tua arithmetica. Estou certo de que nÆo deves ao thesouro real uma unica mealha, e de que nas arcas do haver nÆo existe senÆo o que tu dizes: mas de certo nÆo queres que um rei de Portugal caminhe por seu reino como um romeiro mendigo. Ao menos os dois

mil maravedis de ouro..."

"Ai!--suspirou o thesoureiro-mór--juro a vossa real senhoria que me é impossivel achar agora outra quantia maior que a de mil dobras pØ-terra e trezentas barbudas."

"Fernando--atalhou Leonor Telles--ordena aos moços do monte que ahi ficaram que enfreiem as mulas: devemos partir já. Éto meu afeiçoado D. Judas, que com duas palavras eu obterei o que tu não podeste obter com tantas rogativas."

Ella sorriu alternativamente com um sorriso angelico para elrei e para o thesoureiro-mór. D. Fernando obedeceu, e, alevantando o reposteiro que encobria uma porta fronteira Æquella por onde entrÆra o beguino, desapareceu. O thesoureiro ía a falar; mas ficou com a bõca semi-aberta, o rosto pallido, e como petrificado, vendo-se a só com D. Leonor. Era que já a conhecia havia largos tempos.

"D. Judas,--disse esta em tom mavioso--tu has-de fazer serviço a elrei para esta jornada. DarÆs os dous mil maravedis velhos."

"Não posso!--respondeu D. Judas com voz trõmula e afogada.

"Judeu!--replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno, que estava no canto mais escuro do aposento, coberto de tres altos de pó-o que estÆ naquella arca?"

O thesoureiro-mór hesitou um momento, e depois balbuciou estas palavras:

"Nada ... ou para falar verdade... quasi nada. Bem sabeis que d'antes eu alli guardava algumas mealhas que me sobejavam da minha quantia, mas ha muito que nem essas poucas mealhas me restam."

"Vejamos, todavia:--tornou D. Leonor, cujo aspecto se carregava.

"Misericordia!--bradou D. Judas com indizível agonia. Mas reportando-se, por um destes arrojõs que inspiram os grandes perigos, procurou disfarçar o seu susto, continuando com um riso contrafeito:

"Misericordia, digo; porque fãa mais facil achar entre os amotinados do rocío um homem leal a seu rei, do que eu lembrar-me agora do logar onde terei a chave de uma arca ha tanto tempo inutil e vazia."

"Perro infiel! eu te vou recordar quem pôde dizer onde as havemos de achar."

"Estaes hoje, mui excellente senhora, merencoria e irosa:--replicou o thesoureiro-mór, trabalhando por dar Æs suas palavras o tom da galantaria, mas visivelmente cada vez mais enfiado e trõmulo.--Assim

chamaes perro infiel ao vosso leal servidor, por causa d'uma chave inutil que se perdeu? Todavia, dizei quem sabe della, e eu a irei procurar."

"Generoso e leal thesoureiro!--interrompeu D. Leonor, imitando o tom das palavras do judeu, como quem gracejava--n^o te d^oEs a esse trabalho, por tua vida. Quem p^ode faze-la apparecer Ø um velho c^oo descrido, que mora na communa de Santarem. Eu sei de um remedio que lhe restituirÆ Æ lingua a presteza d'uma lingua de mancebo de vinte annos. O seu nome e Issachar. Conh^oce-lo?"

"Alta e poderosa senhora, v^os falaes de meu pobre pae!--respondeu o thesoureiro-m^o, redobrando-lbe a pallidez.--Mas tractemos agora do que importa. Com mil e quinhentas dobras p^oterra e trezentas barbudas, que eu disse a meu senhor el-rei estarem prestes..."

D. Leonor lan^ou para o judeu um olhar d'escarneo, e proseguiu:

"Do que importa Ø que eu tracto. Sabes tu, meu querido D. Judas, que sejam as tuas dobras mil, ou mil e quinhentas, Æmanhan a estas horas eu D. Leonor Telles, a rainha de Portugal, estarei em Santarem? Ouviste jÆ dizer que, em n^o sei qual das torres do alcacer, ha um excellente potro capaz de desconjuntar n'um instante os membros do mais robusto vill^o? Veiu-me agora a id^oa que o velho Issachar amarrado a elle deve ser gracioso, porque tendo vivido muito, constrangido a falar, ha-de contar cousas incriveis, quanto mais dizer onde estÆ uma chave, cujo paradoro elle n^o p^ode ignorar. N^o achas tu tambem que Ø folgan^o e desporto digno de qualquer rainha o v^oEr como estouram os ossos carunchosos de um perro de noventa annos?"

Um suor frio manou da frente de D. Judas, cujas pernas vacillantes se recusavam a suste-lo. Quando D. Leonor acabou de fazer as suas atrozes perguntas, o judeu tinha cahido de joelhos aos p^os della.

"Por merc^oE, senhora,--exclamou elle n'um trance horroroso de angustia--mandae-me a^outar como o mais vil servo mouro: mandae-me rasgar as carnes com os mais atrozes tormentos; mas perdoae a meu velho pae, que n^o tem culpa da pobreza de seu filho. Se eu tivera ou pod^ora alcan^oar mais que as duas mil dobras e as quinhentas barbudas que offereci a meu senhor elrei..."

"Judeu!--atalhou D. Leonor--tu deves saber tres cousas: a primeira Ø que os tractos do potro s^oo intoleraveis; a segunda Ø que eu costume cumprir as minhas promessas; a terceira Ø que se neste momento de aperto eu te podesse applicar o remedio, n^o o guardaria para a ossada bolorenta de um lebr^ou desdentado."

"Vendido cem vezes,--proseguiu o thesoureiro-m^o lavado em lagrymas, e procurando abra^o-la pelos joelhos--eu n^o poderia apresentar neste momento mais que a somma jÆ dicta de duas mil e quinhentas

dobras, e quinhentas barbudas, ainda que vossa mercê me mandasse assar vivo."

"É um louco, D. Judas!--interrompeu Leonor, affastando de si o judeu com um gesto de brandura.--Por uma miseria de pouco mais de quinhentas pø-terra consentirÆs que Issachar, que teu pae, honrado velho! pragueje nas ancias do potro contra o Deus de Abraham, de Jacob e de MoysØs?"

O thesoureiro-mó conservou-se por alguns momentos calado, e na postura em que estava. Depois, passando o braço de revØs pelos olhos, enxugou as lagrymas e ergueu-se. A resolução que tomÆra era a de um desesperado que vae suicidar-se.

"Aqui estarºo, senhora,--murmurou elle--os dous mil maravedis quando os quizerdes. Procurarei obte-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem Æ vossa partida."

"Adeus, meu mui honrado D. Judas:--disse D. Leonor sorrindo.--Nºo perderÆs nada em ter cedido aos meus rogos."

Dicto isto, saúu pela mesma porta por onde saíra elrei.

O judeu estendeu os braços com os punhos cerrados para o reposteiro que ainda ondeava, levou-os depois Æ cabeça, d'onde trouxe uma boa porção de melenas grisalhas. Feito isto, tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fóa um saquitel pesado, sellado e numerado, e os dous mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcas. Contou-os quatro vezes, empilhou-os aos centos, e como se as forças se lhe tivessem exaurido no espantoso combate que se passava na sua alma, atirou-se de bruços sobre a pequena arca, e abraçado com ella desatou a chorar.

"Meu pobre thesouro, juncto com tanto trabalho!--exclamou por fim entre soluços.--Guardei-te neste cofre com medo de te vØer roubado, e os salteadores vim encontra-los aqui! Mas que se livrem de eu tornar a receber os direitos reaes das mãos dos mordomos. Meus ricos dous mil maravedis de bom ouro, nºo voltareis sóinhos quando vos tornardes a ajunctar com os vossos abandonados companheiros!"

Esta idØa pareceu consolar de algum modo D. Judas. Levantou-se, tornou a contar os dois mil maravedis: desconfiou de que havia engano, e que eram dois mil e um: tornou-os a contar, e quando elrei entrou no aposento, jÆ prestes para cavalgar, tinha o bom do judeu obtido a certeza de que nºo dava uma pogeia de mais da somma que lhe fØa requerida em nome do potro da torre de Santarem[5].

"Oh,--exclamou elrei, lançando os olhos para cima do desalmado folio, sobre cujas paginas amarelladas estava empilhado o dinheiro --temos os dous mil maravedis?!"

"Saiba vossa real senhoria que felizmente tinha em meu poder uma somma pertencente a Jeroboão Abarbanel, o mercador da porta do mar, e de que não me lembrava: ao basculhar as arcas dei com ella: a quantia está completa, e o honrado mercador não levará por certo mais de cinco por cento ao mez, enquanto os ovinhos de vossa senhoria não vierem entregar no thesouro o producto dos direitos reaes vencidos. Então pagar-lhe-hei, até a ultima mealha, a quantia e seus lucros, se vossa senhoria não ordena o contrario."

"Faze o que entenderes, D. Judas:--respondeu elrei, que não o ouvira, attento a metter n'uma ampla bolça de argempel, que trazia pendente do cincto, os dous mil maravedis.--Tudo fio de ti, honrado e Seal servidor."

E recolhidos os maravedis, saíu. O judeu ficou só

"No inferno ardas tu com Dathan, Coré e Abiron, maldicto nazareno!!--murmurou elle.--Porém não antes de eu haver colhido os dous...quero dizer, os tres mil e duzentos maravedis, que me tiraste com lanta consciencia quanta póde ter a alma tisnada de um christão."

Feita esta jaculatoria ao Deus de Israel, D. Judas aferrolhou interiormente a porta do reposteiro, atravessou o aposento, saíu pela porta fronteira, que tambem aferrolhou, e a bulha de seus passos, que se alongavam, soou através dos corredores por onde passava Fr. Roy, até que por aquella parte do palacio tudo caíu em completo silencio.

[1] A Corredoura era uma rua, que, passando ao sopé do monte do Castello, e por detraz de S. Domingos, dava passagem do centro da cidade para Valverde, (hoje passeio publico e Salitre).

[2] Para não enfadarmos os leitores com um sem numero de notas declarâmos por uma vez que todos os costumes e objectos que descrevemos são exactos e da epocha, porque para taes descripções nos fundamos sempre em documentos ou monumentos.

[3] O maravedi velho de ouro ou de Alem Douro (chamado assim para o distinguir do maravedi de 15 soldos, que era aquelle pelo qual se regulavam as quantias dos que vingavam soldo ou maravedis, a que se chamava da Estremadura) valia 27 soldos, isto é, menos de libra e meia das antigas, cada uma das quaes era igual a 20 soldos. A dobra de ouro conhecida pelo nome vulgar de pè-terra, mandada lavar por D. Fernando, tinha o valor legal de 6 libras, e, portanto, era mui superior nominalmente ao antigo maravedi, excedendo em preço mais de quatro vezes. Todavia, bem pelo contrario, o valor real d'uma dobra pè-terra era inferior ao maravedi velho na razão de 20 para 32 1/2. A alteração da moeda feita por D. Fernando no principio do seu reinado confundiu e

transtornou completamente o antigo systema monetario: as barbudas, das quaes havia 53 em cada marco da lei de 3 dinheiros, vinham a ser iguaes Às libras novas deste rei, porque, produzindo atØ ahi um marco da lei de 11 dinheiros 27 libras, ficou em a nova moedagem produzindo 165, o que dada a differença do toque entre o marco de lei e o marco das barbudas, tornava cada uma destas a mesma cousa que a libra. Por outra parte, equivalendo cada libra a 20 soldos, moeda sem valor intrinseco, vinha o marco de lei a ser representado por 3.900 soldos, e assim o antigo maravedi d'ouro correspondente À vigesima parte de um marco de prata, correspondia realmente a 195 soldos, ao passo que cada pØ-terra, sendo o mesmo que 6 libras, nªo valia mais de 120 soldos, isto Ø, ficava para aquella moeda na razªo de 20 para 32 1/2.

[4] Os cavalleiros quando se punham a caminho costumavam cavalgar em mulas, como animaes mais rijos e possantes que os cavallos; nestes montava um pagem ou donzel. Veja-se principalmente a lei de D. Afonso III sobre os que vªo a cas de elrei.

[5] Aquelles que nªo conhecerem as opiniies, estado de civilisaçªo, e costumes da idade mØdia, medirªo o thesoureiro-mór D. Judas por um ministro de fazenda moderno, como, se nªo nos engana a memoria, lhe chama com uma ignorancia deliciosa o marquez de Pombal em uma lei sobre os christªos-novos, e acharªo inverosimil a scena antecedente, posto que esteja bem longe d'isso. A falta de christªos habilitados para tractarem materias de fazenda publica, obrigou os reis portuguezes a despresarem a lei das côtes de 1211, que os inhibia de empregarem judeus no seu serviço. Mas esta necessidade nªo podia destruir o profundo desprezo em que se tinha esta raça, olhada como abominavel em consequencia das convicçes politicas e religiosas daquelles tempos, desprezo que em grande parte assentava em bons fundamentos. A idØa que se fazia de um judeu na idade mØdia acha-se expressa na lei 23.ª daquellas côtes, e pinta melhor o pensar dessas eras a similhante respeito do que tudo quanto poderemos aqui escrever. "Os quaes judeus (diz o legislador) assy como testemunho da morte de Jesu-Christo devem a seer defesus, solamente porque som homeÇEs." Juncte-se a isto o character cruel, hypocrita e cubiçoso de D. Leonor Telles, tªo excellentemente pintado pelo grande poeta chronista Fernªo Lopes, e poder-se-ha entªo avaliar devidamente a verosimilhança desta scena de imaginaçªo no meio de outras scenas da vida real desses tempos.

MESTRE BARTHOLOMEU CHAMB`O

Fr. Roy, saíndo da casa das arcas, atravessªEra os corredores vizinhos; mas, em vez de seguir o que dava para o passadiço de S. Martinho, tomªEra por uma escadinha escura aberta no topo da estreita passagem anterior a elle. Esta escadinha descia para o atrio do paço. O beguino, habituado pelo seu ministerio a entrar na morada real Às horas mortas, e a saír nas menos frequentadas,

sabia por diuturna experiencia que a porta principal devia estar aberta, mas ainda erma, ao mesmo tempo que a igreja, por onde entrara, já começaria a povoar-se de fiéis, porque, como é fácil de supôr, as igrejas eram naquella epocha mais frequençadas que hoje. Desceu, pois, com passo firme, resolvido a encaminhar-se ao rocío, e a espalhar entre os amotinados a noticia da partida d'elrei.

Mas uma difficuldade imprevista lhe embargou os passos. Ou fosse que os acontecimentos da vespera obrigassem a maiores cautelas, não havendo ainda então exercito permanente, nem guardas pagas para defensão da pessoa real, cuja melhor protecção estava na propria espada, ou fosse por qualquer outro motivo, a porta ainda se não abria! O beguino hesitou se devia retroceder para sair pela igreja, se esperar. As considerações que o tinham movido a seguir este caminho o obrigaram a ficar. Mettido no estreito e escuro vão da escada, o ichacovos assemelhava-se, involto nas suas roupas de burel, e reluzindo-lhe os olhos à meia luz que dava o pateo interior, a um moderno funcionario, que hoje, nesses mesmos paços, e n'um desvão igual, talvez no mesmo sitio, mostra aos que entram o rosto banhado na hediondez da sua alma, esperando que a vindicta publica o convide a algum banquete de carne humana, e no esperar atroz rodêa com as garras os ferros do seu covil, como um tigre captivo. O espia era alli, por assim dizer, uma preexistencia, uma harmonia pre-estabelecida do algoz.

Passara obra de meia hora, e o beguino começava a impacientar-se mui seriamente quando sentiu pões de cavalgadura no pateo interior do edificio. D'ahi a pouco um donzel, trazendo na mão uma desconforme chave, e as rédeas de uma valente mula enfiadas no braço, chegou à porta e começou a abri-la. Era um dos donzeis d'elrei. Costumado a disfarçar a sua frequente entrada no paço sob a capa da mendicidade, e habituado a estender a mão à espera de alguns soldos que devotamente lhe atiravam senhores, cavalleiros e escudeiros, ao que elle retribuia com a longa lenda das suas orações em aleijado latim, Fr. Roy era acceito a quasi todos os moradores da casa d'elrei, que respeitavam a sua apparente sanctidade. Por isso, saindo do seu desvão, encaminhou-se para a porta.

"A madre Sancta Maria vos guarde de meu olhado, de feitiços e de ligamentos!--disse elle, chegando-se ao donzel, e fazendo sobresair esta ultima palavra.

"Vós aqui, Fr. Roy. por estas horas?--replicou o donzel, voltando-se admirado.

"Que quereis!--tornou o beguino.-Quando hontem os maldictos burguezes accometteram os paços reaes com sua grita e revolta, estava eu aqui. Ai que medo tive! Escondi-me naquelle desvão, e quando se fecharam as portas achei-me encurralado cá dentro como um emparedado em seu nicho. A minha profissão de paz e de religião não me consentia passar por meio de homens possuídos do espirito

de colera, e inspirados por Belzebuth, nem o susto me deixava animo desaffogado para ir roçar o burel do meu santo habito pelos trajos empestados dos filhos de Belial. Tambem a humildade e mortificação christan se oppunham a que eu subisse a pedir gasalhado a algum de vós outros os moradores da casa de nosso senhor elrei. Assim, louvando a Deus por me conceder uma noite de padecimento, alli me deixei ficar sohre as lageas humidas, sobre as duras e agudas arestas dos degrÆus daquela escada. Agora, que a revolta Ø finda, consolado com as dores que me traspassam os ossos, e confiado na providencia de Jesu-Christo, vou-me ao meu gyro diario para vœr se obtenho da caridade dos devotos a pitaça usual com que possa matar a fome de vinte e quatro horas, pela qual dou mil louvores ao justo juiz, que reina eternalmente nos altos cœus."

O beguino revirou beatificamente os olhos, e fez uma visagem entre afflicta e resignada, levando ao mesmo tempo a mªo ao joelho, como se alli sentisse uma dor agudissima.

"Veneravel Fr. Roy!--atalhou o donzel com as lagrymas nos olhos--se tivesseis procurado o aposento dos donzeis, nœs vos dariamos ao menos um almadrague para repousar, e repartiriamos comvosco da nossa cœa. Mas o mal esta feito, e o peor Ø que para hoje nªo vos posso offerecer abrigo. Vœs crœdes, sancto homem, que a revolta Ø finda, e nunca ella esteve mais accesa. Sua senhoria vae partir jÆ da cidade ..."

"Sancta Maria vall! Sancto nome de Jesus! Accorrei-nos, virgem bemdicta!--interrompeu Fr. Roy.--Pois os populares teimam em sua assuada, e elrei deixa-nos aos coitados de nœs, humildes religiosos e cidadªos pacificos, entregues ao furor dos peies?"

"E que remedio, bom Fr. Roy?!--replicou tristemente o donzel.--Sem cavalleiros, escudeiros e bœsteiros nªo se faz guerra, nem se desfazem assuadas, e nada d'isto tem elrei. Agora vou eu ao rocio avisar os senhores do conselho, os privados e fidalgos que lÆ estªo, que sigam caminho de Santarem, sob pena de incorrerem em caso de traiço se ficarem em Lisboa, por signal que elrei me recommendou procurasse avisar primeiro que ninguøm sua mercœe o infante D. Diniz."

"No rocio, dizeis vœs?--tornou o beguino arregalando os olhos.--Confesso que vos nªo entendo."

Durante este dialogo o donzel tinha acabado de destrancar a porta do paço, cavalgado na mula que trazia de rœdea, e saído ao terreiro seguido de Fr. Roy, que coxeava, estorcia-se, e suspirava dolorosamente de quando em quando. Passo a passo, e sofrendo a mula, caminho da sœ, o pagem narrou ao beguino todas as particularidades succedidas aquella manhan, as quaes Fr. Roy sabia melhor do que elle. Chegados defronte dos paços do concelho, o pagem tomou pelo sopœ da alcaçova e Fr. Roy pela porta do ferro, nªo sem terem primeiro saído da bolça do donzel para a manga

do beguino alguns pilartes[1], e da bôca deste para os ouvidos daquelle alguns latinorios pios devidamente escorchados.

Apenas passara o largo da sô e transpozera a velha e soturna porta do ferro, Fr. Roy se achava perfeitamente sarado do seu tãõ agudo rheumatismo. Ligeiro como um galgo, desceu por entre as antigas terecenas reaes, e em menos de tres credos estava no pelourinho[2] Ahi viu cousa que o fez parar. Um homem vestido de valencina, e coberta a cabeça com um grande feltro, arengava a um troco de bõsteiros e peies armados de lanças ou ascumas, de almarcovas ou cutellos: tinha nas mos um desconforme montante, e na cincta uma espada curta: a turba ora o escutava attentamente, ora prorompia em gritos confusos e estrondosos. Fr. Roy chegou-se. O homem do feltro amplo era o mestre tanoeiro Bartholomeu Chambãõ, que enthusiasmado proseguia o seu vehemente discurso sem reparar no beguino:

"Jã vo-lo disse: d'aqui ninguõm bõde põ antes d'elrei nosso senhor sair para S. Domingos. Nada de bulha fã de sazãõ, que lã estãõ os esculcas. Daremos mostra ao paõ quando ahi fõ sãõ adultera. Se, como hontem, nos fecharem as portas, isso õ outro caso. É preciso que isto se desfaça. A cobra peõnhenta deve sair da toca. Nãõ digo que entãõ nãõ seja possivel esmagar-se-lhe a cabeça... N'um brandir de ascuma... Mas cautela, nãõ haja sangue!... Pelo menos de innocentes... Leaes e esforçados cidadãõs desta mui leal cidãõ... Sãõfa, bruto!"

Esta peroraçãõ inesperada com que mestre Bartholomeu interrompõera o seu discurso, que se ía elevar ao ápice da eloquencia, procedõera de lhe ter descido a grossa e espaçosa mãõ do ichacorvos sobre o hombro, que lhe vergãera como se houvessem descarregado em cima delle uma aduella de cuba. A Fr. Roy occorrõera uma idõa abençõada, a de communicar a mestre Bartholomeu a nova que D. Leonor lhe recommendãera espalhasse entre os amotinados; a nova da sua partida de Lisboa com elrei. O mendicante sabia que o tanoeiro era homem de bofes lavados, e que dentro de meia hora a noticia teria corrido toda a cidade. Assim se esquivava nãõ sãõ ser visto no rocio pelo donzel, de quem naquelle instante se apartãera, mas tambem a achar-se envolvido em qualquer desordem que semelhante noticia poderia produzir, attenta a irritaçãõ dos animos. Alõm d'isto a lembrança do arripio dorsal, que as ultimas palavras de D. Leonor lhe tinham causado, lhe fazia quasi desejar que o tanoeiro, encarregado (segundo percebõera do fim da sua arenga) da commissãõ, que, na taberna de Folco Taca, Diogo Lopes incumbira a Fernãõ Vasques, podesse ainda desempenha-la, atalhando a fuga de D. Leonor. Estas considerações que lhe haviam passado rapidamente pelo espirito, e o võer que mestre Bartholomeu nãõ levava geito de acabar, o moveram a falar ao tanoeiro, que sãõ sentira quando elle lhe descarregãera sobre o hombro a ponderosa mas amigavel palmada.

"Com mil e quinhentos satanazes!--exclamou mestre Bartholomeu, voltando-se e vendo ao põ de si o beguino.--Sabia que a mãõ da

sancta madre igreja era pesada; mas n^o pensava que o fosse tanto!
Que me quereis, Fr. Roy?"

"Dizer-vos que podeis mandar saír vossos esculcas de sua atalaia;
porque poderiam chegar a curtir o inverno ahi antes de verem
elrei chegar e passar para S. Domingos."

"Fr. Roy,--replicou o tanoeiro, fazendo-se vermelho de colera--para
interromper-me com uma de vossas bufonarias n^o valia a pena de
me aleijardes este hombro!"

"Tomae como quizerdes as minhas palavras; chamae-me o que vos
aprouver, buf^o ou mentiroso, mas a verdade Ø que n^o serÆ hoje
que os populares falar^o com elrei."

"Pois qu^o, morreu dos feitiços da adultera, ou lornou-o invisivel
algum encantador seu amigo?"

"Nem uma cousa nem outra: mas com estes olhos de grande peccador
(aqui o ichacovos fez o gesto habitual de cruzar as m^os sobre
o peito) eu o vi sair para a banda da portada cruz..."

"Fr. Roy, olhae que estes honrados cidad^os vos escutam, e que
o auto Ø mui grave para gastar truanices."

"JÆ disse, mestre Bartholotmeu, que falo verdade. Pelo bento
cercilho do sancto-padre vos juro que hoje elrei n^o dormirÆ em
Lisboa, segundo o geito que lhe vejo. Elle cavalgava uma possante
mula de caminbo; n'outra ia uma dona coberta com um longo v^o:
seguiam-no donzeis, falcoeiros e moços de monte. Ao passar ainda
lhe ouvi estas palavras:--olhae aquelles vill^os traidores como
se junctavam: certamente prender-me quizeram, se lÆ fora[3]!--N^o
pude perceber mais nada. Que mais, por^om, Ø preciso? Deixastes
fugir a pr^oEa: agora catae-lhe o rasto."

"Traidor Ø elle, que nos ha mentido como um pag^o!--bradou o
tanoeiro sopesando o montante.--Mas que se guarde de outra vez
trazer a Lisboa a adultera! Rainha ou barregan, arrancar-lhe-hemos
os olhos. A arraya-miuda foi escarnida; mas n^o o serÆ em v^o.
Que dizeis v^os outros, honrados burguezes?"

"Escarnidos, escarnidos!--respondeu com grande grila o tropel.--Mas
ãfØ que nunca a adultera serÆ rainha de Portugal. Morra a comborça!"

E no meio da alarida, as pontas das lanças e os largos ferros
das almarcovas agitadas nos ares scintillavam aos raios do sol
oriental como um vasto brazido.

"Ao rocío! ao rocío!--gritou mestre Bartholomeu.--Vamos, rapazes:
jÆ que n^o fazemos aqui nada, ao menos que o povo n^o seja por
mais tempo burlado!"

E pondo o montante Æs costas, mestre Bartholoraeu tomou por uma

das ruas que davam para a banda de Valverde, seguido da turbamulta, e sem fazer caso de Fr. Roy, que procurava rete-lo, ponderando que ainda poderia alcançar elrei e fazê-lo retroceder. O tanoeiro, porém, não tinha valor para affrontar-se face a face com D. Fernando, e por isso fingiu não ouvir o beguino, que dentro de alguns minutos se achou sóno meio do terreiro calado e deserto.

Entretanto juncto a S. Domingos, se bem que a rixa começada entre os nobres partidários de Leonor e Fernão Vasques se houvesse desvanecido, a agitação dos populares, cujo numero crescia continuamente, não tinha diminuido. Encostado a um dos pilares do alpendre, o alfaiate ora lançava os olhos de revêrs para os senhores da câte e conselho, que, esperando por elrei, passeiavam de um para outro lado, ora os espraiaava por aquelle mar de vultos humanos, que elle sabía poder agitar ou tornar immoveis com uma palavra ou com um simples aceno. Semelhante à hora que precede a procella, em que apenas se vêem correr na atmosphera abalada os castellos encontrados de nuvens densas e negras, e se ouve o estourar dos trovies roufenhos e prolongados, aquella hora que então passava era espantosa e ameaçadora de estragos, sobretudo quando, após um rugido terrivel do tigre popular, se fazia na praça apinhada de gente um silencio ainda mais temeroso e tetrico.

Foi n'uma destas interrupções do motim que um pagem, saíndo ao galope do lado da corredoura, veio apeiar-se juncto do alpendre, e tirando da cincta um pergaminho aberto o entregou ao infante D. Diniz.

Este fitou os olhos na escriptura, descórou subitamente, e entregou o pergaminho a Diogo Lopes, dizendo-lhe ao mesmo tempo em voz baixa:

"Estamos perdidos!"

Diogo Lopes leu o conteçdo naquelle escripto fatal, e no mesmo tom respondeu ao infante:

"O caminho de salvaço que nos resta é o de Santarem. Obediencia e circumspecço!"

O pergaminho passou rapidamente de mão em mão: os fidalgos, letrados, e cavalheiros fizeram um circulo no meio do alpendre: e, depois de o haverem lido, fitaram uns nos outros olhos desassocegados. Todos receiavam falar. O manhoso Pacheco foi o primeiro que se atreveu a isso, aproveitando habilmente a hesitação dos outros fidalgos e conselheiros.

"Vistes a ordem d'elrei. Como um dos mais velhos entre nós, direi meu parecer. Embora o risco seja grande achando-nos cercados de povo armado e furioso, o nosso dever é pô a vida por obedecer a nosso senhor elrei."

"Mas,"--atalhou o doutor Gil d'Ocem, que por mui letrado e prudente

era ouvido como oráculo pelos cortesãos--"o caso é grave: o povo se nos vir retirar enviar-se-ha a nós: se lhes dizemos o motivo da nossa partida é capaz de desconcertos maiores que os já cometidos."

"Sua senhoria não deve ter-nos emprasadado para este auto, se a sua intenção era não dar resposta aos populares."

Visivelmente o doutor em leis e degredos estava tomado de medo, no que não levava vantagem e maior parte dos outros membros do conselho real.

O conde de Barcellos guardava silencio. Não podia conceber como D. Leonor o não avisara a tempo, e por isso preocupava-o a indignação, ignorando que a resolução da fuga fôra tomada mui tarde. Na vespera elle aconselhara a elrei que cedesse a tudo quanto o povo quizesse; porque dissolvido o tumulto, facil era chamar e com os senhores e cavalleiros de mais confiança, acompanhados de gente do guerra, com que seria sopitado qualquer motim, se os populares ousassem oppôr-se de novo e vontade de seu rei e senhor. D. Fernando aceitou o conselho, que, se não era o mais leal, era ao menos o mais seguro; mas as revelações do chacorvos, que o conde ignorava, tinham mudado, como o leitor viu, a situação do negocio.

A reflexão de Gil d'Ocem estava em todas as cabeças, e por isso os cortesãos ficaram outra vez em silencio, como buscando um expediente para sair daquelle difficultoso passo: a incerteza, o despeito, o receio pintava-se nos rostos demudados de muitos.

E as vagas do oceano, que ameaçava traga-los, encapellavam-se aos pés deites: o povo, vendo os fidalgos erguidos e mudos n'um circulo, apinhava-se cada vez mais basto ao redor da alpendrada. Isto fazia crescer o temor, e o temor perturbava demais os animos para não poderem achar um expediente acertado.

Era por isso que esperava o astuto Pacheco.

"De um lado a colera do povo: do outro os mandados delrei--disse, apertando com a mão a fronte, o velho conselheiro de Affonso V.--Resta-nos só um arbitrio."

"Dizei, dizei!--clamaram a um tempo todos, e excepção do conde de Barcellos, que fitou nelle os olhos desconfiados.

"É necessário que annunciemos a nova da partida d'elrei, e que sejamos os primeiros a affeiar este procedimento: é necessário que vamos adiante da indignação dos peões. Depois dir-lhes-hemos que, burlados como elles, nada fazemos aqui. Então apartar-nos-hemos sem susto, e sairemos da cidade como podermos, na certeza de que não serei eu o ultimo, apesar de velho, que cruze as portas da alcaçova de Santarem."

"Mas quem ha-de falar em nosso nome?--perguntou Gil d'Ocem.

"No vosso, mestre Gil das Leis!--interrompeu o conde de Barcellos.--Nem o receio das affrontas do alguns milhares de sandeus, nem o da propria morte me obrigaria a cuspir maldicões sobre o nome daquelle a quem uma vez jurei preito e leal menagem."

"Viram impendere vero nemo tenetur"--replicou Gil d'Ocem--"ou, como quem o dissesse por linguagem, ninguøm Ø obrigado a deixar-se matar por amor da verdade ou de seu preito. Vós fazei o que vos aprouuer."

` auctoridade de um texto latino trazido assim a ponto por um tºo insigne doutor, nºo havia resistir. Os fidalgos e conselheiros approvaram quasi unanimemente o alvitre de Diogo Lopes.

"Mas quem ha-de falar ao povo?--insistiu o mestre em leis, que nºo parecia excessivamente inclinado a incumbir-se dessa gloriosa tarefa.

"Eu, se assim o quizerdes"--replicou immediatamente Diogo Lopes.

O manhoso cortesºo vira claramente que a partida d'elrei transtornava todos os seus desenhos: todavia calculÆra n'um momento como, sem suscitar a indignaçºo de Fernºo Vasques, e por consequencia alguma revelaçºo perigosa, podia salvar-se e ao infante. Logo que elrei se esquivÆra Æ influencia do povo, de cuja ousadia o velho esperava tudo, o casamento de D. Leonor era inevitavel, e ainda suppondo, o que nºo era de esperar, que o tumulto fosse avante, que Lisboa se rebellasse claramente contra D. Fernando, o resultado da guerra civil tinha muito maior probabilidade de ser favoravel a elrei, senhor do resto de Portugal, que ao povo, desprovido naquella conjunctura dos principaes meios com que poderia sustentar uma lucta intestina. Assim, o alvitre que offerecÆra para a salvaçºo dos cortezºos era sópara se haver de salvar a si, conservando ao mesmo tempo a afeiçºo dos cabeças da revolta, sem que o meio que para isso devia empregar o fizesse decahir da graça de D. Fernando.

Para os calculos de Diogo Lopes faltÆro, porØm, um elemento: era a delaçºo do beguino; e era justamente, esta falta que os destruia todos. Assim Ø a politica.

O sacrificio de Diogo Lopes foi geralmente recebido com approvaçºo e agradecimento. Entºo elle, saíndo do circulo, aproximou-se a Fernºo Vasques, que de quando em quando volvia os olhos inquietos para a pinha dos fidalgos e cavalleiros.

"Falhou a traça:--disse o velho cortezºo em voz sumida ao alfaiate.--Elrei acaba de saír da cidade."

Fernºo Vasques recuou, e poz-se a olhar espantado para Diogo Lopes, como quem nºo acreditava o que ouvia.

"O que vos digo é a verdade,--continuou Pacheco.--Mas não affrouxar! Elrei de Castella é por nós, e bom numero de fidalgos portuguezes o são também. Mais; são por nós a maior parte dos que ora aqui vós estades presentes. Conservae o bom animo do povo, e fiae o resto de mim e ... de quem vós sabeis."

Ao pronunciar estas palavras, Diogo Lopes lançou de relance os olhos para D. Diniz.

"Mas elrei tomará por mulher D. Leonor--acudiu o alfaiate aterrado:--voltar a Lisboa com seus cavalleiros e homens d'armas, e então coitados de nós!"

"Não temas: o matrimonio adultero será condemnado pelo papa. Vós já tereis ouvido contar o que succedeu a elrei D. Sancho: a D. Fernando pôde succeder o mesmo. Também os fidalgos de Portugal têm homens d'armas. Podeis estar certo de que não vos abandonaremos. Agora resta uma cousa. Coube-me a mim dar esta triste nova aos bons e leaes burguezes, que tão ousadamente se oppozeram á deshonra da sua terra e de seu rei, e eu devo ser ouvido por elles. Mandae-lhes que façam silencio."

Fernão Vasques obedeceu: o ruído dos populares, que não descontinuará durante esta scena, acalmou a um aceno do alfaiate.

Diogo Lopes fez então um largo discurso, com o qual não cansaremos os leitores, que pouco mais ou menos terão previsto como seria. Misturando amargas reprehensões contra D. Fernando com lisonjas aos populares, procurou persuadi-los, posto que indirectamente, de que toda a fidalguia estava cheia de indignação. Alludiu á resistencia por armas que elrei podia encontrar entre os ricos-homens de Portugal contra o seu casamento, e no caso de vir este a cabo, a probabilidade de ser annullado pelas censuras da igreja. Emfim, sem nunca lhes dizer claramente que insistissem na revolta, e tractassem, se fosse preciso, de defender a cidade contra o poder real, suscitou todas as idéas que podiam levar os populares a este excesso. Faltava o ponto difficultoso; o da partida dos fidalgos. Pacheco soube com a mesma ambiguidade dar esperanças aos pees de que elles se encaminhavam para suas alcaidarias e honras com o louvavel intento de se aperceberem em soccorro dos burguezes de Lisboa, e com tal arte o fez, que os senhores e cavalleiros que se achavam em S. Domingos, sem exceptuar o proprio conde de Barcellos, não viram nas suas palavras senão uma feliz inspiração para os salvar da colera da arraya-miuda.

Durante aquella larga arenga esta guardava silencio, interrompido a espaços por um desses borborinhos, que são como os annuncios das erupções do vulcão popular. Pacheco, emfim, concluiu: mas o espectáculo que tinha diante de si o fez ficar immovel por alguns momentos; e estes foram terriveis. Aquelles centenaes de olhos avermelhados, scintillantes de furor, eravados nelle e nos outros fidalgos; aquellas bocas semi-abertas prestes a proromper

em brados de morte, eram como um pesadello diabolico, como uma vertigem de loucura. Os populares pareciam ainda escuta-lo, e n^o poderem acreditar a deslealdade de D. Fernando de Portugal.

Os fidalgos aproveitaram este instante de torpor moral que precedia a procella. Desceram da alpendrada, e montando nas suas possantes mulas, encaminharam-se vagarosamente para a banda da corredoura. No meio da cavalgada, e rodeado dos cavalleiros mais bemquistos do povo ía o conde de Barcellos, e Diogo Lopes com os seus pagens fechava o sequito. Se houvessem atravessado a praça, o conde teria corrido grande risco; porque, ao dobrar o angulo do mesteiro, ja os doestos grosseiros e violentos voavam contra elle do meio do povo apinhado, e at^o dois virotes de b^osta pareceu sibilarem por cima da sua cabeça. Mas apertando os acicates, os cavalleiros seguiram ao longo da corredoura, em quanto Diogo Lopes, victoriado pelas turbas, a quem com sorrisos retribuia aquellas mostras de aff^octo, obstava a que as ondas populares rodeassem o diminuto numero de cortez^os, alguns dos quaes tinham fundados motivos para receiar a irritaç^o desses animos ferozes, exaltados pela fuga d'elrei.

A cavalgada linha desaparecido, quando um troço de b^osteiros e peies desembocou do lado da rua nova. Eram mestre Bartholomeu e a sua gente, que vinham confirmar a nova dada por Diogo Lopes Pacheco.

Mas as palavras que Fr. Roy dissera ter ouvido proferir a elrei, lançadas entre os amotinados como um facho sobre mont^o de lenha por onde lavra ha muito fogo occulto, levaram o tumulto a um ponto medonho. As affrontas, que at^o ahi quasi sóse encaminhavam contra Leonor Telles e seus parciaes, voltaram-se contra D. Fernando. As maldições, as pragas, os nomes de traidor e covarde se ajunctavam ^{as} mais violentas ameaças. Uns juravam que nunca mais elle entraria em Lisboa; outros propunham que se lançasse fogo aos paços reaes. Debalde Fern^o Vasques trabalhava por aquieta-los; nem j^o escutavam o seu idolo. Furiosos espalhavam-se pelas ruas, que atroavam com gritos, brandindo as armas; e por certo que se neste momento D. Fernando lhes tivesse apparecido, n^o teriam talvez respeitado a vida do filho do seu t^o querido D. Pedro I, o mais popular de todos os nossos reis, chamados da primeira dynastia.

Este motim sem objecto, sem resistencia, e sem resultado, acalmou nesse mesmo dia. Ao anoitecer, a cidade tinha cahido no seu habitual silencio, e pouco a pouco os fidalgos e cavalleiros, atravessando as portas da cruz, seguiam caminho de Santarem. O systema militar dos antigos parthos dera a victoria a elrei: elle venc^oera fugindo!

O povo adormeceu: os cabeças da revolta estavam irremediavelmente perdidos.

[1] Moeda de prata de cinco soldos.

[2] As terecenas ou taracenas reaes, isto ^o o deposito

dos aprestos das galões, de guerra, eram juncto ao sitio em que hoje vemos a igreja da Magdalena: o pelourinho velho ou Açougues era um terreiro que ficava pouco mais ou menos no fim da rua da Praia.

[3] Nom quis alla hir e partiose da çidade com D. Lionor, ho mais escusamente que pode, e hi a dizendo pello caminho; "Oulhaae, &c."--Fern^o Lopes, chr. de D. Fernando c. 61.

UMA BARREGAN RAINHA.

O Douro Ø bem carregado e triste! A sua corrente rapida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve aguas turvas e mal assombradas. Nas suas ribas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puro ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de nevoas, e atravØs desse manto a atmosphaera embaciada faz cahir sobre a vossa cabeça os raios do sol semi-mortos, quasi como um frio reflexo de lua, ou como a luz sem calor de uma tocha distante. É depois de alto dia que esse ambiente, semelhante ao que rodeava os guerreiros de Ossian, vos desoprime os pulmies, onde muitas vezes tem depositado jÆ os germens da morte. Ent^o, se, trepando a um pinaculo das ribas, espraiaes os olhos para a banda do sert^o, lÆ vÆdes como uma serpente immensa e alvacentá, que se enrosca por entre as montanhas, e cujo colo esta por baixo de vossos pØs: Ø o nevoeiro que se acama e dissolve sobre as aguas que o geraram. O horisonte atØ ahi turvo, limitado, indistincto, expande-se ao longe, contornÆa-se dos cimos franjados das montanhas engastadas na cortina azul do horisonte, e a terra, a perder de vista, parece-nos um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paizagens do Douro a natureza empregou um pincel semelhante ao de Miguel Angelo: foi robusta, solemne e profunda.

Como sobre um circo convertido em naumachia, o Porto ergue-se em amphitheatro sobre o esteiro do Douro, e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de tres provincias, e tendo nas m^{as} as chaves dos haveres dellas, o seu aspecto Ø severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas n^o o julgueis antes de o tractar familiarmente. N^o façaes cabedal de certo modo aspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o Æ prova, e achar-lhe-heis um coraç^o bom, generoso e leal. Rudeza e virtude s^{ao} muitas vezes companheiras; e entre nós, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja elle quem guarde ainda maior porç^o da desbaratada herança do antigo character portuguez no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que n^o passava de algumas demasias de orgulho.

Nos fins do seculo decimo-quarto o Porto ía ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da sua futura grandeza estava no

caracter dos seus filhos, na sua situação e nas mudanças políticas e industriais que depois sobrevieram em Portugal. Posto que nobre, e lembrado como origem do nome desta linhagem portuguesa, os seus destinos eram humildes comparados com os da theocratica Braga, com os da cavalleirosa Coimbra, com os de Santarem a cortezan, com os de Evora a romana e monumental, com os de Lisboa, a mercadora, guerreira e turbulenta. Quem o visse coroado da sua cathedral, semi-arabe, semi-gothica, em voz de alcacer ameiado; soltoposta, em vez de o ser Æ torre de menagem, aos dous campanarios lisos, quadrangulares e macissos, tão diferentes dos campanarios dos outros povos christãos, talvez porque entre nós os architectos arabes quieram deixar as almadenas das mesquitas estampadas como um ferrete da antiga servidão na face do templo dos nazarenos; quem assim visse o burgo episcopal do Porto, pendurado Æ roda da igreja, e defendido antes por anathemas sacerdotaes, que por engenhos de guerra, mal pensaria que desse burgo submisso nasceria um emporio de commercio, onde dentro de cinco seculos, mais que em nenhuma outra povoação do reino, a classe então fraca e não definida, a que chamavam burguezia, teria a consciencia da sua força e dos seus direitos, e daria a Portugal exemplos de um amor tenaz d'independencia e de liberdade.

A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma legua desde o Seminario até além de Miragaia, ou antes até a Foz, pela margem direita do rio, entranhando-se amplamente para o sertão, mostrava ainda nos fins do seculo decimo-quarto os elementos distinctos de que se compoz. Ao oriente o burgo do bispo, edificado pelo pendor do monte da sã, vinha morrer nas hortas, que cobriam todo o valle onde hoje estão lançadas a praça de D. Pedro e as ruas das Flores e de S. João, e que o separavam dos mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente a povoação de Miragaia, assentada ao redor da ermida de S. Pedro, trepava já para o lado do Olival, e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita, e pelo oriente com a villa ou burgo episcopal. A igreja, o municipio, e a monarchia entre esses limites pelejaram por seculos suas batalhas de predominio, até que triumphou a coroa. Então a linha que dividia as tres povoações desapareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palacios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monarchica.

Era neste burgo ecclesiastico, nesta cidade nascente, que por um formoso dia de janeiro da era de Cesar de 1410 (1372) se viam varridas e cobertas de espadanas e flores as estreitas e tortuosas ruas que pela encosta do monte guiavam ao burgo primitivo fundado ou restaurado pelos gascies, se não mentem memorias remotas[1]. Na rua do Souto, já assim chamada, talvez pela vizinhança de algum bosque de castanheiros[2], como principal entrada da povoação, andavam as danças judengas e folias mouriscas com musicas e trebelhos ou jogos, por entre o povo vestido de festa, o que era indicio evidente de que se esperava elrei, cuja vinda a qualquer povoação era o unico motivo legal para fazer dançar e foliar judeus e mouros, que de certo não folgavam com estes forçados e dispendiosos

signaes de contentamento publico.

Com effeito uma numerosa e esplendida cavalgada viha da banda do baillado de Leça, Elrei D. Fernando ajuncto era em Santarem os seus ricos-homens e conselheiros: amestrado por Leonor Telles na arte de dissimular, recebia com todas as mostras de boa-vontade o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco, ao qual, para maior disfarce, não escaceava mercês[3]. Depois em folgares e caçadas vagueava pelo reino com D. Leonor, ató que em Eixo fizera um como manifesto da resolução que tomava de a receber por mulher, o que neste dia cumprira na antiga igreja daquella celebre commenda dos Hospitalarios. Era, pois, para celebrar este matrimonio adultero, agourado pelas maldicções populares, que o bispo D. Affonso, menos escrupuloso que o povo de Lisboa acerca de adulterios, vestia de festa o seu mui canonico burgo[4].

A cavalgada, que se víra descer ao longo do valle, já atravessava o rio da villa pela ponte do Souto[5] e encaminhava-se para uma antiga porta da povoação primitiva, porta conhecida ainda hoje, como então, pelo nome de Vandoma. Ao lado direito d'elrei ia D. Leonor, a rainha de Portugal: elle montado em um cavallo de guerra; ella em um palafrem branco, levado de redea desde a entrada da ponte pelo infante D. João, que familiarmente falava e ria com a formosa cavalleira. Da banda esquerda o bispo D. Affonso, curvado e enfraquecido pela velhice, oscillava e fazia cortezias involuntarias a cada passada da mansissima e veneranda mula episcopal. Juncto ao velho prelado o infante D. Diniz caminhava em silencio, e no aspecto melancolico do mancebo se divisava que uma profunda tristeza lhe consumia o coração, vendo-se como atado ao carro triumphal da mulher que pouco a pouco se convertia em sua irreconciliavel inimiga. Após estas principaes personagens via-se uma grande multidão de cavalleiros, clérigos, cortezãos, conselheiros, juizes da corte, companhia esplendida, por entre a qual brilhava o ouro, a prata, e as variadas cores dos trajos de festa, que sobresaíam no chão negro das vestiduras roçagantes dos magistrados e clérigos. Adiante d'elrei as danças dos mouros e judeus volteavam rapidas ao som da viola ou alaude arabe, das trombetas e das soalhas. Segundo o antigo uso seguiam-se as danças cós de donzellas burguezas, que celebravam cora seus cantos o amor e a ventura dos noivos[6].

Mas esse canto tinha o que quer que era triste na toada. Triste era tambem o aspecto dos populares, que sem um sógrito de regosijo se apinhava para ver passar aquelle prestito real. Mil olhos se cravavam no infante D. Diniz, cujo rosto melancolico revelava que os seus pensamentos eram accordes com os do povo, que por toda a parte não via neste consorcio senão um crime e uma fonte de desventuras. Os cortezãos, porém, fingiam não perceber o que passava a roda delles, e pareciam transbordar de alegria. Muitos eram daquelles que mais contrarios haviam sido aos amores d'elrei, mas que vendo emfim D. Leonor rainha, voltavam-se para o sol que nascia, e calculavam já quantas terras, e que somma de direitos reais lhes poderia render da parte de um rei prodigo a sua mudança

de opini^o.

Entre elles n^o se via o tenaz e astuto Pacheco. Habitudo ao tracto da c^orte por largos annos, experimentado em todos os enredos dos pa^os, habil em traduzir sorrisos e gestos, palavras avulsas e discursos fingidos, n^o tard^o era em perceber que as merc^oes e agrados d'elrei e de D. Leonor encobriam intentos de irrevogavel vingança. Conhecendo que a sedi^o popular f^orta inutil, e que, ainda renovada com mais furia, n^o poderia resistir ^aes armas de D. Fernando, havia-se affastado da c^orte, e posto que s^onos fins desse anno elle passasse a servir o seu antigo protector e amigo D. Henrique de Castella, busc^o era entretanto esquivar-se ao odio da nova rainha, conservando ao mesmo tempo a boa opini^o entre o vulgo.

Abandonado assim do seu guia, o infante D. Diniz soffr^o era resignado um successo que n^o podia embargar; mas, digno filho de D. Pedro, conserv^o era intacta a sua m^o vontade a D. Leonor. Abandonado dos seus parciaes, vendo, se n^o trahida, ao menos quasi morta, e inactiva a allian^oça de Pacheco, e, para maior desalento, seu irm^o mais velho o infante D. Jo^o ligado com essa mulher, da qual este principe mal pensava ent^o lhe viria a ultima ruina; no meio de tanto desamparo, o infante, a principio timido e irresoluto, sentira crescer a ousadia com os perigos; sentira girar-lhe nas veias o sangue paterno. Obrigado a seguir a corte, nunca D. Leonor ach^o era um sorriso nos seus labios; nunca o vira conter diante della um s^osignal de desprezo. Assim a colera d'elrei contra seu irm^o havia chegado ao maior auge, e os calculos de fria e paciente vingança estavam resolvidos no animo de Leonor Telles.

A cavalgada tinha subido a encosta, atravessado a porta de Vandoma, que em parte ainda subsiste, e passado em frente da s^o, juncto da qual se dilatavam os pa^os episcopaes. Ahi as dan^oças e folias pararam e fizeram por um momento silencio: ent^o o infante D. Jo^o, tomando nos bra^os a formosa rainha, apeou-a do palafrem: ap^os ella elrei saltou ligeiro do seu fogoso e agigantado ginete. Dentro em pouco toda a comitiva tinha desaparecido no profundo portal dos pa^os, e os donzeis conduziam os elegantes cavallos, as mulas inquietas e os mansos palafrens para as vastas e bem providas cavallari^oças do mui devoto e poderoso prelado da antiga Festabole[7].

O aposento principal dos pa^os, quadra vasta e grandiosa, estava de antem^o ornado para receber os hospedes reaes do velho bispo D. Affonso. Um throno com dous assentos de espaldas indicava que a elle ia subir tambem uma rainha. D. Leonor entrou seguida das cuvilheiras e donzellas da sua camara; elrei de todos os principaes cavalleiros. Viam-se entre estes o alferes-m^o Ayras Gomes da Silva, anci^o veneravel, que f^orta seu aio, o orgulhoso mordomo-m^o D. Jo^o Affonso Tello, Gil Vasques de Resende, aio do infante D. Diniz, o prior do hospital Alvaro Gon^oalves Pereira, e muitos outros fidalgos que ou seguiam a c^orte, ou tinham vindo

assistir Às bodas reais.

Guiada por D. Fernando, Leonor Telles subiu com passo firme os degraus do throno. Como o navegante, que, affrontando temporaes desfeitos por mares incognitos e aparcellados, e chegando ao porto longinquo, quasi que não crê pisar a terra de seus desejos, assim esta mulher ambiciosa e audaz parecia duvidar da realidade da sua elevação. A alma sorria-lhe a mil esperanças; a vida trasbordava nella. A seu lado um rei, a seus pés um reino! Era mais que embriaguez; era delirio. Ella sentia um novo affecto, um como desejo de perdão aos seus inimigos! Tremeu de si mesma, e convocando todas as forças do coração, salvou a sua ferocidade hypocrita, que parecia querer abandona-la. Era severo o seu aspecto quando esses pensamentos estranhos lhe passaram pelo espirito; mas o sorriso tornou a espriar-se-lhe no rosto, quando o instincto de tigre pôde faze-la triumphar desse momento em que a generosidade costuma accommetter com violencia as almas vingativas e ferozes, o momento em que se realisa a summa ventura por largo tempo sonhada.

Do alto do throno e em pé, D. Fernando estendeu a mão: o tropel de cortezãos e cavalleiros, de donas e donzellas formaram aos lados da espaçosa sala fileiras esplendidas, immoveis e silenciosas: elrei volveu olhos lentos para um e outro lado, e disse:

"Ricos-homens, infantes, e cavalleiros de Portugal, um dos mais nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou foi o matrimonio: como para os outros homens, para os reis se instituiu elle; porque por elle as corôas se perpetuam na linhagem real. É por isso que eu despousei hoje a mui illustre D. Leonor, filha de D. Affonso Tello, descendente dos antigos reis, e ligada com os mais nobres d'entre vós pelo divido do sangue. Assim a rainha de Portugal será mais um laço que vos una a mim como parentes, que de hoje Àvante sois meus. Leaes como tendes sido a vosso rei pelo preito que lhe fizestes, muito mais o sereis por este novo titulo. Em que pez a traidores, D. Leonor Telles não minha mulher! Fidalgos portuguezes, beijae a mão À vossa rainha.[8]"

O velho alferes-mór Ayres Gomes aproximou-se então do throno À voz do seu moço pupillo; ajoelhou e beijou a mão a D. Leonor; mas o olhar que lançou para elrei era como o de pedagogo que de mau humor se accomoda ao capricho infantil de um principe. Ao volver d'olhos do ancião, D. Fernando cêou e voltou o rosto.

O infante D. João, porçôm, dobrando o joelho aos pés da formosa rainha, parecia trasbordar de alegria: contemplando-o Leonor Telles deixou assomar aos labios um daquelles ambiguos e quasi imperceptiveis sorrisos que, vindos della, sempre tinham uma significação profunda. Por ventura que no infante D. João ella já não via mais que o precursor da humilhação de D. Diniz, do seu capital inimigo.

Após o infante os fidalgos vieram successivamente curvar-se ante D. Leonor. Boa parte delles eram como os capitães vencidos seguindo

ao capitolio um triumphador romano. Podia-se com effeito dizer que, mau-grado desses que se rojavam a seus pões, ella conquistÆra o throno.

Toda a comprida fileira de nobres e officiaes da corã tinha passado e ajoelhado no estrado real. Faltava um; e era este, que, menosprezando tantas frontes illustres por valor ou sciencia, por fidalguia ou riqueza, inclinadas perante ella, a mulher orgulhosa e implacavel esperava, cogitando no momento em que o mancebo ainda impubere, sem renome, sem poderio, celebre sópor seu berço e pelo desgraçado drama da morte de D. Ignez, viesse tributar homenagem Æ que representava um papel analogo ao daquela desventurada, salvo na sinceridade do amor e na innocencia da vida.

Mas esse para quem D. Leonor mais de uma vez volvÆra rapidamente os olhos, considerava com os braços cruzados aquelle espectÆculo em perfeita immobildade, de que unicamente saíra quando Gil Vasques de Resende, que estava a seu lado, se affastÆra, caminhando para os degraus do estrado. O mancebo apertÆra a mão do idoso aio, trømula da idade, com a mão ainda mais trømula de colera. Na conta de pae o tinha; venerava-o como filho, e a idøa de o vÆer prostituir os seus cabellos brancos aos pões de uma adúltera o levÆra a esse movimento involuntario; involuntario, porque elle, naquella postura e naquella hora, não fazia mais que colligir todas as forças da alma para salvar a honra do nome de seus avós, do nome dos reis portuguezes, esquecida por um de seus irmãos, e talvez mercadejada por outro em troco de valimento infame. O velho entendeu o que significava este convulso apertar de mão: duas lagrymas lhe cahiram pelas faces; mas obedeceu a elrei.

Sófaltava D. Diniz, que continuÆra a ficar immovel. Houve um momento de silencio sepulchral na vasta sala, e este silencio era para todos indefinido, mas terrivel.

D. Fernando poz-se a olhar fito para seu irmão, enleiado, ao que parecia, em scismar profundo.

Pouco a pouco todos os fidalgos que povoavam aquella immensa quadra se poderiam crer petrificados como as columnas gothicas, que sustinham as voltas ponteagudas do tecto, se não fosse o respirar anciado e rapido que lhes fazia ranger sobre os peitos e hombros os seus ricos briaes[9].

Os labios d'elrei tremeram, como a superficie do mar encrespada pela leve e repentina aragem que precede immediatamente o tufão. Depois entreabrindo-os, com os dentes cerrados, murmurou:

"Infante D. Diniz, beijae a mão Æ vossa rainha!"

Foi um só volver de todos os olhos para o moço infante: o sussurro das respirações cessÆra.

D. Diniz não respondeu; encaminhou-se para o meio do aposento:

parou defronte do throno, e olhando em redor de si, perguntou com sorriso de amargo escarneo:

"Onde estÆ aqui a rainha de Portugal?"

"Infante D. Diniz!--disse elrei, cujo rosto o furor mal reprimido demudÆEra.--Soffredor e bom irmºo tenho sido por largo tempo: nºo queiraes que seja hoje sójuiz inflexível do filho querido daquelle que tambem me gerou! Infante D. Diniz! beijae a mºo da mui nobre e virtuosa D. Leonor Telles, como fez vosso irmºo mais velho, de quem deveis haver vergonha.[10]"

"Nunca um neto do D. Affonso do Salado--replicou o infante com apparente tranquillidade--beijarÆ a mºo da que elrei seu irmªo e senhor quer chamar rainha. Nunca D. Diniz de Portugal beijarÆ a mºo da mulher de Joºo Lourenço da Cunha. Primeiro ella descera desse throno e virÆ ajoelhar a meus pØs; que de reis venho eu, nºo ella."

"De joelhos, dom traidor!--gritou D. Fernando, pondo-se em pØ e descendo dous degraus do estrado.--De joelhos, vil parceiro de reveis sandeus! Se a taberna de Folco Taca vos ouviu fazer preito infame aos peies de Lisboa, quebra-lo-heis diante de vosso rei: quebra-lo-heis, que vo-lo digo eu!"

D. Diniz viu entºo que todos seus passos estavam descobertos: achava-se por isso áborda de um abysmo. Hesitou um momento; mas lembrou-se de que era neto do heroe do Salado, e precipitou-se na voragem.

"Vil Ø a mulher barregan e adultera, e essa Ø ambas as cousas. Traidor seria um rei de Portugal que assentasse o adulterio no throno, e vós o fizestes, rei deshonorado e maldicto de vosso Deus e do vosso povo! Quem neste logar Ø o vil e o traidor?"

O infante, acabando de proferir estas palavras, abaixou a cabeça e deixou descahir os braços. Elle bem sabia que se seguia o morrer.

Apenas elrei se alevantÆEra, D. Leonor, cujas faces se haviam tingido da amarellidã da morte, tinha-se erguido tambem. Naquelle rosto, semelhante ao de uma estatua de sepulchro, apenas se conhecia o viver no profundar, cada vez maior, das duas rugas frontaes que se lhe vinham junctar entre os sobr' olhos.

Ouvindo as derradeiras e fulminantes palavras de D. Diniz, elrei soltÆEra um destes rugidos de desesperaçºo e colera humana, que nem o rugido da mais brava fera póe igualar; grito de ventriloquo, que Ø como o estridor de todas os fibras do coraçºo que se despedaçam a um tempo; gemido como o do rodado ao primeiro gyro do instrumento do supplicio; rugido, grito, gemido, conglobados n'um sóhiato, fundidos n'um som unico pela raiva, pelo odio, pela angustia: brado que sóterÆ eccho pleno no bramido que ha-de soltar o reprobado quando no derradeiro juízo o julgador dos mundos lhe disser:--para

ti as penas eternas.

O brado de D. Fernando fizera tremer os mais esforçados cavalleiros que se achavam presentes: o movimento que o seguiu fez gelar o sangue em todas as veias.

Como um relampago elle tinha arrancado da cincta o agudo bulhão, e com os olhos desvairados encaminhava-se para o meio da sala, onde seu irmão o esperara immovel, com a mão sobre o peito, como se dissesse: aqui!

Mas D. Fernando não pôde offerecer nas aras do adulterio um fratricidio: uma barreira se tinha alevantado a seus pés. Era um velho de fronte calva, e de longas melenas brancas e desbastadas pelos annos: era aquelle que lhe fôra mais que pae, e que elle respeitava mais que a memória deste: era o seu alferes-mór, o veneravel Ayras Gomes, que ajoelhado lhe clamava com vozes truncadas de soluços e lagrimas:

"Senhor! que é vosso irmão!"

"É um covarde traidor, que deve morrer! Irmão!? Mentos, velho! Elle já não é o irmão!"

palavra--mentos!--um relampago de vermelhidão passou pelas faces cavadas do antigo cavalleiro: abaixou os olhos, e correu-os pela espada. Fôra esta a primeira vez que ella ficára na bainha depois de tão funda affronta. Mas aquelle era o momento dos grandes sacrificios. Ayras Gomes replicou, alimpando as lagrymas:

"Nunca vos menti, senhor, nem quando ereis na puericia, nem depois que sois meu rei. Sabei-lo. Criminoso ou innocente, D. Diniz é filho de meu bom senhor D. Pedro. A vosso pae servi com lealdade; por vós já me andou arriscada a vida. Hoje tendes por defensores todos os cavalleiros de Portugal: elle é que não tem um só Senhor rei, ficae certo de que para assassinar vosso irmão vos é mister passar por cima do cadaver de vosso segundo pae."

Atalhado assim o primeiro impeto, o character do moço monarcha revelou-se inteiro neste momento. Commoveu-o a postura do venerando ancião, que pela primeira vez via a seus pés; e com a irresolução pintada nos olhos fitou-os em Leonor Telles.

Por uma reflexão instantânea a hyena previra que o sangue derramado pelo fratricida não cahiria sómente sobre a cabeça deste, mas também sobre a della. Naquelle rosto, então semelhante ao de uma estatua, D. Fernando não pôde ler a sentença do infante, bem que lá no fundo do coração ella estivesse escripta com sangue.

Entretanto os cortezãos, que no furor rompente d'elrei haviam ficado estupefactos e quedos, vendo-o vacillar, rodearam o infante. O velho Gil Vasques de Resende, que ia interpor-se também entre D. Diniz e elrei, quando este arrancára o punhal, parára ao ver

a heróica resolução do alferes-mór; mas ao hesitar de D. Fernando corria a abraçar-se com o seu pupillo, que, no meio de tantos animos agitados por paixões diversas, era quem unicamente parecia tranquillo e alheio ao terror que se pintava em todos os semblantes.

Finalmente elle metteu vagarosamente o punhal no cincto, e com voz pausada, mas trémula e presa, disse:

"Que esse malaventurado seja d'ante mim."

O tom com que estas poucas palavras foram proferidas fez vergar o animo de D. Diniz, cujo coração antes d'isso parecia de bronze. Os olhos arrasaram-se-lhe de agua. Sentira que até então era uma cêrca cega, repentina, insensata, que o ameaçava: agora, porém, no modo e na expressão de D. Fernando vira claramente que era um amor de irmão que expirava.

Com a cabeça pendida em cima do hombro de Gil Vasques de Resende saiu do aposento.

Era talvez o velho o unico amigo que lhe restava no mundo.

D. Leonor levou ambas as mãos ao rosto, e via-se-lhe arquejar o collo formoso por mal contido suspiro.

"Coração compadecido e generoso!--pensou elle consigo o alferes-mór, que havia pouco a tractava pela primeira vez.

"Hora maldicta e negra, em que perdi metade de minha tão esperada vingança!--pensava Leonor Telles, e o chão rebentou-lhe com violencia.

"Não te afflijas, Leonor!--disse D. Fernando, apertando-a ao peito.--Que nunca mais eu o veja, e viva, se podêr, em paz!"

Mas as lagrymas correram ainda com mais abundancia e amargura.

O resto daquelle dia foi triste: triste o banquete e o sarau. A atmospheria em que respirava a nova rainha tinha o que quer que era pesado e mortal, que resfriava todos os corações.

À meia noite, por um claro luar de ceo limpo de inverno, uma barca subia com difficuldade a corrente rapida do Douro: à popa viam-se reluzir, nas toucas e mantos negros de dous cavalleiros que ahi iam assentados, as orlas e bordaduras de ouro e prata: um dos remeiros cantava uma cantiga melancolica, a que respondia o companheiro, e dizia assim:

Mortos me são padre e madre:

Eu tamanino fiquei.

Irmãos meus mal me quiseram:

Eu mal não lhes quererei.

Vou-me correr esse mundo:
Sabe Deus se o correrei!
A alma deixo-a cÆ presa;
O corpo sólevarei.

De meus avôs nos solares
Nasci: dous dias passei:
Meus irmªos, nada vos tenho,
Senªo o nome que herdei.

Esta cantiga, cuja toada monotona repercutia nos rochedos aprumados das margens, foi interrompida por um doloroso suspiro. Um dos cavalleiros o dØra.

Os remeiros calaram-se: arrancaram da voga com mais ancia, e depois continuaram:

Se fui rico, ora sou pobre:
Choro hoje, se jÆ folguei:
Villas troquei por desvios:
Muito fui: nada serei.

Sem padre, madre, ou irmªos,
A quem me socorrerei?
A ti, meu Senhor Jesus:
Senhor Jesus me accorrei!

Um gemido mnis angustiado, que saíu involto em soluços, cortou de novo a cantiga: era do mesmo que jÆ a interrompØera. O seu companheiro bradou aos barqueiros com a voz trØmula e cansada de um anciªo:

"Calae-vos ahi com vossas trovas maldictas!"

Os remeiros vogaram em silencio; mas pensaram lÆ consigo que muito damnadas deviam ser as almas de cavalleiros que assim maldiziam tªo devoto trovar.

Repararam, porØm, que dos dous desconhecidos, o que suspirÆera e gemØera lançÆera os braços ao pescoço do que falÆera, e que este, affagando-o, lhe dizia:

"Quando todos, senhor, vos abandonarem nªo vos abandonarei eu; que o devo ao amor com que vos creei, e Æ esclarecida e sancta memoria de vosso virtuoso pae."

Entªo os barqueiros, bem que rudes, desconfiaram de que podia muito bem ser que nªo fossem duas almas damnadas aquellas, mas sim malaventuradas.

[1] Conde D. Pedro, tit. dos Viegas. Cunha, Cat. dos Bispos do Porto, part. 1.ª pag. 15.

[2] E fezerom mui Æpressa hua grande praça ante S. Domingos e a rua do Souto, que era entom todo ortas. F. Lopes, Chr. de D. Jo^o I, P. 2. c. 96.--Isto era poucos annos depois da epocha de que vamos falando.

[3] A 25 de setembro de 1371, em Santarem, fez elrei merc^o a Diogo Lopes Pacheco da terra de Trancoso para que a haja e tenha em pagamento da sua quantia. Chancell d'elrei D. Fernando L. I. f. 84.

[4] Este bispo D. Affonso era ainda o mesmo a quem elrei D. Pedro, dizem, quizera a^outar por sua pr^opria m^o em consequencia de elle haver commettido adulterio com a mulher de um honrado cidad^o, historia miudamente narrada por Fern^o Lopes chronica daquelle rei, e que nós n^o sabemos dizer at^o que ponto seja verdadeira. D. Rodrigo da Cunha, suppie que o bispo, corrido desta aventura, escandalosa n^o pelo delicto, trivialissimo no clero daquelle tempo, mas pelo ameaçado castigo, cousa inaudita antes e depois de D. Pedro, saíra do bispado e nunca mais volt^oera ao Porto, posto que ainda vivesse pelo menos at^o maio de 1732, como se v^oce do catalogo chronologico dos bispos portuguezes, por J. P. Ribeiro. Esta opini^o, que assenta n'um argumento negativo--a falta de noticias desse prelado nos documentos consultados por D. Rodrigo da Cunha, posteriores aos eminentes a^outes--^o desmentida pelo testemunho de Fern^o Lopes, no cap. 49 da chronica de D. Fernando, que fez presente D. Affonso Æ renovaç^o das pazes d'Alcoutim, juradas no Porto em 1371. Épor isso que, apesar de Cunha, nos pareceu natural fazer abenç^oar por um bispo, que se pinta como manchado de adulterio, um casamento adultero.

[5] Sobre esta antiga topographia vejam-se as inquiriçes dos annos de 1268 e 1348 nas Memorias das Inquiriçes pag. 45 nota 2, e Dissert. Chr. e Crit. tom. 5." pag. 292 e segg.

[6] `cerca de semelhante usança veja-se F. Lopes. Chr. de D. Jo^o I, P. 2" c. 96.

[7] Na supposta divis^o dos bispados, attribuida ao rei Godo Wamba, d^oÆ-se ao Porto o nome de Festabole.

[8] Em grande parte extrahido quasi textualmente da Carta d'Arrhas de Leonor Telles, datada de Eixo aos 5 de Janeiro de era de 1410 (1372).

[9] O brial era uma especie de camisola que os cavalleiros vestiam sobre as armas, e por cima da qual apertaram o cincto da espada. Tambem o vestiam sobre os pannos interiores quando andavam desarmados. O seu uso durou por toda a idade media, e era ainda lembrado nos fins do seculo decimo-sexto, em que o auctor, ou traductor, do Palmeirim d'Inglaterra tantas vezes o menciona. Nas leis sumptuarias de Alfonso IV n^o se tracta ^o verdade de tal vestido; mas a raz^o d'isso ^o obvia: o brial era trajo militar, e aquellas leis versam

sobre o vestuario civil. Na ordenaço affonsina L. 1.º, til. 63, § 21, se manda cingir a espada ao movel sobre o brial. O dictionario de Moraes affirma que o brial era o manto dos cavalleiros: Ø um dos bastos destemperos daquela babel da lingua portugueza. Eis o que diz o auctor do poema do Cid, escripto no meiado do seculo decimo-segundo, falando no brial. (Sanches Pocs. Cast. ant. al siglo 15.º t. 1.º pag. 347.)

Vistiócamisu de ranzal tan blanca como el sol

.....
.....

Sobre ella un brial primo de ciclaton

.....

Sobre esto una piel bermeia

.....
.....
.....

De suso cubrioun manto que es de grant valor.

[10] Dizendo elrei sanhudamente coulra elle: "Que non avia vergonça nenhuuma, beijarem a m^o aa Rainha sua molher o Infante Dom Joham, que era moor que elle, e isso mesmo seu irma^o, e todollos outros lidallgos do reino, e el soamente dizer que lha nom beijaria, mas que lha beijasse ella a elle." Fern. Lopes, Chr. d'elrei D. Fern cap. 62.

JURAMENTO--PAGAMENTO.

PassÆra mais de um anno depois do casamento d'elrei. Este casamento, que explicava o repudio da infanta de Castella, n^o bastÆra em verdade para accender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando jÆ de algum modo previsto nos capitulos addicionaes do tractado de Alcoutim. Mas, como se o desgosto que semelhante offensa devia gerar no animo do rei castelhano n^o fosse assÆs forte para servir de fermento a futuras guerras, D. Fernando suscitÆra novos motivos de sØrias desavenças, que n^o particularisaremos aqui, por n^o virem a nosso intento. Baste saber que, depois de inuteis mensagens e queixas, D. Henrique de Castella, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessÆra rapidamente a Beira, passÆra juncto aos muros de Coimbra, onde se achava D. Leonor Telles, e vindo offerecer batalha a elrei D. Fernando, que estava em Santarem, e que n^o acceitou o combate, se encaminhÆra para Lisboa, cujos habitantes desapercibidos apenas tiveram tempo de se acolherem aos antigos muros do tempo de Affonso III, de cujas torres e adaves viram os castelhanos saquearem e queimarem o bairro mais povoado e rico da cidade, o arrabalde, sem lhes poderem pØ obstaculo. No meio deste apertado cØrco, desamparados d'el-rei, que apenas lhes enviÆra alguns de seus cavalleiros, os moradores de Lisboa n^o tinham desanimado. Com

varia fortuna haviam resistido aos commettimentos dos castelhanos, e o que mais duro era de soffrer, Æ fome, Æ sede, e atØ ao receio de traíges de seus naturaes. Finalmente D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu affastar dos seus muros o exercito d'elrei de Castella, que a tivera sitiada durante quasi dous mezes.

Era nos fins de maio de 1373, pela volta da tarde de um formoso dia de primavera. O ar eslava tepido e o cØu limpo. Pelos campos e valles via-se verdejar a relva; a madresilva, e as rosas bravias, enredadas pelos vallados, embalsamavam a atmospherá. Mas estes eram os unicos signaes que nos arredores de Lisboa revelavam aquella estaçØo suave no seu clima suavissimo. Tudo o mais contrastava horrivelmente com elles. Os extensos e bastos olivedos, que nessas eras a rodeavam, jaziam decepados em terra, como se por alli tivesse passado fouce gigante meneada por braço de ferro. Pelos outeirinhos, coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cobertas de folhas reseçadas antes de tempo, ou ennegrecidas pelo fogo, assimilhando-se a gandra coberta de urzes, que foi desbravada por fins d'outono. As vastas hortas, que se derramavam por Valverde, trilhadas pelos pØs dos cavallos, estavam incultas e abandonadas. Mas sobre este mal assombrado e triste chØo do painel, mais melancholica e afflictiva avultava ainda a figura principal, a cidade.

O populoso bairro chamado o arrabalde, onde d'antes era contínuo o ruído discorde de tracto immeriso, achava-se convertido em um montØo de ruinas. Para o lado do sul e poente nØo se viam desde os antigos muros (cujo perimetro pouco mais cercava do que o castello e o bairro a que hoje damos geralmente o nome d'Alfama) senØo edificios queimados, ruas entulhadas, praças desfeitas, vestigios do sangue, peças de armadura abolidas ou falsadas, hastilhas e ferros partidos de viotes, de lanças e de espadas, e aqui e acolÆ cadÆveres fØtidos, nØo sóde cavallos, mas tambØm de homens, cujas carnes, meias devoradas pelos cØes ou pelo tempo, lhes deixavam branquejar as ossadas. Sobre os entulhos appareciam como phantasmas os servos mouros, revolvendo as pedras derrocadas em busca de alguma preciosidade que tivesse escapado Æes chammas e ao inimigo; e juncto Æes paredes negras da sinagoga os mercadores judeus, olhando para o seu bairro assolado, depennavam as barbas âroda dos rahbis, que recitavam em tom de pranto os versiculos hebraicos dos Threnos.

Por meio deste vasto quadro de assolaçØo rompia uma numerosa companhia de cavalleiros e damas, de donas e escudeiros, de donzellas e pagens, brilhante cavalgada que descia da banda de Santo AntØo para S. Domingos, e tomava pela corredoura para a porta do ferro. A formosura e o luxo das mulheres, as figuras athleticas e os rostos varonis dos cavalleiros, o brunido das armas, o louçØo dos trajos, o rico dos arreios, tudo emfim dava clara mostra de que naquella cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os dictos galantes o agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corcØis briosos e dos delicados palafrens,

as doudices dos donzeis, que ora correndo Æ rØdea solta, ora soffrendo os cavallos ao perpassar pelas mulas pacificas dos cortez²os letrados, os faziam vacillar e debruçar sobre os arges, o bater das asas dos nebris e girifaltes empoleirados nos punhos dos falcoeiros, o latir dos galgos e all²os, que atrellados forcejavam por se atirarem acima daquelles centenares de habitages derrocadas, d'onde saía de vez em quando uma exhalacão de carniça: este rir, este folgar, este ruído do contentamento, este matiz de reflexos metallicos, de côes variegadas, passando como um turbilhão atrav²os daquelle silencio sepulchral, parecia rasgar o veu de tristeza que cobria a vasta Ærea da cidade destruida, e revoca-la a uma nova existencia.

Mas o povo, apesar d'isso, continuava a estar triste.

A cavalgada chegou ao terreiro da sØ. Um engenho de arremessar pedras estava assentado no meio delle, e os grossos madeiros de que era construído viam-se ainda manchados de rastos de sangue. Uma dama, que vinha na frente da comitiva, parou: um cavalleiro de boa idade e gentil-homem, que caminhava a seu lado, parou tambem. A dama apontou para o engenho, disse algumas palavras ao cavalleiro, e depois desatou a rir.

Era ella a mui nobre e virtuosa minha D. Leonor: elle o mui excellente e esclarecido rei D. Fernando de Portugal.

D. Leonor Telles tinha raz²o para rir.

Durante o cØrco de Lisboa uma voz, verdadeira ou falsa, se espalh²Era de que v²Erios moradores da cidade estavam preitejados com elrei de Castella para lhe abrirem uma das portas. Dava força a taes suspeitas o acharem-se no campo castelhana Diogo Lopes Pacheco e D. Diniz, que com elle se haviam ajunctado na sua entrada em Portugal, e as desconfianças recahiam naturalmente sobre aquelles que dous annos antes tinham seguido o partido contrario a D. Leonor, de que o infante e o velho privado de D. Affonso IV eram cabeças. Assim a popularidade dos parciaes de D. Diniz tinha diminuido consideravelmente, porque o povo, em vez de attribuir a sua ruina Æs causas remotas, Æs paixies insensatas de D. Leonor e Æ imprudencia d'elrei, sónas suggestões de Diogo Lopes e do infante via agora a origem de todos os males presentes, e o odio que contra os dous havia concebido se estend²Era a todos os que cria serem-lhes affeiçados.

Apenas, portanto, se divulgou a noticia da intentada traiç²o, o povo furioso correu Æs moradas daquelles, que, como fica dicto, lhe eram mais suspeitos. Seguiu-se uma festa de cannibaes, festa de vulgacho em qualquer tempo e logar que elle reine. Aquelles que n²o poderam provar de modo innegavel a sua innocencia, foram mettidos aos mais crueis tormentos, onde nenhum se confessou culpado. Um desgraçado, contra o qual eram mais vehementes as desconfianças, foi arrastado pelas ruas e feito depois em pedaços: "outro--diz o chronista[1]--tomarom e pozerom-no na fumda d'huum

engenho, que estava armado ante a porta da see; e quando desfechou lanço no em cima dessa igreja antre duas torres dos sinos que hi ha, e quando cahio acharomno vivo; e tomaromno outra vez e pozeromno na fumda do engenho, e deitouho contra o mar, omde elles desejavom, e assi acabou sua vida."

Era por isso que D. Leonor olhÆra para o engenho, e se ríra. O próprio povo tinha pagado uma parte das arrhas do seu casamento.

A noite descÆra entretanto. A cavalgada parou no terreiro de S. Martinho, e Æ luz de muitas tochas parte daquella multidão escoou-se pouco a pouco por diversas ruas, emquanto outra parte subia Æ sala principal, ou se derramava pelos aposentos dos paços, cujo silencio de quasi dous annos, depois du fuga d'elrei com D. Leonor Telles, era a primera vez interrompido pelo ruido de uma côte numerosa, mas bem differente da antiga. A rainha havia quasi exclusivamente chamado a ella os seus parentes, ou aquelles fidalgos que lhe tinham dado provas não equivococas de sincero affeicão e substituíra Æ severidade antiga do paço todo brilho de um luxo insensato, e o que mais era, a dissolução dos costumes, que quasi sempre acompanha esse luxo. Depois de uma ceia esplendida, como o devia ser nesta côte voluptuaria, apenas ficÆra na camara real D. Fernando e sua mulher, o conde de Barcellos D. João, D. Gonçalo Telles, irmão de D. Leonor e um donzel da rainha, filho bastardo de outro bastardo, do prior do Hospital Alvaro Gonçalves Pereira, e que ella mais que nenhum estimava. Estas personagens achavam-se reunidas no mesmo aposento onde dous annos antes o beguino Fr. Roy viera revelar Æ então amante de D. Fernando os intentos de seus inimigos. Era deste aposento que ella saíra fugitiva e amaldicõada do povo. Mas era ahi tambøm que ella vinha depois de tantos sustos, de tantas difficuldades vencidas, de tanto sangue derramado por sua causa, repousar triumphadora, segura jÆ na frente a corã real. Tudo estava do mesmo modo, salvo as personagens, que em parte eram diversas e em diversa situaçõo.

Elrei, habitualmente alegre, se assentÆra triste na cadeira de espaldas, unico movel do aposento, e encostÆra a cabeça sobre o punho cerrado: D. Leonor, posto que naturalmente loquaz[2], assentada no estrado defronte de D. Fernando, conservava-se tambem em silencio: em pø, um pouco atraz da cadeira d'elrei, o donzel querido de D. Leonor, com os olhos fitos nella, esperava attento as determinações de sua senhora: ao longo da sala o conde de Barcellos e D. Gonçalo Telles passeavam lentamente, conversando em voz submissa e pausada.

Mas a taciturnidade de cada uma das duas personagens principaes tinha bem differentes motivos.

A imagem da sua capital destruida havia-se embebido na alma d'elrei como um remorso cruel. Pelas suggesties de seu tio adoptivo consentíra que D. Henrique viesse livremente destruir a opulenta Lisboa. Elle, neto de Affonso IV, rejeitÆra os soccorros de seus

valorosos vassallos, que de toda a parte haviam corrido, lança em punho, para combaterem debaixo da signa real, ao esvoaçar dos pendies inimigos: elle, cavalleiro, fôra vil instrumento de vingança covarde: elle, rei de Portugal, fôra o destruidor do seu povo; elle, portuguez, recebeu o nome de fraco de um castelhano, sem que ousasse desmentir a affronta[3]! Estas idôas, que o tinham assaltado ao atravessar as ruinas dos arrabaldes, tomavam maior vulto e força na solidão e no silencio. O pobre monarcha, bom, mas excessivamente brando e irresoluto, tinha sobeja razão de estar triste. A lua, que começava a subir, dava de chapa, através da janella oriental do aposento, no rosto de D. Fernando, como dous annos antes, quasi a essa hora, lhe allumiava tambem as faces demudadas de afflicção. Este logar, esta luz, e esta hora eram para elle fataes!

Nesse momento passos mais rapidos e mais pesados que os dos dous fidalgos começaram a soar na sala contigua: quem quer que era passeava tambem.

Dos olhos de D. Fernando saíam dous tenues reflexos; eram os raios da lua que se espelhavam em duas lagrymas.

A rainha, alevantando-se então, disse ao donzel:

"Nunalvares Pereira, vóde quem está nessa sala."

Nunalvares abriu a porta, e alongando a cabeça voltou-se immediatamente, e disse:

"O corregedor da côrte."

Os dous fidalgos pararam na extremidade do aposento, calaram-se, e conservaram-se immoveis.

A rainha fez signal com a mão a Nunalvares para que esperasse: o donzel ficou à porta sem pestanejar.

D. Leonor encaminhou-se então para elrei, que, embebido no seu profundo scismar, não vira nem ouvira o que se fazia ou dizia. Curvando-se, e firmando o cotovello no braço da cadeira d'elrei encostou a cabeça sobre o hombro delle, com a face unida à sua.

"Que tens tu, Fernando?--perguntou ella com essa inflexão de voz meiga, que sósabem labios de esposa que muito ama, mas com que tambem soubera atinar esta mulher sublime de hypocrisia.

"Nada! oh ... nada!"--respondeu elrei, lançando-lhe o braço ao redor do pescoço, e apertando a face incendiada aquelle rosto de anjo, que dissimulava um coração de demonio.

Os dous tenues reflexos da lua tinham esmorecido nos olhos de D. Fernando: o halito de Leonor Telles queimava as lagrymas da compaixão e do remorso.

"Enganas-me, ou enganas-te a ti proprio, Fernando!--replicou a rainha.--Tu és infeliz, e eu sei porque o és. Aborreces já a pobre Leonor Telles."

O tom com que estas palavras foram proferidas era capaz de partir um coração de marmore.

"Enlouqueceste, Leonor?--exclamou el-rei.--Aborrecer-te? Sem ti este mundo fôra para mim um ermo, a corôa martyrio, a vida maldicção de Deus. Como nos primeiros dias dos nossos amores, no leito da morte amar-te-hei ainda. Gloria, riqueza, poderio, tudo te sacrifiquei: não me pêsas. Mil vezes que tu o queiras t'ô sacrificarei de novo."

"Oh, prouvera a Deus que o teu amor fosse metade do que dizes: fosse metade do meu!"

"Busca, inventa, aponta-me algum modo de te provar o que digo, e verás se as minhas palavras são sinceras!"

"Ha um, rei de Portugal!--replicou Leonor Telles, em cujos olhos scintillava o contentamento.

Dizendo isto ella se affastava d'elrei. O seu aspecto tomou subitamente a expressão grave e severa de uma rainha. A um gesto que fez, Nunalvares ergueu o reposteiro, e o corregedor da côrte entrou. Trazia na mão um pergaminho aberto. Chegou ao pé de Leonor Telles, ajoelhou e entregou-lh'o.

A rainha pegou nelle, e apresentou-o a el-rei: o donzel trouxe uma das tochas que estavam nos angulos do aposento, e collocou-se á esquerda da cadeira de D. Fernando.

"A prova do que dissestes, rei de Portugal, está em estampardes no fim desse pergaminho o vosso sello de puridade.[4]"

D. Fernando recebeu o pergaminho e começou a ler: a cada uma das extensas linhas que o obrigavam a descrever um semi-circulo com o raio visual, o tremor das suas mãos se tornava mais violento, as contracções do seu rosto mais profundas. Antes de acabar de ler atirou o pergaminho ao chão, e com voz terrível exclamou, cravando os olhos reluzentes em Leonor Telles:

"Mulher, que me pedes tu?"

"Justiça, e as minhas arrhas."

Era a primeira vez que elrei ousava resistir á vontade de Leonor Telles. Ella ainda não o cria. Habituada a ser obedecida pelo pobre monarcha, estas ultimas palavras foram proferidas com a insolencia de uma resolução incontrastavel.

"Justiça? Contra quem a pedes? Contra cadaveres e moribundos. As tuas arrhas? Tiveste em dote as mais formosas villas de meus senhorios: tiveste o que mais desejavas, as arrhas de sangue e ruínas. Para te contentar, deixei Lisboa entregue ao furor d'inimigos: para te contentar, fui vil e fraco: para te contentar, dos patibulos já t'ê pendido sobejos cadaveres[5]. E ainda não satisfeita, pretendes que antes de dormir uma unica noite na minha capital assolada, confirme uma sentença de morte? Leonor! tu eras digna de ser filha de meu implacavel pae!"

D. Leonor repellíra o olhar, entre colerico e timido, de Fernando, que mal acreditava a própria audacia, com um olhar em que se misturava a indignação e o desprezo. Ella ouvira as suas palavras sem mudar de aspecto, mas apenas elrei acabou, encaminhou-se para a janella d'onde batia o luar, e estendeu a mão para o céu:

"Ha dous annos, senhor rei, que neste aposento, a estas mesmas horas, um cavalleiro jurava a uma dama, de quem pretendia quanto mulher pôde ceder a desejos de homem, que a amaria sempre; jurava-o pelo céu, pelos ossos de seus avós, pela sua fé de cavalleiro--e o cavalleiro mentiu. As bôças de homens vis vomitavam contra essa mulher, e a essa mesma hora, os nomes de adultera, de barregan, de prostituta, e pediam a sua morte. O cavalleiro sabia que taes affrontas escrevem-se para sempre na fronte de quem as recebe, se o sangue de quem as proferiu não as lava um dia. O cavalleiro ofereceu a sua alma aos demonios se não as lavasse com sangue--e esse cavalleiro blasphemou e mentiu. Senhor rei, diante do céu que elle invocou, perto dos ossos de seus avós, pelos quaes jurou, a luz da lua que o allumiava, dir-vos-hei: aquelle cavalleiro foi perjuro, blasphemo, desleal e covarde, e eu a sua victima. É contra elle que ora vos peço justiça. Rei do Portugal, justiça!"

Esta ultima palavra restrugiu horrivelmente pelo aposento. Elrei, que durante o discurso de D. Leonor se erguera pouco a pouco, fascinado pelo seu gesto diabolico e pelo seu olhar fulminante, cahiu outra vez, arquejando, sobre a cadeira. O desgraçado cobriu a cara com ambas as mãos, e depois de um momento de silencio murmurou:

"Mas como punir aquelles que talvez são cadaveres? A guerra e a furia popular os puniram!"

D. Leonor triumphava.

"Nem todos:--proseguiu a astuta e sanguinaria panthera, accommettendo o ultimo entrincheiramento, em que D. Fernando já debalde procurava defender-se.--Os seus mais vis inimigos ainda respiram, e porventura, ainda sonham vingança. Corregedor da côte, lêde os nomes escriptos em vossa sentença."

O corregedor da côte levantou o pergaminho, affastando-o dos olhos, e interpondo a mão aberta entre estes e a tocha que Nunalvares segurava: tossiu duas vezes, inclinou para traz a cabeça, e com

o tom cheio e solenne de um mestre em degredos, leu:

"Item: Fernão Vaasques, peom, alfayate, cabeça e propoedor dos ssusodictos rreveis."--Aqui abriu o peitilho da garnacha, tirou a sua ementa particular, e leu a seguinte cota:

"Vivo; muy malferido dhuøa ffrechada com hera[6] no ffecto do meirinho-moor, quando hos da cidade llevarom os castell^{os} de vencida atÆ mCEa rrua nova."

Lida esta observaço, o corregedor continuou a ler successivamente os nomes dos rØus e as respectivas cotas.

"Item: Stevom Martins Bexigosso, mercador, pcom, capit^o dhuø corpo dos ssusodictos rreveis."--Dizia a ementa:--"Morto de ssua door naturall.

"Item: Bertolameu Martijs, ourivez, peom, dizidor de pallavras de desacatamento contra ssua rreal ssenhoria, e de gr^o ssamdice e desavergonhamento."--Dizia a ementa:--"Morto dhuøa pedrada dhuø emgenho dos imiguos."

"Item: Joham Lobeira, escudeiro, homem darmas, acostado do allcayde moor que ffoy do castello desta lyal cidade, capit^o dos beesteiros que fforom a Ssam domingos."--Dizia a cota:--"Foy cativo dhos castell^{os}: dado em rendiçom, e a boirrequado na pryssom Dalcaçova."

"Item: Bertolameu Chamb^o, peom, tanoeiro, cabeça da beestaria do concelho, deputado, pera ffazer vilto e affronta a ssua rreal ssenhoria ha muy excellente e muy vertuosa de gramdes vertudes, rrainha dona llyanor."--Resava a ementa:--"Morto dhuøa lamçada aa porta dho fferro."

"Item: Ayras Gil, petintal, capit^o dos rreveis, gualiotos, arraizes, e pesquadores Dalfama."--Dizia a cota:--"Ffogido com os castellais."

"Item: Fr. Roy, dalcunha Zambrana, biguino, ffolliom, jograll de sseu officio, bevedo, assoalhador de palavras e dictos devedados, e scuita dhos reveis."--Notava a ementa:--"Enssandeçeu na pryssom ao llear da ssemtemça."

Pobre Fr. Roy! Vendo-se condemnado Æ morte, desesperado, revelÆEra o que tinha sido na revolta--um espia de Leonor Telles. A cota da ementa fôa tudo o que tirÆEra das suas revelages: o corregedor, homem agudo como o melhor mestre em leis ou degredos, deduzira das suas palavras que o beguino endoudecÆEra. Trocava as idØas. Tinha sido espia, mas dos revoltosos.

Alevantado o cØerco da Lisboa, o corregedor da côte fôa o primeiro presente que a nova rainha enviÆEra Æ cidade. `quelle perspicaz e diligente magistrado poucos dias haviam bastado para preparar um sarau digno della, uma sentença de morte. A prova da sua perspicacia e diligencia estava em ter jÆ no caminho da força os

desgraçados, cuja sentença vinha trazer confirmação real. N'uma execução nocturna não havia a receiar tumultos populares, e a brevidade que a rainha lhe recommendava neste negocio, lhe fazia crer que não seria desagradavel a sua real senhoria a immediata execução dos reus.

Quando acabou a leitura, elrei tirou da bolsa que trazia ao cinto o selo de camafeu, e sem dizer palavra entregou-o ao corregedor. Este pegou na tocha de Nunalvares, deixou cahir alguns pingos de cera no fundo do pergaminho, assentou-lhe em cima um fragmento de papel que tirava da ementa, e cravou neste o selo. As armas d'elrei ficaram ahi estampadas. O corregedor fizera isto com a promptidão e acieio com que o mais habil algoz enforcaria o seu proximo.

Depois o honesto magistrado entregou o selo a elrei, cujo tremor nervoso se renovava durante a fatal cerimonia. Ao pegar-lhe, o pobre monarcha deixou-o cahir no chão. O selo foi rolando e parou aos pés de D. Leonor Telles. Ella empallideceu. Porque? Talvez se lhe figurou uma cabeça humana, que rolava diante della.

O corregedor fez uma profunda venia, e perguntou em voz sumida à rainha:

"Quando, senhora?"

No mesmo tom D. Leonor respondeu:

"Já."

O destro e activo corregedor tinha dado no vinte. O já da seria mais já do que ella propria pensava.

O corregedor saiu.

A um aceno de D. Leonor, o donzel mettu a tocha no anel de ferro embebido na parede, d'onde a tinha tirado, e encaminhou-se para juncto da porta, onde ficou com os braços cruzados, olhos no chão, e immovel como uma estatua. Desde este dia o formoso donzel odiou do fundo da alma a sua mui nobre senhora, aquella que lhe cingira a espada. O generoso Nunalvares conhecera que debaixo desse rosto suave se escondia um instincto de besta-fera.

Os dous fidalgos continuaram a passeiar de um para outro lado, conversando em voz baixa e como alheios à scena que alli se passava.

Elrei tomava a primeira postura em que estava, com o cotovelo firmado no braço da cadeira, e a cabeça encostada no punho; mas os seus olhos, revolvendo-se-lhe nas orbitas, incertos e espantados, exprimiam a dolorosa alienação daquella alma timida, atormentada por mil affectos oppostos.

Ouvia-se apenas o cicío dos dous que conversavam. E por largo

espaço aquetle murmúrio, e o respirar alto e convulso de D. Fernando foram o único ruído que interrompeu o silêncio do vasto aposento.

Elrei, com a mão esquerda pendente sobre os joelhos, deixava-se ir ao som das idéas tenebrosas que lhe offuscavam o espirito, e que protrahidas o levariam bem proximo das raias de completa loucura. A imagem de Leonor Telles apparecia-lhe como composto monstruoso de vulto d'anjo e de olhar de demonio. Um amor infinito arrastava-o para essa imagem; o horror affastava-o della. Via-a como um simulachro das virgens, que, na infancia, imaginava ao ouvir ler ao bom de seu aio Ayras Gomes as lendas das martyres; mas logo cuidava ouvi-la dar risada, infernal passando por cima das ruinas de cidade deserta. O patibulo e os delirios amorosos; o cheiro do sangue e o halito dos banquetes misturavam-se-lhe no senso intimo: e o pobre monarcha, nos seus desvarios, perdêra a consciencia do logar, da hora e da situação em que se achava naquelle terrivel momento.

Mas um beijo ardente, dado nessa mão que tinha estendida, e lagrymas ainda mais ardentes que a regavam foram como faisca electrica revocando-o Æ razão e Æ realidade da vida.

A commoção indizível e mysteriosa que sentira fez-lhe abaixar os olhos: a rainha estava a seus pés: era ella quem lhe cobria a mão de beijos e lh'a regava de lagrymas.

D. Fernando affastou-a suavemente de si: ella alevantou o rosto celeste orvalhado de pranto; era de feito a imagem de uma das martyres que elle via no seu imaginar da infância. D. Leonor ergueu as mãos supplicantes com um gesto de profunda angustia: então era mais formosa que ellas.

"Ah!--murmurou elrei!--"porque é o teu coração implacavel, ou porque te amei eu tanto?!"

"Desgraçada de mim!--acudiu D. Leonor entre soluços.--O teu amor era como o iris do céu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperança; mas desvaneceu-se e passou: a vida de Leonor Telles desvanecer-se-ha e passarÆ com elle!"

"É porque sabes que esse amor não póde perecer; que esse amor como um fado escripto lÆ em cima--interrompeu D. Fernando--que tu me fazes tingir as mãos de sangue, para satisfazer tuas crueis vinganças: é porque sabes que eu esgôo sempre o calix das ignominias quando as tuas mãos m'o apresentam, que tu me sacias de deshonra. TerÆs acaso algum dia piedade daquelle que fizeste teu servo, e que não póde esquivar-se a ser tua victima?"

"Oh quanto é injusto, Fernando, e quão mal me conheces!--exclamou Leonor Telles limpando as lagrymas.--Foi a tua dignidade real, a tua justiça, o teu nome que eu quiz salvar da tua propria brandura. Aos mesquinhos que me offenderam perdoei de todo o coração; mas tu, que eras rei e juiz, não o podias fazer. Se o nome de teu

virtuoso pae ainda hoje lembra a todos com veneração e amor, Ø porque teu pae foi implacavel contra os criminosos, e aquillo em que pies a deshonra e a ignominia, Ø a coroa de gloria immortal que cØrca o seu nome. Se as minhas palavras te constrangeram a escolher entre a confirmação dessa fatal sentença e a deslealdade e blasphemia, que nªo cabem em coração e labios de cavalleiro, foi por te salvar de ti mesmo. Se crØes que nisto fui culpada, dize-me só-Leonor, jÆ nªo te amo!--e eu ficarei punida; porque nessas palavras estarÆ escripta a minha sentença de morte! Possas tu depois perdoar-me, e proferir sobre a campa da pobre Leonor uma expressªo de piedade!"

As lagrymas e os soluços parecia nªo a deixarem proseguir. Reclinou a cabeça sobre os joelhos d'elrei, apertando-lhe a mªo entre as suas com um movimento convulso.

Formosa, querida, humilhada a seus pØs, como resistiria o pobre monarcha? Unindo a face Æquella fronte divina, sólhe disse:--oh Leonor, Leonor!--e as suas lagrymas misturavam-se com as della.

Durante esta lucta da dor e da hypocrisia, em que, como sempre acontece, a ultima triumphava, o conde de Barcellos e D. Gonçalo Telles tinham-se encostado Æ janella fatal que dava para o rio, e que tambem dominava grande porção do arrabalde occidental da cidade. O spectaculo da noite era de melancholica magnificencia.

A lua caminhava nos cØus limpos do nuvens, e pela face da terra nem suspirava uma aragem. A claridade do luar refrangia-se nas aguas, mas esmorecia batendo na povoação, na qual nªo achava, alØm dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva onde espelhar-se, ou um sussurro do lesta acorde com as suas harmonias.

O incendio e o ferro tinham passado por lÆ, e Lisboa era um cahos de ruinas, um cemiterio sem lapides. Apenas no extremo do seu, d'antes, mais rico e povoado arrabalde amarelejava pulido pelo tempo o gothico mosteiro de S. Francisco juncto de sua irman mais velha a igreja dos Martyres. No valle que ficava em meio a luz do cima embebia-se inutilmente na povoação que jazia extincta. A bella lua de maio, tªo fagueira para esta cidade querida, assemelhava-se Æ leã, que voltando ao antro acha o seu cachorrinho morto. A pobre fera ameiga-o como se fosse vivo, e vendo-o quedo, indifferente, e frio, nªo o crØe, e vae, e volta muitas vezes renovando seus inuteis affagos. Lisboa era um cadaver, e a lua passava e sorria-lhe ainda!

Mas no meio daquelle; chªo irregular, negro, callado, viam-se aqui e acolÆ luzinhas que se meneavam de um para outro lado, ao que parecia, sem rumo certo. Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar por entre os entulhos as reliquias dos mortos, para lhes darem sepultura christan. Neste piedoso trabalho, que seguiam sem descontinuar havia muito tempo, eram acompanhados por alguns do povo, que para se esforçarem cantavam uma cantiga pia, cujas coplas, bem que interrompidas, vinham com triste som bater de vez em quando nos ouvidos dos dous

cavalleiros. Resavam as coplas:

D'amigos e imigos,
Que ahi s^o deitados,
Levemos os ossos
Ao ch^o dos finados.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Madre gloriosa,
Dess'alta ventura
Demovei os olhos
` nossa tristura.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Ao bento Jesus,
E ao padre eternal
Pedi que perdoe
A quem morreu mal.
Ave Maria!
Sancta Maria!

Esta longinqua toada perdeu-se no som de outra bem diversa, que se alevantou mais perto dos dous cavalleiros. Uma voz esganiçada dava o seguinte preg^o:

"....Justiça que manda fazer elrei em Fern^o Vasques, Jo^o Lobeira e Fr. Roy: que morram na forca, sendo ao primeiro as m^{os} decepadas em vida."

Os cavalleiros abaixaram os olhos para o logar d'onde subíra a voz: era no terreiro proximo: os tr^{es} padecentes e o algoz, cercados de alguns b^osteiros, aproximavam-se do cadafalso: varios vultos negros fechavam o prestito: daquela pinha partira a voz do pregoeiro.

Este preg^o, dado a horas mortas e n'uma praça deserta, parecia um escarneo. Mas o corregedor da côte era affamado jurisconsulto e nós temos ouvido a alguns que na execuç^o das leis as f^ormas s^o tudo. Assim piamente o cremos.

Duas se tinham, por^om, esquecido: os desgraçados morriam, como aquelles que o salteador assassina na estrada, pela alta noite, e sem um sacerdote que os consolasse na extrema agonia.

O algoz empurrou brutalmente um dos padecentes para uma especie de marco escuro que estava ao p^o do patibulo. D'ahi a nada os cavalleiros viram reluzir duas vezes um ferro: ouviram successivamente dois golpes dados como em v^o, seguindo-se a cada um delles um grito de terrivel angustia.

O conde de Barcellos quiz rir-se, mas a risada gelou-se-lhe na

garganta, e, como Gonçalo Telles, recuou involuntariamente.

O grilo que restrugira, chegara aos ouvidos d'elrei.

"Que bradar de homem que matam Ø este?--perguntou elle.

"A justiça de sua senhoria que se executa--respondeu o conde, que neste momento retrocedia da janella.

"Oh desgraçados! tã breve!--disse elrei, passando a mão pela frente, d'onde manava o suor da afflicção e do terror. Olhando então para Leonor Telles accrescentou:

"Atã a derradeira mealha estão pagas vossas arrhas, rainha de Portuga! Que mais pretendeis de mim?"

E deixou pender a cabeça sobre o peito.

D. Leonor não respondeu.

D. Gonçalo Telles aproximou-se então da cadeira de D. Fernando, e curvou um joelho em terra.

Elrei alevantou os olhos e perguntou-lhe:--Que me quereis?"

"Senhor--respondeu o honrado e nobre cavalleiro--se vossa senhoria consentisse neste momento em ouvir a supplica de um dos seus mais leaes vassallos!..."

"Fala:--replicou D. Fernando.

"João de Lobeira acaba de receber o premio de sua traição:--proseguiu D. Gonçalo.--O desleal escudeiro possuia avultados bens, que ficam pertencendo a corã real. Por vossa muita piedade podeis fazer mercê delles a seu filho Vasco de Lobeira; mas o pobre moço ensandeceu ha tempos! Tresleu com livros de cavallarias, e tão varrido estã que não fala em al, senão em um que anda imaginando, e a que poz o nome Amadis. Para um mesquinho parvo e sandeu pouco basta, e vossa real senhoria bem sabe que a minha escassa quantia mal chega ..."

"Calae-vos, calae-vos; que isso Ø negro e vil;--bradou elrei, redobrando-lho o horror que tinha pintado no rosto.--Deixae ao menos que a sua alma chegue perante o throno de Deus!"

"Apenas cincoenta maravedis!--murmurou D. Gonçalo, erguendo-se, e abaixando os olhos, afflicto com a lembrança de sua extremada pobreza.

A seis de junho da era de Cesar de 1411 (1373) em um dos andares da torre do castello, o veador da chancellaria, Alvaro Pires, passeando de um para outro lado, dictava a um mancebo vestido de garnacha preta, e que tinha diante de si tinteiro, pennas,

e folhas avulsas de pergaminho, a seguinte nota:

"Item. Pera se spreuer a fl'olhas cento e vinte-oyto do llivro prymeyro da Chancelaria Delrey noso senhor:--Doaçom dos bees de rraiz e moviis de Joham Lobeira, confisquado e morto por treedor contra ho serviço de ssua rreal senhoria, ao muy nobre D. Gongalo Tellez, per ho muyito divedo que ci elrrey ha, e polos muytos sserviços que del teL rreçebido e ao deante espera de rreçeber.[7]"

E o povo?... Oh, este sim! Mostrava-se agradecido e bom, no meio de tantas infamias e crimes.

Os populares, que, na manhan immediata Æquella horrivel noite dos fins de maio, passavam pello terreiro maldict, onde pendiam da forca os tres cadaveres, meneavam a cabeça, e seguindo Ævante diziam:

"Boa e prestes foi a justiça d'elrei nos traidores. Alcacer por sua senhoria!"

NOTA FINAL.

D. Fernando guardou atØ Æ primavera de 73 a vingança contra os populares de Lisboa e d'outras terras, que no anno de 71 se tinham amotinado por causa do seu casamento. VCE-se isto dos documentos registados na sua chancellaria e citados por Fr. Manuel dos Sanctos. Quem attentamente tiver estudado o character atroz e dissimulado de Leonor Telles, tºo bem pintado por Fernºo Lopes, e os factos que provam a sua influencia sem limites no animo daquelle principe, nºo poderÆ esquivar-se a vehementes suspeitas sobre os motivps, que n'um romance ns damos como reaes, porque ahi Ø licito faze-lo, da, aliÆs inexplicavel, inacçºo com que D. Fernando nºo quiz oppor-se Æ vinda d'elrei de Castella sobre Lisboa, vinda que reduziu os seus moradores aos mais espantosos apuros, e que converteu a cidade, por assim dizer, em um montºo de ruinas. Daquelles documentos resulta que, depois de tirada toda a força aos habitantes de Lisboa pela guerra de Castella, em que se viram quasi ss e abandonados, elrei viera, sobre as ruinas da maior e melhor parte della, satisfazer os odios de D. Leonor; porque, levantado o cerco em marçº de 73, achãnos elrei em Lisboa (aonde nºo voltÆra desde a sua fuga em outono de 71) durante alguns dias de maio, e em Santarem e outros logares nos mezes seguintes, fazendo mercs dos bens de cidadºos mortos, decepados, ou fugidos, do que se pde concluir que entºo foram executados ou banidos, nºo sendo de crer que a cobiça cortezan tivesse esporado muitos dias sem prear estes sanguinolentos despojos.

O casamento de Leonor Telles, e as consequencias delle sºo o primeiro acto do drama terrivel, da lliada scelerun da sua vida politica. Foi este primeiro acto que ns procurÆmos dispor na tela do romance historico. Todo o drama daria, nessa frma da arte,

uma terrível chronica. Desde esta conjuntura, atØ ser arrastada em ferros para Castella por aquelles mesmos que chamÆera a assolar o seu paiz, a Lucrecia Borgia portugueza Ø na historia daquella epocha uma espØcie de phantasma diabolico, que apparece onde quer que haja um feito de traizes, de sangue, ou d'atrocidade.

[1] Fernºo Lopes, Chr. de D. Fern. cap. 75.

[2] A rainha... como era ousada e muito faladora: Fernºo Lopes, Chr. de D. Fern. cap. 126.

[3] Ibid. Cap. 72.

[4] O selo de puridade ou do camafeu era aquelle que se estampava no proprio pergaminho, e que servia ordinariamente para o rei expedir documentos de menos importancia, na falta do chanceller-mór, que tinha o sCello grande, curial, ou do cavallo. Veja-se a Dissertação 3ª de J. P. Ribeiro.

[5] Os tumultos contra o casamento de D. Fernando não se tinham limitado a Lisboa. Pelas doages dos bens dos treedores mortos ou decepados se conhece que houve assoadas e depois vinganças em Satarem, Leiria, Abrantes e outras partes.

[6] Neste sCculo ainda barbaro o uso de hervarou envenenar as armas de tiro ou arremesso era vulgarissimo nos combates.

[7] a nota Ø imaginaria, mas esta mercCØ acha-se com effeito registada a f. 128 do L.º 1.º da chancellaria de D. Fernando; cumpre todavia advertir que dessa chancellaria apenas existe original o 3.º livro: o 1.º Ø dos reformados ou estragados por Gomes Eannes de Azurara.

O CASTELLO DE FARIA (1373)

A breve distancia da villa do Barcellos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longo um convento de Franciscanos. Aprazivel Ø o sitio, sombreado de velhas arvores. Sente-se alli o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solido, a qual, para nos servirmos de uma expresso de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminha e chamar o espirito Æ contemplação das cousas celestes.

O monte que se alevanta ao pØ do humilde convento, Ø formoso, mas aspero e severo como quasi todos os montes do Minho. Da sua cora

descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador colloeado no cimo daquela eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoagens e os rios, e os prados e as fragas, e os soutos e os pinhaes apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas, e estrondo de machinas de guerra. Claros signaes de que ahí viveram homens; porque com estas balizas que elles costumam deixar assinalados os sitios que escolheram para habitar na terra.

O castello de Faria com suas torres e ameias, com sua barbacan e fosso, com seus postigos e alçapies ferrados, campeou ahí como dominador dos valles vizinhos. Castello real da meia idade, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá v^o ha muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Le^o desmoronou-se e cahiu. Ainda no seculo dezesete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte já nenhuns vestigios delle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio fundado pelo celebre Egas Moniz era o unico eccho do passado que ahí restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança D. Affonso. Era esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, ultimo senhor de Ceuta. D. Affonso, que seguira seu pae D. Jo^o I na conquista daquela cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a comsigo para a villa de Barcellos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual ser^á o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sop^o do monte. Assim se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustraes. O ruído dos combates calou no alto do monte, e nas faldas delle alevantou-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castello tinha recordaões de gloria. Os nossos maiores, por^om, curavam mais de practicar façanhas, do que de conservar os monumentos dellas. Deixaram por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de coraões portuguezes.

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degener^áera de seus antepassados em valor e prudencia, fôa obrigado a fazer paz com os castelhanos depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que esgotou inteiramente os thesouros

do estado. A condição principal, com que se poz termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'elrei de Castella: mas brevemente a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princesa castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito, e recusando D. Fernando acceitar-lhe batalha, veiu sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, emquanto a maior parte do exercito portuguez trabalhava ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veiu o Adiantado até as immedições de Barcellos sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Cœa, e tio d'elrei D. Fernando, com a gente que pôde ajunctar. Foi terrivel o conflicto; mas por fim foram desbaratados os portuguezes, cahindo alguns nas mãos dos castelhanos.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para soccorrer o conde de Cœa, vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'elrei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho; e era de crer que, vendo o pae em ferros, de bom grado dõsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaceavam. Estas considerações suggeriram um artil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello; porque elle com suas exhortações faria com que seu filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um tropço de bõsteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galliza seguia atraz com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, se estendia rodeando o castello pelo outro lado. O exercito victorioso ía tomar posse do castello de Faria, que lhe promettia dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram-se acolher no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacan.

Nas torres os atalhas vigiavam attentamente a campanha, e os

almocadens corriam com a rolda[1] pelas quadrellas do muro, e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas. O terreiro aonde se haviam acolhido os habitantes da povoação, estava cuberlo de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres, e das creanças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas, que levavam preso Nuno Gonçalves, vinha já a pouca distancia da barbacan, os bõsteiros que coroavam as ameias encurvaram as bõstas, os homens dos engenhos prepararam-se para arrojarem sobre os contrarios os seus quadrellos e viroties, em quanto o clamor e o chõ se alevantava no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saíu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan: todas as bõstas se inclinaram para o chõ, e o ranger das machinas converteu-se n'um silencio profundo.

"Moço alcaide, moco alcaide!--bradou o arauto--teu pae captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galliza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja falar contigo de fãra de teu castello."

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou entã o terreiro, e chegando à barbacan, disse ao arauto:--"A Virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero."

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora o tropel aproximou-se da barbacan. Chegados ao põ della, o velho guerreiro saíu d'entre os seus guardadores e falou com o filho:

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem õ esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei ã tua guarda quando vim em soccorro e ajuda do esforçado conde de Cõa?"

"É--respondeu Gonçalo Nunes--de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem."

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um leal alcaide õ de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle?"

"Sei, oh meu pae!--proseguiu Gonçalo Nunes em voz mais baixa, para nã ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar.--Mas nã vões que a tua morte õ certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?"

Nuno Gonçalves, como se nã tivera ouvido as reflexies do filho, clamou entã:--"Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver."

"Morra!--gritou o almocadem castelhano--morra o que nos atraçou."--E Nuno Gonçalves cahiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

"Defende-te, alcaide!"--foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros: grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o próprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accometteram o castello: no primeiro dia de combate o terreiro da barbacan ficou alastrado de cadaveres tishados, e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chupa um colmeiro incendiado para dentro da cerca: o vento suão soprava nesse dia com violencia; e dentro em pouco os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram junctamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldicção de seu pae: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves:--"Defende-te, alcaide!"

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constringido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento, e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza, cuja guarda lhe fôra encommendada por seu pae no ultimo trance da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide; e, pedindo a elrei o desonerasse do cargo, que tãõ bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cubrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrymas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste. As relages dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

[1] Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarragados de rondarem os postos e atalaias.

O CÉU.

O dia 6 de Janeiro do anno da Redempção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens: os campos, cubertos aqui de relva, acolÆ de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benefico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosissimos dias de inverno, mais gratos que os do estio, porque sªo de esperançã, e a esperançã vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus sóconcedeu aos paizes do occidente, em que os raios do sol, que começa a subir na eclíptica, estirando-se vividos e tremulos por cima da terra, ennegrecida pela humidade, errando por entre os troncos pardos dos arvoredos, despídos pelas geadas, se assemelham a um bando de creanças no primeiro viço da vida a folgar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual ha muito sussurrou o ultimo ai da saudade, e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um destes dias antipathicos aos poetas ossianico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos acceitar como cousa mui poetica

Esses gCelos do norte, esses brilhantes
Caramellos dos tões das montanhas,

sem se lembrarem de que

Do sol do meio-dia aos raios vividos,
Parvos!--se lhes derretem: a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos cristaes em agua chilre;

destes dias, emfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso vØu da estação das tempestades.

No adro do mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solemnidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem elrei D. Joªo I tinha doado esse magnifico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, onde repercutiam os sons do organ, e os ecchos das vozes do celebrante, que entoava os kyries.

Mas nªo era por ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquella maravilhosa fabrica: era por assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja, e diante do rico presepe que os frades tinham alevantado juncto ao arco da capella do fundador entªo apenas começãda. A concorrencia era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Mós e dos mais logares vizinhos, desejosos de ver tªo curioso espectaculo, tinham deixado desertas

as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazível cousa era o ver, descendo dos outeiros para o valle por sendas torcidas, aquellas multidões, vestidas de cores alegres, e semelhantes no seu todo a serpentes immensas, que, transpando as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo, reflectindo ao longe as cores variegadas da pelle luzidia e lubrica. Atravessando a planicie, em que avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estação invernosá.

No campo contiguo ao edificio, aqui e acolá, alevantavam-se casarias irregulares, algumas fechadas com suas portas, outras apenas cubertas de madeira, e abertas para todos os lados, á maneira de simples telheiros: as casas fechadas e reparadas contra as injurias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edificio: debaixo dos telheiros viam-se, n'uns pedras sódesbastadas, n'outros algumas onde se começavam a dividir labores, n'outros, enfim, pedaços de cantaria, em que os mais habéis esculptores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus delicados cinzeis. Mas o que punha espanto era a innumeravel porção de pedras, lavradas, pulidas, e promptas para serem collocadas em seus logares, que jaziam espalhadas pelo grandissimo terreiro, que ao redor do edificio se alargava para todos os lados: maineis rendados, peças dos fustes, capiteis gothicos, laçarias de bandeiras, cordões de arcadas, ahí estavam tombados sobre grossas zorras, ou ainda no chão endurecido pelo contínuo perpassar de trabalhadores, officiaes, e mais obreiros desta maravilhosa machina. Quem de longe olhasse para aquelle extenso campo, alastrado de tantos primores de esculptura, julgáera ver o assento de uma cidade antiquissima, arrasada pela mão dos homens ou dos seculos, de que só restáera em pé um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento d'um convento de frades dominicanos, o convento de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das proximas povoações, e de todo o ruido e algazarra que poucas horas antes soava por aquelles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do organ, soltando a espaços suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como um pensamento do céu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edificio. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol, e o resto do corpo resguardado de seus raios ardentes pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, veneravel de aspecto, que parecia embebido em profundas meditações: pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre elle uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas

feiges revelavam que dentro daquelles membros tremulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar: as faces do velho eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva, e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada como quem vivia vida de continuo pensar, e correndo com a mão os labores de pedra, sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da fronte, reprehendia ou approvava com eloquencia muda os primores ou as imperfeições do artifice, que copiava a ponta de cinzel aquella pagina do immenso livro de pedra, a que os espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Emquanto o velho scismava sóinho, e palpava o canto subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, a portaria do mosteiro, que perto d'alli ficava, outras figuras e outra scena se viam. Dous frades estavam em pé no limiar da porta, e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pés, e estendendo os pescoços, parecia quererem descobrir no horisonte, que as cumiadas dos montes fechavam, algum objecto: depois de assim olharem um pedaço, encolhiam os pescoços, e voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

"Oh homem!--dizia um dos dous frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabellos grisalhos davam certo ar de auctoridade sobre o outro, que mostrava nas faces coradas e cheias, e na côr negra da barba povoada e revolta, mais vigor de mocidade.--"Já disse a vossa reverencia, que elrei me escreveu de seu proprio punho que viria assistir ao auto da adoração dos reis, e de caminho veria a casa do capitulo, a que hontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abobada."

"E nego eu isso?--replicou o outro frade.--O que digo é que me parece impossivel, que elrei venha de feito, conforme a vossa paternidade prometteu em sua carta. Ha muito que lá vai o meio-dia; daqui a pouco tocará a vespers e são duas por tres é noite. Não vósdes, padre mestre, a que horas virá a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que ahi está, que ahi vem, ha-de ir com o escuro por esses descampados e serras com mulheres, com raparigas..."

"Tá, tá--interrompeu o prior.--Temos luar agora, e não de consum. O caso não é esse, padre procurador, o caso é se está tudo aviado para agasalharmos elrei e os de sua companhia."

"Oh lá, quanto a isso, nada falta. Desde hontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Condestavel: o peor é que, segundo me parece, e dissei o que quizerdes, opus et oleum perdidi.[1]"

"Não falta quem tarda: elrei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e coristas, que tem de fazer suas representações no auto, estejam a ponto e vestidos,

para elle começar logo que sua senhoria chegue."

"Nada receeis; que tudo estÆ preparado: do que duvido Ø de que comecemos, se por elrei houvermos de esperar."

O frade mais velho fez a estas palavras um signal de impaciencia, e sem dar resposta ao seu pyrrhonic interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do habito uma especie de sobrecØu para resguardar os olhos dos raios do sol, que, jÆ muito inclinado para o occidente, batia de chapa no portal onde os dous reverendos estavam altercando.

PorØm, meio descoroçado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o minimo vulto se enxergava no horisonte; e neste abaixar de olhos viu o cØgo, que estava ainda assentado sobre o fuste da columna.

Para escapar talvez Æs reflexies do seu companheiro, o reverendo bradou ao velho:

"Oh IÆ, mestre Affonso Domingues, bem aproveitaes o soalheiro! Nªo vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remedios de longa vida, que em seus alforges trazem por ahi os physicos."

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal, e encaminhou-se para o cØgo.

"Quem Ø que me fala?--perguntou este, alçando a cabeça.

"Fr. Lourenço LamprØEa, vosso amigo e servidor, honrado mestre Affonso. Tªo esquecida anda jÆ minha voz em vossas orelhas, que me nªo conheceis pela toada?"

"Perdoae-me, mui devoto padre prior:--atalhou o velho, tenteando com os pØs o chªo para erguer-se, no momento em que Fr. Lourenço LamprØEa chegava juncto delle seguido do seu confrade Fr. Joanne, procurador do mosteiro:--perdoae-me! Foi-se o vØEr, vae-se o ouvir. Em distancia, jÆ nªo acØrto a distinguir as falas."

"Estae quedo; estae quedo, mestre Affonso:--disse Fr. Lourenço, segurando o cØgo pelo braço:--O indigno prior do mosteiro da Victoria nªo consentirÆ que o mui sabedor architecto e imaginador Affonso Domingues, o creador da oitava maravilha do mundo, o que traçou este edificio doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. Joªo Æ nossa ordem, se alevante para estar em pØ diante de pobre frade..."

"Mas esse religioso--interrompeu o cØgo--Ø o mais abalisado theologo de Portugal, o amigo do mui excellente doutor Joªo das Regras, e do grande Nunalvares, e privado e confessor d'elrei: Affonso Domingues Ø apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido e abandonado no pódas encruzilhadas, um velho tonto de

quem já ninguém faz caso. Se vossa caridade e humilde condição vos movem a doar-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis n'isso muitos de vossa igualha."

"De merencório humor estaes hoje!--disse o prior sorrindo.--Não sóeu vos amo e venero: elrei me fala sempre de vós em suas cartas. Não sois cavalleiro de sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes, e dirigistes, em quanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?"

"Cavalleiro!?"--bradou o velho--"Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escriptura."--Aqui mestre Affonso, puxando com a mão tremula as atacas do gibão, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito.--"Em Aljubarrota foi escripto o documento a ponta de lança por mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre d'Aviz. Já lá vão quinze annos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha d'armas era brinco. Elrei não foi ingrato, dizeis vós, veneravel prior, porque me concedeu uma tença!--Que a guarde em seu thesouro; porque ainda as portas dos mosteiros e dos castellos dos nobres se reparte pelo por cõgos e por aleijados."

Proferindo estas palavras, o velho não pôde continuar: a voz tinha-lhe ficado presa na garganta, e dos olhos embaciados cahiam-lhe pelas faces encovadas duas lagrymas como punhos. A Fr. Lourenço também se arrasaram os olhos d'agua, Frei Joanne, esse olhou fito para o cõgo durante algum tempo com o olhar vago de quem não o comprehendia. Depois a idéa da tardança d'elrei e da tardança do auto, que entrando pelas horas de ceiar e dormir iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monastica, veio desperta-lo como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pé, semelhante ao corredor brioso do livro de Job e da Eneida. Entretanto o architecto havia-se posto em pé: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e turbada, e houve um momento de silencio. Por fim segurando com força a manga do habito de Fr. Lourenço, disse-lhe:

"Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do florentino Dante."

"Li já, e mais de uma vez!--respondeu o prior--É obra prima daquellas a que os gregos chamavam epos, id est, enarratio, et actio segundo Aristoteles; e se não houvesse nessa escriptura algumas ousadias contra o papa..."

"Pois sabei, reverendo padre,--proseguiu o architecto, atalhando o impeto erudito do prior,--que este mosteiro, que se ergue diante de nós, era a minha Divina Comedia, o cantico da minha alma: concebi-o eu; viveu comigo largos annos, em sonhos e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de canção immensa; mas canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só marmore era digno della: os milhares de lavores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei

arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos, não o estavam os do espirito. O estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento não a bafejara. Que direito tinha o Mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creara? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus sapatos de ferro? Dava-lh'o o ouro que tem dispendido? O ouro! ... Não! O Mestre d'Aviz sabe que o ouro é vil; sónobre e puro o genio do homem. Enganaram-no: vassallos houve em Portugal, que enganaram seu rei! Este edificio era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substancia de minha alma; porque eu necessitava de me converter todo nestas pedras pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas, e por baixo dessas arcarias. E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença!... Com uma tença paga-se a gloria e a immortalidade? Agradeç-vos, senhor rei, a mercê!... sois em verdade generoso ... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu, ou talvez sumir-se este no brilho de sua fama mentida..."

O coração tremia de todos os membros: a vehemencia com que falava lhe exaurira as forças: os joelhos vergaram-lhe, e assentou-se outra vez em cima do fuste. Os dous frades estavam em pé diante delle.

"Estaes mui perturbado pela paixão, mestre Affonso--disse Fr. Lourenço depois de uma larga pausa--por isso menoscabaes mestre Ouguet, que era talvez o unico homem que ahi havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho d'elrei que deviam propôr-lhe vos dêsse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguem teve em mente offender o mais sabedor e experto architecto de Portugal, cuja memoria serã eterna, e nunca offuscada."

"Obrigado--atalhou o velho--aos conselheiros d'elrei pelos bons desejos que em meu prol tãem. São politicos, almas de lodo, que não comprehendem senão proveitos materiaes. Dão-me o repouso do corpo, e assassinam-me o da alma! `cãerca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e sciencia de edificar: mas que ponha elle por obra suas traças, e deixem-me a mim dar vulto às minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de Sancta Maria da Victoria cumpre ser portuguez; cumpre ter vivido com a revolução, que poz no throno o Mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adultera[2]; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. Não é este edificio uma obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse: não seremos servos do estrangeiro, e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escholar na sociedade dos irmãos obreiros[3], trabalhou nas sãs de Inglaterra, de França, e de Alemanha: ahi subiu ao grãeu de mestre, mas a sua alma não é aquecida à luz do amor de patria; nem, que o fosse,

Ø para elle patria esta terra portugueza. Por engenho e m^ãos de portuguezes devia ser concebido e executado at^o seu final remate o monumento da gloria dos nossos; e eis-ahi que elle chamou do longes terras officiaes estranhos, e os naturaes I^ãE foram mandados adornar de primorosos labores a igreja de Guimar^ães. Sei que n^ão seriam nem elles nem eu quem puzesse esse remate; mas n^{os} deixariamos successores, que conservassem puras as tradiçes da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo vir^ãE em que, nesta obra dos seculos, n^ão haja m^ãos vigorosas que prosigam os labores que m^ãos cansadas n^ão poderam levar a cabo. Ent^ão o livro de pedra, o meu cantico de victoria, ficar^ãE truncado. Mas Affonso Domingues tem uma pens^ão d'elrei!.."

Em uma das casas que ficavam mais proximas, e de que fizemos menç^ão no principio deste capitulo, ergueu-se a adufa de uma janella no momento em que o c^ogo terminava estas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janella:

"Mestre Affonso, quereis recolher-vos? Est^ãE prompta a c^oEa, e começa a cahir a orvalhada, que a tarde vae nevoenta."

"Vamos I^ãE, vamos I^ãE, Anna Margarida; vinde guiar-me."

E Anna Margarida, ama de mestre Affonso Domingues, saiu da porta com a roca ainda na cincta, e o fuso espetado entre o linho e o our^oElo que o apertava. Chegando ao p^o do velho, tocou-lhe com o braço, em que elle se firmou, tornando a erguer-se.

"Boas tardes, padre prior:--disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lambe de dedos, e de dous puxies nas barbas da estriga quasi fiada.

"V^ãE na graça do Senhor, filha:--respondeu Fr. Lourenço, e accrescentou d^origindo-se ao c^ogo:

"Meu irm^ão, Deus acceita sóao homem, em desconto da grande divida, a dor calada e soffrida. Resignae-vos na sua divina vontade."

"Na delle estou eu resignado ha muito: na dos homens Ø que nunca me resignarei."

E Anna Margarida, que tinha a c^oEa ainda ao lume, foi puxando o c^ogo para a porta de casa.

"Ai, Affonso Domingues, Affonso Domingues! vae-se-te após a vista o siso. Aborrida cousa Ø a velhice. N^ão vos parece, Fr. Joanne?"

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que suppunha estaria atraz delle; mas Fr. Joanne tinha desaparecido d'alli manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Fr. Lourenço viu-o em p^o sobre uma pedra a alguma distancia.

O prior ia a perguntar-lhe o que fazia alli, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

"Ganhastes, padre prior; ganhastes!... Eis elrei que chega."

E, com effeito, Fr. Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavalleiros, que com grande aõdamento descia para o vallc do mosteiro.

[1] Perdi o azeite e o trabalho: expressªo proverbial.

[2] D. Leonor Telles, mulher d'elrei D. Fernando.

[3] Architectos sarracenos se espalharam pela Grecia, Sicilia, e outros paizes, durante certo tempo: um avultado numero de artifices christªos, principalmente gregos, se ajunctaram com elles, e formaram todos uma corporaçõ, que tinha suas leis e estatutos secretos, e cujos membros se reconheciam por signaes. Esta foi a origem da Maçonaria. Conversation's Lexicon.

MESTRE OUGUET.

Uma das innumeraveis questies, que, em nosso entender, eternamente ficarªo por decidir, Ø a que versa sobre qual dos dous dictados--voz do povo Ø voz de Deus--ou--voz do povo Ø voz do diabo--seja o que exprima a verdade. Éndubitavel que o povo tem uma especie de presciencia innata, d'instincto divinatorio. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porque, corre voz entre o povo, que tal navio saído do porto, tªo rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular renlisa-se com exacçõ espantosa. Assim de batalhas; assim de mil factos. Quem dÆ estas noticias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mysterio Ø esse, que ainda ninguem soube explicar. Foi um anjo? Foi um demonio? Foi algum feiticeiro? Mysterio. Nªo ha, nem haverÆ, talvez, nunca, philosopho que o explique; salvo se tal phenomeno Ø uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio inintelligivel de dar soluçõ a tudo o que se nªo entende, Ø acaso a unica via de resolver a dœvida. Se o Ø, ahi damos mais um osso a roer aos physicos do magnetismo.

Foi o caso: quando a cavalgada, de que fizemos mençõ no fim do antecedente capitulo, vinha descendo a encosta sobranceira Æ planicie do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente jÆ pela demora do auto, começu-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais: o motivo delle nªo era facil sabe-lo: nenhuma novidade occorrªera; ninguem tinha entrado ou saído. De repente toda aquella multidªo se agitou, remoinhou pela igreja, e principiou a borbulhar pelo portal fªa, como por bico de funil o liquido deitado de alto. Tinham sabido que elrei chegava, e todos queriam vªE-lo descalvagar, porque D. Joªo I, plebeu por

herança materna, nobre por ser filho do D. Pedro I, rei eleito por uma revolução, e confirmado por cincoenta victorias, era o mais popular, o mais amado, e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado em uma possante mula, e assim mesmo em outras os fidalgos e cavalleiros de sua casa. Trazia vestida sobre a cota uma jónea de veludo carmesim, monteira preta, e nebri em punho, em maneira de caçada. Chegando à porta do mosteiro, onde o esperava já Fr. Lourenço com parte da comunidade, apeou-se de um salto, e com rosto risonho e a mão no barrete, agradeceu sua cortezia e amor aos populares, que gritavam apinhados à roda delle: --"viva D. João I de Portugal: morram os castelhanos!"--grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua indole sanguinaria.

Por baixo daquellas suberbas arcadas desapareceu brevemente elrei da vista da multidão, que tornou a sumir-se no templo para ver o auto, que não podia tardar.

"Mui receioso estava que vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o sol não tarda a sumir-se no poente:--dizia Fr. Lourenço a elrei, a cujo lado ia para o guiar ao seu aposento.

"Bofé, mui devoto padre prior, que por pouco estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira com os outros peccados, que me não fallecem, se amanhã me quizesse confessar ao meu antigo confessor:--tornou-lhe elrei sorrindo-se.

"E certo estou de que entre todos os peccados de que terieis de vos accusar, este não fôra o menos grave, e de que eu muito a custo absolveria vossa mercê:--retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortezans no paço, do que a theologia no noviciado da sua ordem.

"Mas para onde me guiaes, reverendissimo prior:--disse elrei, parando antes de subir uma escada, para a qual Fr. Lourenço o encaminhava.

"Ao vosso aposento, real senhor; por que tomeis alguma refeição, e repouseis um pouco do trabalho do caminho."

"Não foi grande o feito, para tomar repouso:--acudiu elrei:--que de Santarem aqui é uma corrida de cavallo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnez e braças, traz vestidos de seda. Despi-los-hei bem depressa, já que elrei de Castella quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de treguas o Mestre de Sanctiago com o Condestavel. Mas vamos, meu doutissimo padre; mostrae-me a casa do capitulo, a que mestre Ouguet acabou de pôr seu fecho e remate. Onde está elle? Quero agradecer-lhe a boa diligencia."

"Beijo-vos as mãos pela mercê:--disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada d'elrei, e certo de que elle desejaria ver aquella

grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva:--"Se quereis vœr a casa do capitulo, vamos para a banda da crasta."--Dizendo isto, sem cerimonia tomou a dianteira, e encaminhou-se ao longo de um dos cubertos do claustro.

David Ouguet era um irlandez, homem mediano em quasi tudo; em idade, em estatura, em capacidade, e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham soffrido grande distensªo, em consequencia da dura vida que a tyrannia do filho d'Erin lhe fazia padecer havia bem vinte annos. Desde muito moço que começœra a produzir grande impressªo no seu espirito a invectiva do apostolo contra os escravos do proprio ventre; e para evitar essa condemnavel fraqueza resolvœra trazer-lo sempre sopeado. Nªo lhe dava treguas; se em Inglaterra o fizera muitos annos vergar sob o pœso de dez atmosferas de cerveja, em Portugal submettia-o ao mais fadigoso mister de cangirªo permanente. Mortificava-o assim, para que nªo lhe acudissem suberbas e velleidades de senhorio e dominaçªo. De resto David Ouguet era bom homem, excellente homem: nªo fazia aos seus semelhantes senªo o mal absolutamente indispensavel ao proprio interesse: nunca matœra ninguem, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente, positivo, e practico do mundo, nªo o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadaver de seu pae para tocar a mœta de qualquer designio ambicioso: com tres liçes de phrases oucas dava panno para se engharem delle dous grandes homens d'estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavalleiros do duque de Lancastre, procurou obter e alcançou a protecçªo da rainha D. Philippa, que, havendo Affonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando elle por documentos authenticos ter na sua mocidade subido ao grÆu de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta Ø em breve resumo a historia de David Ouguet, tirada de uma velha chronica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça enquadernada em um volume junctamente com os traslados authenticos das Cõtes de Lamego, do Juramento de Affonso Henriques sobre a appareçªo de Christo, da Carta de feudo a Claraval, das Historias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papeis de igual veracidade e importancia, que por pirraça Æs nossas glorias provavelmente os castelhanos nos levaram.

O lanço da crasta, fronteiro ao cuberto por onde ía elrei, estava ainda por acabar. Apenas D. Joªo I entrou naquelle magnifico recinto, olhou para lÆ, e voltando-se para mestre Ouguet, disse:

"Parece-me que nªo vªo tªo aprimorados os labores daquellas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?"

"Seguiu-se Æ risca nesta parte--tornou o architecto--o desenho geral do edificio, feito por mestre Affonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça: mas se vossa mercœ m'õo permite, antes de entrardes no capitulo tenho alguma cousa que vos dizer Æcerca do que ides presenciar."

"Falaes desassombradamente:--respondeu elrei--que eu vos escuto."

"Tomei a ousadia--proseguiu mestre Ouguet--de seguir outro desenho no fechar da immensa abobada que cobre o capitulo: o que achei na planta geral contrastava as regras da arte, que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era atØ impossivel que se fizesse uma abobada tªo achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo."

"E consultastes o architecto Affonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que elle havia traçado?--interrompeu elrei.

"Por escusado o tive:--replicou David Ouguet.--CØgo, e por isso inhabilitado para levar a cabo a edificaçªo, teimaria que o seu desenho se pªde executar, visto que hoje ninguem o obriga a prova-lo por obras. Sobra-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a sciencia, como dizia o veneravel mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister."

"Dizendo isto o architecto, mettªEra ambas as mªos no cincto, estendªEra a perna direita excessivamente empertigada, e com a fronte erecta volveu os olhos solemne e lentamente para os circumstantes.

"Mestre Ouguet--acudiu elrei com aspecto severo--lembrae-vos de que Affonso Domingues Ø o maior architecto portuguez. Nªo entendo de vossas distincçªes de sciencia e de engenho: sei sªo que o desenho de Sancta Maria da Victoria causa assombro a vossos proprios naturaes, que se gabam de ter no seu paiz os mais affamados edificios do mundo: e esse mestre Affonso, de quem vªs falaes com pouco respeito, foi o primeiro architecto da obra que a vosso cargo estªE hoje."

"Vossa mercªE me perdoe:--tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falªEra.--Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguem o venera mais do que eu; mas queria dar a razªo do que fiz, seguindo as regras do mui excellente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da cathedral de Winchestria tamanho ruido tem feito no mundo."

Com este dialogo chegou aquella comitiva ao portal, que dava para a casa do capitulo: Fr. Lourenço Lamprea, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de auctoridade, e encostado ao umbral cortejou a elrei no momento de entrar, e aos mais fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa tambem principalissima naquelle logar, collocou-se juncto do umbral fronteiro, repetindo, com aspecto sobranceiro-risonho, as mesuras do mui devoto padre prior.

Quando elrei entrou dentro daquella espantosa casa, apenas atravªs da grande janella que a allumia entrava uma luz frouxa, porque

o sol estava no fim de sua carreira, e o tecto profundo mal se divisava sem se afirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficára na porta, mas Fr. Lourenço tinha entrado.

"Reverendo prior--disse elrei voltando-se para Fr. Lourenço--vim tarde para gosar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e amanhã voltaremos aqui a horas de sol."

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capitulo, quando já os ultimos cavalleiros do sequito real iam saindo pelo lado opposto, caminho da igreja. Com as mãos mettidas no cincto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o architecto caminhou até o meio daquela desconforme quadra. O som dos passos dos cavalleiros tinha-se desvanecido; e mestre Ouguet dizia consigo, olhando para a porta por onde elles haviam passado:

"Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um paiz s'efaro e inculto? Sois vós, homens brigosos, capazes dos primores das artes, ou sequer de entende-los?.. Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a elle; eu que vi os mysterios de Coventria e de Widkirk! Miseraveis selvagens, antes de tentardes representar mysterios fôra melhor que mandasseis vir alguns irmãos da sociedade dos escriptores de parochia de Londres[1], que vos ensinassem os verdadeiros momos, ademanes e tregeitos usados em semelhantes autos."

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo soliloquio, em louvor da nação que lhe dava de comer, e o que deveria pesar-lhe ainda mais na consciencia, da nação que lhe dava de beber, quando erguendo casualmente os olhos para a macissa abobada, que sobre elle se arqueava, fez um gesto de indizivel horror, e como doudo correu a bom correr pela crasta solitaria, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espasmos:

"Oh, malaventurado de mim!"

[1] Pelas Chronicas de Stow se vê que no principio do seculo 15.º os mysterios eram representados em Londres pelos escriptores de parochia, incorporados em sociedade por Henrique 3.º, em 1409.

O AUTO.

Juncto a uma das columnas da igreja de Sancta Maria da Victoria estava levantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e macissa cadeira de espaldas, feita de castanho, e lavrada de curiosos bestiaes e lavores: era este o logar onde elrei devia

assistir ao auto da adoração dos reis. No mesmo estrado havia varios assentos rasos para nelles se assentarem os fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Defronte do estrado e collocado ao pØ do arco da capella do fundador corria para um e outro lado da parede um devoto presepio[1], mui erguido do chºo, e representando serranias agrestes, ao sopØ das quaes estava armada uma especie de choça, onde sobre a tradicional manjadoura se via reclinado o menino Jesus, e de joelhos juncto delle a Virgem e S. JosØ, acompanhados de varios anjos, em acto de adoração. Diante da cabana corria, no mesmo nivel, um largo e grosseiro cadafalso de muitas tÆboas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que elrei saíu da porta do cruzeiro que dÆ para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo, e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Fr. Lourenço, que com todos os modos de homem cortezºo offereceu os assentos rasos aos demais cavalleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, que, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menço.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma especie de prologo ao auto. Tres que vinham adiante representavam a FØ, a Esperança, e a Caridade: após ellas vinham a Idolatria, o Diabo, e a Suberba; todas com suas insignias mui expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidºo dos espectadores era o Diabo, vestido de pelles de cabra, e com um rabo que lhe arrastava pelo tablado, e seu forcado na mºo, mui vistoso e bem posto. Feitas as venias a elrei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a FØ, queixando-se de que ella a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o genero-humano, ao que a FØ acudia com dizer que ab initio estava apontado o dia em que o imperio dos idolos devia acabar, e que ella FØ nºo era culpada de ter chegado tºo asinha esse dia. Entºo o Diabo vinha lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos coraços dos homens; que elle Diabo tinha jus antiquissimo de desesperar toda a gente; que se dava ao dØmo por vØer as perrarias que a Esperança lhe fazia; e com isto careteava com taes momos e tregeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possivel. Ainda que o Diabo fizesse de truºo da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tºo honrada virtude cumpria, dizendo que ella obedecia ao senhor de toda las cousas, e que este vendo e considerando os grandes desvairos que pelo mundo íam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandÆra para lhes apontar o direito caminho do cØu; e por aqui seguia com razies mui devotas e discretas, que moveriam a devotissimas lagrymas os ouvintes, se a devoto riso os nºo movesse o Diabo com seus tregeitos e visagens, como, com bastante agudeza, reflecte o auctor da antiga chronica, de que fielmente vamos transcrevendo

esta veridica historica. A Suberba, que estava impando, ouvidas as razies da Esperança, travou della mui rijo, e com voz torvada e rosto acceso, começou de bradar, que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros, e sustenta-los com fumo; que pretendia contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no céu com os senhores e cavalleiros, o que era descommunal ousadia, e fôra da geral opinião e direito, indo por aqui discursando com remoqueos mui orgulhosos, como a Suberba que era. Não soffreu, porém, o animo da Caridade tão descomposto razoar da sua figadal inimiga, e lh'o atalhou com tomar a mão naquelle ponto, e notar que os filhos de Adão eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Suberba inventava as vans distincções entre os homens, e que a vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente a sua contraria com bastos textos das sanctas escripturas, de que a Suberba ficou mui corrida, por não ter contra tão grande auctoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abysmo a Idolatria, o Diabo e a Suberba, e annunciar as tres virtudes que as ía elevar ao céu, onde reinariam em gloria perduravel. Então o Diabo, fazendo horribilissimos biocos, pegou pelas mãos as duas companheiras, e fugiu pela igreja fôra com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as tres virtudes, o anjo (por uma daquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admitem, quando, nas vistas de marinha, o actor, que vem embarcado, desce dois ou tres degraus das ondas de papelão para a terra de soalho) em vez de subir ao céu, como annunciava, desceu pelas pranchas, que davam para o pavimento da igreja, e caminhando ao longo da nave se recolheu a sacristia, acompanhado da Fé, Esperança e Caridade, tão victoriadas pelos espectadores, como apupado fôra o Diabo e as suas infernaes companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, saíram os tres reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina tola, mantos reaes, e corôas na cabeça. Adiante vinha Balthasar, homem já velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspecto grave e auctorizado, e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas: logo após elle vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar: traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons, que ao recém-nascido vinham de longes terras offerter. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrella os guiava até Jerusalem, e como desta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Bethlem, e com grande folgança encontravam ahi o presepe, para fazer seu offertorio, o que em verdade era cousa mui piedosa d'ouvir. O rei Balthasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou juncto do presepe, e com voz mui entoada, e depondo ante o menino seus presentes, disse:

Sancto filho de David,
Divinal
Salvador da triste raça

Humanal,
Que descestes IÆ do assento
Celestial;
Vós da gloria imperador
Eternal,
Acceitae este offertorio
Nºo real,
Pobre si. Équanto posso:
Nºo hei al.
O que fôa compridoiro
De auto tal
Bem o sei. Andei mÆs vias,
Por meu mal;
Que dez dias prantei tendas
De arrayal
Nas soidies fundas d'Arabia,
Mui fatal.
Meus camellos ha tignano
Sol mortal;
E um, de vento do deserto,
Vendaval.
O presente, que ahi vœdes,
Pouco vai;
Ésamente algum incenso
Oriental;
Que o thesouro que eu trazia,
Mui cabal,
Soterrou-mo a tempestade
No areal.

E com isto o veneravel rei Balthasar, depois de fazer sua oração
em voz baixa, ergueu-se; e o rei Belchior, ajoelhando e depondo
a urna que trazia nas mãos ante o presepe, disse:

Vindo sou IÆ do Cataio
A adorar-vos alto infante,
Redemptor:
Nºo me poz na alma desmaio
Ser de lerra tão distante
Rei, senhor!
Ébem torva a minha lace:
Minhas mãos tingidas são
De negrura;
Mas na terra onde o sol nace
Mais se cobre o coração
De tristura;
Porque o torpe Mafamede
Sua crença mui sandia
Mandou IÆ;
E nºo ha quem della arrede
Essa gente, que aperfia
Em ser mÆ.
Real tronco de Jessé

Mui fermoso, se eu podØra
Vos levÆEra;
E comvosco Æ vossa fØ
Os incrØus eu convertØEra,
E os salvÆEra.
Ora quero vØer se peito
Sºo JosØ, que Ø vosso padre

Um sussurro, que começÆEra no momento em que o rei preto ajoelhou, e que mal deixÆEra ouvir a precedente loa (obra mui prima de certo leigo, affamado jogral daquelle tempo) cresceu neste momento a tal ponto, que o corista, que fazia o papel de Belchior, nºo pôde, continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a corça de louros, que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio delle saíam gritos descompostos, que augmentavam o tumulto. Elrei tinha-se erguido, e junctamente os demais cavalleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas nºo havia acertar com ella. Emfim, um homem rompendo por entre a multidºo, sem touca na cabeça, cabellos desgrenhados, bõca torcida e cuberto de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da tØca, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquelle recinto, ficou immovel, com os braços estendidos para o tecto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os bombros, como quem cheio de horror via sobre si desabar aquellas altissimas e macissas arcarias.

"Mestre Ouguet!--exclamou elrei espantado.

"Mestre Ouguet!--gritou Fr. Lourenço, com todos os signaes de assombro.

"Mestre Ouguet!--repetiram os cavalleiros e fidalgos, para tambem dizerem alguma cousa.

"Quem fala aqui no meu nome?--rosnou David Ouguet, com uma voz comprimida e sepulchral.--Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojare sobre mim esse montºo de pedras, como se eu fØra um cºo judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvae a minha alma!--E depois de um breve silencio, em que pareceu tomar fØgo:--
"Nºo vos chegueis ahi!--bradou elle.--Nºo vedes essas fendas profundas como o caminho do inferno? Sºo escuras: mas atravez dellas lÆ enxergo eu o luar! Vós nºo, porque vossos olhos estºo cegos ... porque o vosso bom nome nºo se escoo por lÆ!... CØgos? Nºo vós!... mas elle!... Elle Ø que se ri e folga em sua orgulhosa suberba! VØede como escancÆEra aquella bõca hedionda; como revolve, debaixo das palpebras cubertas de vermelhidºo, aquelles olhos embaciados!... Maldicto velho, fuge diante de mim!... Maldicto, maldicto!... Curvada ja no centro ... sentia-a escaliçar e ranger... Estavas tu assentado em cima della? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!... Nºo ha um raio que te confunda?.. Nºo!"

Dizendo isto, mestre Ouguet cubriu a cara com as mãos, e ficou

outra vez immovel.

Elrei, os cavalleiros, os padres mais dignos, que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o architecto que assim interrompœra a solemnidade do auto. Um silencio profundo succedœra ao ruído, que a apparecção daquelle homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condemnado saída das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cœrebro passou este pensamento: em mais de uma cabeça os cabellos se eriçaram de horror; mas dos que conheciam mestre Ouguet nenhum duvidou de que fosse elle em corpo e alma. Que proveito tiraria o demonio de tomar a figura do architecto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? Só uma supposiçõ havia, que nã era inteiramente desarrazoada; David Ouguet podia estar possesso, em consequẽncia de algum grave peccado; peccado que talvez tivesse escondido na ultima confissã, que fizera na vespera de Natal. Isto era possivel, e atõ natural; que nã vivia elle a mais justificada vida. Suppõ que endoudecœra parecia grande desproposito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecœra os gabos d'elrei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encomendada. Estes e outros raciocinios, hoje ridiculos, mas segundo as idõas daquelle epocha hem fundados e correntes, fazia o reverendo padre procurador Fr. Joanne, que tinha vindo assistir ao auto, e estava em põ atraz do estrado, e perto de Fr. Lourenç Lamprœa. Revolvendo taes pensamentos, no meio daquelle silencio ancioso em que todos estavam, nã pôde ter-se que, põ ante põ, se nã chegasse ao prior, e lh'os communicasse em voz baixa, e ao ouvido.

"Nã vou fóra disso:"--respondeu o prior, que, emquanto o outro frade lhe falœra, estivera dando œ cabeça em signal de approvaçõ.--"O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros, o falar nã sei de que feiticeiro; tudo me induz o crer que o demonio se chantou naquelle miseravel corpo, como vãs aventaes. Se assim õ, pouco juizo mostrou desta vez o diabo em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoraçõ. Examinemos se assim õ, eu vo-lo darei bem castigado."

Dizendo isto, Fr. Lourenç chegou-se a el-rei, e disse-lhe o que quer que foi. Elle escutou-o attentamente, e tanto que o prior acabou, sentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas, e fez signal com a mão aos fidalgos e cavalleiros para que tambem se assentassem.

Fr. Lourenç, acompanhado de mais alguns frades, subiu pela igreja acima, e entrou na sacristia: todos ficaram esperando, silenciosos e immoveis como mestre Ouguet, o desfecho desta scena, que se encaixava no meio das scenas do auto.

Tinham passado obra de tres credos, quando, saindo outra vez da porta da sacristia, Fr. Lourenç voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotaes, cbegou œ tœa, abriu-a, e

encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda, e fazendo um aceno de aucloridade, disse:

"Ajoelhae, christ^os, e orae ao Padre Eterno por este nosso irm^o, tomado do espirito immundo."

A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se poz de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das oraçes.

Só mestre Ouguet ficou sem se bulir com o rosto mettido entre as m^os.

O prior lançou a estola Æ roda do pescoço do possesso, e queria atar os tres nós do ritual; mas o paciente deu um estremeço, e tirando as m^os da cara, fez um gesto de horror, e gritou:

"Frade abominÆvel, tambem tu Øs conluiado com o cØgo?"

"N^o ha duvida!--disse por entre os dentes o prior:--mestre Ouguet estÆ endemoninhado."

Tirando ent^o da manga um pergaminho, em que estavam escriptas varias cousas de doutrina, o poz sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre elle tres vezes o signal da cruz.

David Ouguet soltou ent^o uma destas risadas nervosas, que horrorisam, e que t^o frequentes s^o quando o padecimento moral sobrepuja as forcas da natureza.

"C^o tinhoso--bradou Fr. Lourenço--espirito das trevas, enganador, maldicto, luxurioso, insipiente, ebrio, serpe, vibora, vil e refece demónio, emfim, castelhano[2]. Em nome do creador e senhor de todas las cousas, te mando que repitas o credo, ou sÆias deste miseravel corpo."

Mestre Ouguet ficou immovel e calado.

"N^o cedez?!"--proseguiu o prior--"Recorrerei ao septimo, ao mais terrivel exorcismo. Veremos se poderÆes a teu salvo escarnecer das creaturas feitas Æ imagem e semelhança de Deus."

Depois de varias ceremonias e oraçes, Fr. Lourenço chegou-se ao pobre irlandez, e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

"Hel--Heloym--Helo--Sabaoth--Helyon--Esereheye--Adonay--Iehova--Ya--Thetagrammaton--Saday--Messias--Hagios--Ischiros--Otheos--Athantos--Sother--Emanuel--Agla--....."

"Jesus!"--bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

"Diabo!"--gritou mestre Ouguet; e caíu no ch^o como morto.

E houve um momento de angustia e terror, em que todos os coraões deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos como se fossem de bronze.

Um ruído semelhante ao de cem bombardas, que se houvessem disparado dentro do mosteiro, e que soara da banda da sacristia, tinha arrancado aquelle grito de mil bocas, e tinha convertido em estatuas essa multidão de povo.

Ha situaões tão violentas, que se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor physico e espirital do homem depois destes abalos espantosos; e então, melhor que nunca, elle sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reacção segue a acção; e quanto mais tímido o individuo se mostrou, mais viva é a consciéncia da propria força, que depois disso renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que succedeu a D. João I, aos cavalleiros do seu sequito, e ao povo que estava na igreja de Sancta Maria, passado aquelle instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimonia que Fr. Lourenço praticava; o ruído inesperado que rompera o exorcismo; o grito blasphemo do architecto, no momento de cahir por terra; o logar; a hora, eram cousas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de philosophos encyclopedistas, e que por isso, não é de admirar fizessem uma impressão vivissima em homens de um seculo, não só crente, mas tambem supersticioso. Todavia o animo indomavel do Mestre d'Aviz brevemente fez cobrar alento a todos os que ahi estavam.

"É em verdade, descommunal maravilha o que temos visto e ouvido--disse elle com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam;--mas cumpre indagar d'onde procede o ruído que veiu interromper o mui devoto padre prior no exercicio de seu ministerio tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabolico, estamos na casa de Deus, e a cruz é nosso amparo: se natural, que haverá no mundo capaz de pôr espanto em cavalleiros portuguezes?"

Dizendo isto, elrei desceu do estrado, e encaminhou-se para a sacristia. Os cavalleiros da comitiva, os frades, os tres reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e uma grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

Elrei ía adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gothico, que dava communicação para a sacristia: ahi tudo estava em silencio: uma lampada que pendia do tecto dava uma luz frouxa e mortiça, e a esta luz incerta e baça encaminharam-se para a porta do capitulo. Ao chegar a ella todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou, e veiu morrer sussurrando pelas naves da igreja quasi deserta:

"Jesus!"

As portas haviam estourado nos seus grossissimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fôra, entulhando-lhe quasi um terço da altura. Olhando para o interior daquela immensa quadra não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas, de voltas e de relevos: a lua, que passava tranquilla nos côus, reflectia o seu clarão pallido sobre este montão de ruinas semelhantes aos monumentos irregulares de um cemiterio christão; e por cima daquelle temeroso silencio passava o frio leste da noite, e vinha bater nas faces turbadas dos que apinhados na sacristia contemplavam este lastimoso espectaculo. Dos olhos d'elrei e de Fr. Lourenço cahiram algumas lagrymas, que elles debalde tentavam reprimir.

A abobada do capitulo, acabada havia vinte e quatro boras, tinha desabado em terra!

[1] Presepio, ou presepe, significa propriamente um estabulo, ou estrebaria; mas a accepção vulgar desta palavra é a de uma especie de embrechado, ou paizagem de vulto, representando a choça de Belém, em que nasceu o Salvador.

[2] O inquisidor Sprenger, no livro intitulado *Mallens Maleficarum*, recommenda aos exorcistas que antes de tudo descomponham e injuriem quanto puderem os possessos, advertindo que não são propriamente estes que recebem as affrontas, mas sim o diabo, que tem no corpo. A conveniencia de taes doestos é que para o demonio, pae da suberba, não pôde haver maior pirraça do que ser descomposto na sua cara, sem que elle se possa desaggravar. Veja-se o livro citado, edição de Lyão de 1604--Tom. 3. p. 83.

UM REI CAVALLEIRO.

Em uma quadra das que serviam de aposentos reaes no mosteiro da Batalha, á roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pés, torneados em linha espiral, eram travados por uma especie de escabóllo, que pelos topos se embebia nelles, estavam assentadas varias personagens daquellas com quem o leitor já tractou nos antecedentes capitulos. Eram estas D. João I, Fr. Lourenço Lamprêa, e o procurador Fr. Joanne. Elrei estava á cabeceira da mesa, e no topo fronteiro o prior, tendo á sua esquerda Fr. Joanne. Além destes, outros individuos ahi estavam, que as pessoas lidas nas chronicas deste reino tambem conhecerão: taes eram os doutores João das Regras e Martim d'Ocem do conselho d'elrei, cavalleiros mui graves e auctorizados, e além elles mais alguns fidalgos, que D. João I particularmente estimava. Atraz da cadeira d'elrei um pagem esperava, em pé, as ordens de seu real senhor. O quadrante do terrado contiguo apontava meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circumstantes se fitavam: era a traça ou desenho do mosteiro, que delineava mestre Affonso Domingues, onde, além dos prospectos geraes do edificio, illuminados primorosamente, se viam todos os côtes e alçados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fabrica. Elrei tinha a mão estendida, e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior:

"Parece impossivel isso; porque natural desejo de todos os homens alcançarem repouso e paz na velhice, e não vejo razão para mestre Affonso se doer da mercê que lhe fiz."

"Pois a conversação que vos relatei, tive-a com elle ainda hontem, pouco antes de vossa mercê chegar."

"E como vae David Ouguet?--perguntou elrei.

"Com grande melhoria:--respondeu o prior.--Dormiu bom espaço, e acordou em seu juizo. Contou-me que, entrando hontem após nós na casa do capitulo, e affirmando a vista na abobada, conhecia que tinha gemido, e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coração, e que com a sua afflicção corria pela crasta fóra como doudo; que no céu se lhe affigurava um relampaguear incessante e medonho; que via ... nem elle sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdiera o tino, e de nada mais se recorda."

"Nem dos exorcismos?--perguntou em meia voz Martim d'Ocem, com um sorriso malicioso.

"Nem dos exorcismos:--retrucou Fr. Lourenço no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidão da colera.--A proposito, doutor. Dizem-me que Annequim é morto[1], e que elrei proveu o cargo em um dos de seu conselho. Seria verdadeira esta mercê singular?"

E o frade media o letrado de alto a baixo com os olhos irritados. Este preparava-se para vibrar ao prior uma nova injuria indirecta, naquelle jogo de allusies que era as delicias do tempo, quando elrei acenou ao pagem, dizendo-lhe:

"Alvaro Vaz d'Almada, ide depressa à morada d'Affonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe, e guiae-o para aqui. Fazei isso com tento; e lembrae-vos de que elle é um antigo cavalleiro, que militou com vosso mui esforçado pae."

O pagem saiu a cumprir o mandado d'elrei.

"Dizeis vós--proseguiu este, dirigindo-se a João das Regras e a Martim d'Ocem--que talvez Affonso Domingues se enganasse em supôr que era possivel fazer uma abobada tão pouco erguida, como é a que elle traçou para o capitulo. Não creio eu que tão

entendido architecto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso successo de hontem Æ noite procedesse da grave falta commettida por mestre Ouguet nesta edificaçõo."

"E que falta foi essa, se a vossa mercçE apraz dizer-m'o?--replicou Jo^o das Regras.

"A de n^o seguir de todo ponto o desenho de mestre Affonso:--tornou elrei.

"E se a execuçõo de sua traça fosse impossivel?--acudiu o doutor.

"Impossivel!?"--atalhou elrei.--"E n^o contava elle com leva-la a effeito, se Deus o n^o tolhesse dos olhos?"

"E Ø disse que mais se doe mestre Affonso,"--interrompeu o prior.--"A sua grande canseira Ø que ninguem saberÆ continuar a edificaçõo do mosteiro, ou, como elle diz, proseguir a escriptura do seu livro de pedra, porque ninguem Ø capaz de entender o pensamento que o dirigiu na concepçõo delle."

"Roncarias e ferros s^o esses proprios de quem foi homem d'armas de Nunalvares:--disse o chancellor Jo^o das Regras.--Todos os de sua bandeira s^o como elle. Porque sabem jogar boas lançadas, teem-se em conta de principes dos discretos; e o cõgo n^o se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do condestavel."

Jo^o das Regras, emulo de Nunalvares, n^o perdeu este ensejo de lhe pôr pçEcha; mas D. Jo^o I que conhecia serem esses dous homens as pedras angulares de seu throno, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o condestavel, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os meritos do chancellor, contentando-se com lançar na balança, em que Jo^o das Regras mostrava o grande peso da sua penna, o montante com que elle Nunalvares tinha em cem combates salvado a patria do dominio estranho, e a cabeça do chancellor das m^os do carrasco, de que n^o o livriariam nem os grÆus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

"Deixae IÆ o condestavel, que n^o vem ao intento;--disse elrei:--o que me importa Ø ouvir mestre Affonso sobre este caso. Quizera antes perder um recontro com castelhanos, do que cuidar que o capitulo de Sancta Maria da Victoria ficarÆ em ruinas. Mestre Ouguet com sua arte deixou-lhe vir ao ch^o a abobada: se Affonso Domingues fôr capaz de a tornar a erguer, e deixa-la firme, concluirei d'ahi que vale mais o cõgo que o limpo de vista; e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, alõm de cõgo, õpo[2] e mouco."

Neste momento entrava o velho architecto, agarrado ao braço de Alvaro Vaz d'Almada, que o veiu guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, Æ roda da qual se travÆra o dialogo, que acima

transcrevemos.

"Dom donzel, onde \emptyset que est \grave{a} elrei?"--dizia Affonso Domingues ao pagem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. Jo $^{\circ}$ o I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pagem:

"Agora nenhum rei est \grave{a} aqui, mas sim o Mestre d'Aviz, o vosso antigo capit $^{\circ}$ o, nobre cavalleiro de Aljubarrota."

"Beijo-vos as m $^{\circ}$ os, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas, que para nada presta hoje. V \check{C} ede o que de mim mandaes; porque de vossa ordem aqui me trouxe este bom donzel."

"Queria v \check{C} er-vos e falar-vos; que de cora $^{\circ}$ o vos estimo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de Sancta Maria."

"Architecto do mosteiro de Sancta Maria, j \grave{a} o n $^{\circ}$ o sou; vossa merc \check{C} e me tirou esse encargo: sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem: dos titulos que me daes s \acute{o} me cabe hoje o de honrado; que esse, merc \check{C} e de Deus, \emptyset meu, e f \hat{a} infamia rouba-lo a quem j \grave{a} n $^{\circ}$ o p \acute{o} de pegar em um montante para defende-lo."

"Sei, meu bom cavalleiro, que estaes mui torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro: n \acute{i} isso cria eu fazer-vos assignalada merc \check{C} e. Mas venhamos ao ponto: sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem \grave{a} noite?"

"Sabia-o, senhor, antes do caso succeder."

"Como \emptyset isso possivel?!"

"Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portugueses que ahi restam, como ia a feitura da casa capitular: no desenho della pozera eu todo o cabedal de meu fraco ingenho, e este aposento era a obra prima de minha imagina $^{\circ}$ o: por elles soube que a tra \check{c} a primitiva f \hat{a} a alterada, e que a junctura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado: prophetisei-lhes ent $^{\circ}$ o o que havia de acontecer. E--acrescentou o velho com um sorriso amargo--muito fez j \grave{a} o meu successor em por tal arte lhe p \hat{a} o remate, que n $^{\circ}$ o desabasse antes das vinte e quatro horas."

"E tinheis v \acute{s} por certo que se vossa tra \check{c} a se houvera seguido, essa desmesurada abobada n $^{\circ}$ o viria a terra?"

"Se estes olhos n $^{\circ}$ o tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abobada n $^{\circ}$ o teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ella pesarem muitos s \emptyset culos; mas os de vosso conselho julgaram que um c \emptyset go para nada podia prestar."

"Pois se ousaes levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façaes, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá."

"Senhor rei--disse o cøgo, erguendo a fronte, que até allí tivera curvada:--vós tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e bøsteiros; tendes ouro e poder: Portugal ø vosso, e tudo quanto elle contém, salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandaes. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abobada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz d'isso: agora elles que a alevantem."

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

"Lembrae-vos, cavalleiro,--disse elle--de que falaes com D. João I."

"Cuja corã--acudiu o cøgo--lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I ø assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escripto:--os vassallos portuguezes são livres."

"Mas--tornou elrei--os vassallos que desobedecem aos mandados daquelle em cuja casa tem acostamento[3], podem ser privados de sua moradia..."

"Se dizeis isso pela que me døstes, tirae-m'a; que não vo-la pedi eu. Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer á mingua de todo humano soccorro, bem pouco importa isso a quem vø arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquillo por que trabalhou toda a vida, um nome honrado e glorioso."

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos olhos baços, e embebeu nella uma lagryma mal sustida. Elrei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito, e dilatar-lh'o suavemente. Uma das dores d'alma, que em vez de a lacerar a consolam, ø sem duvida a compaixão.

"Vamos, bom cavalleiro,--disse elrei pondo-se em pé--não haja entre nós doestos. O architecto do mosteiro do Sancta Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei celebre o meu nome, a consciencia m'o diz, entre os principes do mundo, porque segui avante por campos de batalha; ella vos dira também que a vossa fama será perpetua, havendo trocado a espada pela penna, com que traçastes o desenho do grande monumento da independencia e da gloria desta terra. Rei dos homens do acceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes! Também vós fostes um delles; e negar-vos-heis a proseguir na edificação desta memoria, desta tradição de marmore, que ha-de recordar aos vindouros a historia de nossos feitos? Mestre Affonso Domingues, escutae os ossos de

tantos valentes, que vos accusam de trahirdes a boa e antiga amizade: vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soído desse queixume de mortos; porque, nas contendas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram semeados cadaveres de cavalleiros! Eia, pois: se n^o perdoaes a D. Jo^o I uma supposta affronta, perdoae-a ao Mestre d'Aviz, ao vosso antigo capii^o, que em nome da gente portugueza vos cita para o tribunal da posteridade, se refusaes consagrar outra vez Æ pÆtria vosso maravilhoso ingenho, e que vos abraça como antigo irm^o nos combates, porque certo crÆ que n^o quereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado portuguez."

Elrei parecia grandemente commovido, e talvez involuntariamente, lanço um braço ao redor do pescoço do cøgo, que soluçava e tremia sem soltar uma sópalavra.

Houve uma longa pausa: todos se tinham posto em pø quando elrei se erguÆra, e esperavam anciosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silencio:

"Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abobada da casa capitular n^o ficarÆ por terra. Oh meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitações, a mais formosa das tuas imagens serÆ realizada, serÆ duradoura como a pedra em que vou estampa-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as unicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves, que tenho ouvido ha muitos annos, s^o as que vos saíram da bõca: sóD. Jo^o I comprehende Affonso Domingues; porque sóelle comprehende a valia destas duas palavras formosissimas, palavras de anjos--patria e gloria. A passada injuria a vossos conselheiros a attribui sempre, que n^o a vós, posto que de vós, que ereis rei, me queixasse: varre-la-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas e a pedra moída pelo cinzel de cima do vulto, que entalhou em fuste de columna arrendada. Que me restituam os meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei, ou a casa capitular da Batalha estarÆ firme, como ø firme a minha crença na immortalidade e na gloria."

Elrei apertou ent^o entre os braços o bom do cøgo, que procurava ajoelhar a seus pø. Era a attracção de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim D. Jo^o I fez um signal ao pagem, que se aproximou:

"Alvaro Vaz, acompanhae este nobre cavalleiro a sua pousada. E vós, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos officiaes ter^o voltado de Guimar^{es} para cumprirem o que mandardes. Mui devoto padre prior,--continuou elrei, voltando-se para Fr. Lourenço--entendei que d'ora avante Affonso Domingues, cavalleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, em quanto assim lhe aprovou."r."

O prior fez uma profunda reverencia.

A alegria tinha tolhido a voz do architecto: diante de toda a côrte elrei o havia desafrontado, e já, sem desdouro, podia acceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braço do pagem, saiu do aposento, feita venia a elrei.

Este deu immediatamente ordem para a partida; e quando todos iam saindo, o prior chegou-se ao velho chancellor, e disse-lhe em tom submisso:

"Doutor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente à rainha o que succedeu, e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a røgua magistral a mestre Ouguet..."

"Foi--tornou o politico discipulo de Bartholo--mais uma façanha de D. João I: começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lagryma. Bem trabalho por fazer do Mestre de Aviz um rei; mas sae-me sempre cavalleiro andante. Não lhe succedera isto se, em vez de passar a mocidade em pejeas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tendo-lhe dicto mil vezes que não preciso lisongear os inglezes, porque carecemos delles: a tudo me responde com dizer que com Deus e o proprio montante tem em nada Castella: todavia a gente ingleza ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação; e que importava que ella fosse mais ou menos primorosa a troco de contentarmos os que comnosco estão liados? Quanto a vós, reverendo prior, ficae descansado: tudo fia a rainha de vossa prudencia, que não muita, posto que não vistes Bolonha. Vamos, reverendissimo."

A côrte já tinha saído; e os dous velhos seguiram-na ao longo daquellas arcadas, conversando um com o outro em voz baixa.

[1] Annequim era o bobo do paço em tempo de D. Fernando, a quem sobreviveu.

[2] Coixo.--Fui vista ao côrço, e pôe ao çço. Trad. do livro de Job. Fragmento do seculo 14."

[3] Acostamento, não o mesmo que moradia.

O VOTO FATAL.

Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço de suas flores: a madresilva, a rosa agreste, o rosmaninho, e toda a casta de boninas teciam um tapete odorifero e immenso por charnecas, comoros, e sapaes, e pelo chão das matas e florestas, que agitavam as fronte somnolentas com a brisa de manhan purissima, mostrando aos olhos um balouçar de verdura compassado com o das searas rasteiras, que mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam

suavemente. Eram sete de Maio da era de Cesar de 1439, ou, como os letrados diziam, do anno da redempção, 1401. Quatro mezes certos se contavam nesse dia, depois daquelle em que, n'uma das quadras do aposento real no mosteiro da Batalha, se passara a scena, que no antecedente capitulo narramos, e que extrahimos do famoso manuscripto mencionado no capitulo II, com aquella pontualidade e verdade, com que o grande chronista F. Bernardo de Brito citava só documentos innegaveis e auctores certissimos, e com aquella imparcialidade e exactidão, com que o philosopho de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião christã.

Assistiu o leitor a promessa que mestre Affonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro mezes lhe daria posto o remate na abobada da casa capitular de Sancta Maria da Victoria, e lembrado estar de como elrei lhe promettera, tambem, mandar vir de Guimarães todos os officiaes portuguezes, que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante de Sancta Maria da Oliveira, hoje desportuguesada e caiada e dourada e mutilada pelo mais barbaro abuso da riqueza e da ignorancia clerical. A palavra do Mestre d'Aviz não voltara atraz, não por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavalleiro portuguez daquelles tempos, em que o nobres affectos e instinctos havia nos corações de nossos avós, que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaça para Guimarães, onde nesse anno se ajunctavam cortes, apenas ahi chegara tinha mandado partir para Sancta Maria da Victoria os officiaes e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Affonso.

Este, resolvido tambem a cumprir o promettido, mettera mãos á obra. O capitulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação que era possivel aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples, e muito antes do dia aprazado o fecho ou remate da abobada repousava no seu logar.

Durante estes quatro mezes os successos politicos tinham trazido D. João I a Santarem, onde se fizera prestes com bom numero de lanças, bõsteiros, e peies para ir ajunctar-se com o Condestavel, e entrarem ambos por Castella, cuja guerra tinha recommçado, por se haverem acabado as treguas. Para esta entrada se apparelhara elrei com uma lustrosa companhia de seus cavalleiros, e caminhando pela margem direita do Tejo, acampara juncto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas para passar o exercito, e seguir aevante até o Crato, que era o logar aprazado com o Condestavel, para junctos irem dar sobre Alcantara.

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'elrei: os petintaes, que tinham vindo de Lisboa, trabalhavam na ponte de barcas, que se deviam lançar sobre o Tejo; os bõsteiros limpavam suas bõstas, e folgavam em luctas e jogos; os cavalleiros corriam pontas, atiravam ao tavolado, monteavam, ou matavam o tempo em banquetes e beberronias. Tinham chegado aequelle sitio a cinco

de Maio, e no seguinte dia elrei partira afforradamente para a Batalha, porque n^o se esquec^oera de que os quatro mezes, que pedira Affonso Domingues para alevantar a abobada, eram passados, e f^ora avisado por Fr. Louren^o de que a obra estava acabada, mas que o architecto n^o quizera tirar os simples sen^o na presen^{ça} d'elrei.

Antes de partir de Lisboa, D. Jo^o mand^oera sair dos carceres, em que jaziam, bom numero de criminosos e de captivos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de b^osteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguem aventasse o motivo d'isto. Todavia elle era obvio: elrei pensou que, assim como a abobada do capitulo desab^oera da primeira vez, passadas vinte quatro horas depois de desamparada, podia agora derrocar-se em cima dos obreiros no momento de lhe tirarem os prumos e travezes sobre que f^ora edificada. Sollicito pela vida de seus vassallos; parente do povo por sua m^{ae}, e crendo por isso que a morte de um popular tambem tinha seu trance de agonia, e que lagrymas de orph^os pobres eram t^oo amargas, ou porventura mais que as de infantes e senhores, n^o quiz que se arriscassem sen^o vidas condemnadas, ou pela guerra, ou pelos tribunaes, e que naquella se tinham remido pela covardia, e nestes pela piedade ou antes esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe n^o occorr^oera esta id^oa, f^ora porque tambem na memoria de obreiros portuguezes n^o havia lembran^{ça} de ter desabado uma abobada apenas construida.

Seguido s^opor dous pagens, D. Jo^o I atravessou a villa de Ourem pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se ^o portaria do mosteiro.

Os officiaes, que trabalhavam em varios labores, pelos telheiros e casas ao redor do edificio, viram passar aquelle cavalleiro e os dous pagens, mas n^o o conheceram: D. Jo^o I vinha cuberto de todas as pe^{ças}, e ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

"Benedicite!--dizia elrei, batendo devagarinho ^o porta da cella de Fr. Louren^o.

"Pax vobis, domine!--respondeu o prior que logo conheceu elrei, e veio abrir a porta.

"N^o vos incommodeis, reverendissimo--disse D. Jo^o, entrando na cella, e sentando-se em um tamborete.--Deixae-me resfolegar um pouco, e dae-me uma vez de vinho."

"N^o vos esperava t^oo de salto!--tornou Fr. Louren^o: e abrindo um armario, tirou delle uma borr^ocha e um cangir^o de madeira, que encheu de vinho, e pegando com a esquerda em uma escudela de barro de Estremoz[1] cheia de uma especie de bolo feito de mel, ovos, e flor de farinha, apresentou a elrei aquella colla^o.

"Excellent almo^o!--dizia elrei, descal^{ando} o guante ferrado,

e cravando a espaços os dedos dentro da escudela, d'onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos dados no cangir^o. Depois que cessou de comer, limpando a m^o ao forro do tonelete, poz-se em p^o, em quanto Fr. Lourenço guardava os despojos daquella batalha:

"Bof^o--disse D. Jo^o, rindo--que n^o ando a meu talante, sen^o com o arnez Æs costas! Cada vez que o visto, parece-me que torno Æ mocidade, e que sou o Mestre d'Aviz, ou antes o simples cavalleiro, que, confiado sóem Deus, corria solto pelo mundo, monteando edomas[2] inteiras, e tendo sobre a consciencia sóos peccados de homem, e n^o os escrupulos de rei."

"E ent^o--atalhou o prior--o vosso confessor Fr. Lourenço era um pobre frade, cujos unicos cuidados se encerravam em saber as horas do c^o, e em ler as sagradas escripturas, por^om que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de n^o deixar affrouxar a disciplina e boa governança de t^o alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que hontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abobada, o que mestre Domingues aporfia em sófazer perante v^o?"

"A isso vim, por^om de espaço; que n^o serÆ nestes cinco dias, que esteja prompta a ponte de barcas, que mandei lançar no T^ojo para passar minha hoste. Durante elles, com vossos mui religiosos frades me aparelharei para a guerra, enthesourando orações e recebendo absolvição de meus erros."

"Os principes pios--acudiu o prior com ar de compuncção--s^o sempre ajudados de Deus, principalmente contra herejes e scismaticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Victoria confunda nos infernos."

"Amen!--respondeu devotamente elrei.

"Avisarei, pois, mestre Affonso de vossa vinda, para que mande p^o tudo em ordenança de se tirarem os simples: elle me pediu que o mandasse chamar apenas fosseis chegado."

Fr. Lourenço saíu, e d'ahi a pouco voltou acompanhado do architecto, que um rapaz guiava pela m^o.

"Guarde-vos Deus, mestre Affonso Domingues!--disse elrei, vendo entrar o c^ogo--Aqui me tendes para v^oer acabada a feitura da mirifica abobada do capitulo de Sancta Maria, cujos simples n^o quizestes tirar sen^o em minha presença."

"Beijo-vo-las, senhor rei, pela merc^o: dous votos fiz se levasse a cabo esta feitura; era esse um delles..."

"E o outro?--atalhou elrei.

"O outro, dir-vo-lo-hei em breve; mas por ora permitti que para

mim o guarde."

"São negocios de consciencia:--acudiu o prior.--Elrei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo."

D. João I fez um signal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

Elrei, o prior, e o architecto ainda se demoraram um pedaço falando acerca da obra, e do que cumpria fazer no proseguimento della; mas o cõgo dissera o que quer que fôra em voz baixa ao rapaz que o acompanhava, o qual saíra immediatamente, e que sóvoltou quando os tres acabavam a conversação.

"Fernão d'Evora--disse o cõgo, sentindo-o outra vez ao pò de si--fizeste o que te ordenei, e deste a teu tio Martim Vasques o meu recado?"

"Senhor, si! Envia-vos elle a dizer que tudo está prestes."

"Então vamos a vêr se desta feita temos mais perduravel abobada."

Isto dizia elrei saindo da cella de Fr. Lourenço, e seguindo ao longo do claustro. Já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades começavam de ajunctar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompia a noticia, e se espalhava na povoação, aonde concorria muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que quando elrei desceu a crasta já allí se achavam apinhados homens e mulheres, que queriam vê-lo, e ainda mais saber se desta vez a abobada vinha ao chão, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da casa do capitulo estavam abertas: via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podia comparar a composição daquelles simples e fabrica do mais delicado relógio. A porta, que dava para a crasta, estava um homem em pé, que se desbarretou apenas viu elrei, a cuja direita vinha o architecto, seguido por Fr. Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão d'Evora disse algumas palavras a Affonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cõgo. Era um mancebo, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte cinco annos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cõgo, este o tomou pela mão, e voltando-se para elrei, disse:

"Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor official de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, será capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes."

"E debaixo de meu especial amparo estarÆ Martim Vasques--respondeu elrei--que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem.[3]"

Ainda bem n^o eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta, e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de b^osteiros vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalç^os: o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a raz^o d'isso: eram b^osteiros castelhanos, que em diversos recontros e pelejas tinham cahido nas m^o dos portuguezes. As guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se Æs guerras civis de hoje: para vencidos n^o havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade: ser mettido em ferros era ent^o uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos m^os tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'envolta varios criminosos condemnados Æ morte por suas mafeitorias.

"Misericordia!--bradou toda aquella multid^o, ao passar por elrei: e cahiram de bruç^os sobre as lageas do pavimento.

"Comvosco a tenho, mesquinha gente!--disse elrei commovido--Se tirardes os simples, que v^oEdes acolÆ, a abobada n^o desabar sobre v^os, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de t^o leve risco, quasi que Ø o mesmo que perdoar-vos."

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coraç^o, e espalhada nas faces: o terror fazia-lhes crer que j^oÆ sentiam ranger e estalar as vigas dos simples, e que, Æs primeiras pancadas, as pedras desconformes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o p^o do quinteiro esmaga a lagarta enroscada na planta viç^osa do horto.

Neste momento quatro forç^osos obreiros chegaram Æ porta do capitulo, trazendo sobre uma paviãa uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que j^oÆ l^oÆ estava, gritou ao c^ogo architecto:

"Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faç^o do canto, que para aqui mandastes trazer?"

"Assentae-o bem debaixo do fecho da abobada, no meio desse claro, que deixam os prumos centraes dos simples."

Os obreiros fizeram o que o architecto mandara: este ent^o voltou-se para elrei, e disse:

"Senhor rei, Ø chegado o momento de vos declarar meu segundo

voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que, assentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abobada, estaria sem comer nem beber durante tres dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem poderÆ mover-me. Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruinas: nem eu quizera encetar, depois de velho, uma vida deshonorada e vergonhosa. Esta Æ a minha firme resoluço."

Dizendo isto, o cgo travou com força do braço de Fernão d'Evora, e encaminhou-se para a porta do capitulo.

"Esperae, esperae!--bradou elrei.--Estaes louco, dom cavalleiro? Quem, se vs morrerdes, continuarÆ esta fabrica, tão formosa filha de vosso engenho?"

"Mestre Ouguet:--tornou o cgo, parando.--Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade: se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo Æ capaz de a fechar com uma svolta, e para a firmar sobre uma columna erguida no centro, mestre Ouguet o farÆ. Quanto ao resto do edificio, fazei senhor rei que se prosiga meu desenho: Æ o que ora vos peo tão smente."

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas, que sustinham as traves dos simples: elrei, Fr. Lourenço, e os mais frades ficaram atonitos e calados.

"Que tão honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos cousa Æ que se não pde soffrer: mas o voto Æ voto, seno..."

Estas palavras partiam da bca d'uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indicios de compleio sanguinea e irritavel, e que de mãos mettidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo presencava o caso.

"Tendes razão, tia Brites d'Almeida; e por ser voto me calo eu:--acudiu elrei, voltando-se para a velha.--Mas juro a Christo, que estou espantado de sagora vos vEr! Porque me não viestes falar?"

"Perdoe-me vossa merce:--replicou a velha.--Eu vim trazer pão Æ feira, e ahi souhe da chegada de vossa real senhoria. Corri ... se eu correria para vos falar! Mas estes bcas abertas não me deixaram passar. Abrenuncio! Depois estive a olhar... Parecieis-me carregado de semblante. Que Æ isso? Temos novas voltas com os excommungados castelhanos? Se assim Æ, trosquiae-mos outra vez por Aljubarrota, que a pe não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda le este para o que der e vier."

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras, e cerrando os punhos, ergueu os braços ao ar, com os meneios de quem je brandia a tremebunda e patriotica pe de forno, que hoje Æ gloria e brasão da gothica villa de Aljubarrota.

"Podeis dormir descansada, tia Brites:--respondeu elrei, sorrindo-se.--Bem sabeis que sou portuguez e cavalleiro, e a gente de nossa terra Ø cortez: elrei de Castella veio visitar-nos varias vezes: e agora eu ando na demanda de lhe pagar com usura suas visitages."

Em quanto este dialogo se passava entre o heroe de Aljubarrota e a sua poderosa alliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martello, batendo nos simples, resoaram pelo ambito da casa capitular. Fez-se um grande silencio e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquelle mont^o de vigas, barrotes, taboas, cambotas, cabrestantes, reguas e travessas tinha passado pela crasta fóra em collos de homens: os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites ao vØer ir soltos os bØsteiros castelhanos; e sóno centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava elrei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saisse d'alli; mas elle n^o lhes respondia nada. Desenganados, emfim, foram-se pouco a pouco retirando da crasta, onde ao pô do sol começou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

TrØes dias se passaram assim. Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem se quer cedØera Æs rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha a seu amo, se atrevØera a cruzar os perigosos umbraes do capitulo, para vØer se o movia a tomar alguma refeição: tudo recusou o cØgo: a sua resolução era inabalavel. TambØm a abobada estava firme, como se fôra de bronze. No terceiro dia Æ tarde elrei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu Æ crasta acompanhado de Fr. Lourenço e de outros frades, e chegando Æ porta do capitulo viu Martim Vasques e Anna Margarida juncto Æ pedra fria de Affonso Domingues, e este pallido e com as palpebras cerradas encostado nos braços delles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

"Que temos de novo?--perguntou elrei, chegando Æ porta, e vendo aquelles dous estafermos.--Completam-se ora os tres dias do voto: ainda mestre Affonso teimarÆ em estar aqui mais tempo?"

"N^o senhor:--respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas:--n^o estarÆ aqui mais tempo; porque seu corpo Ø herança da terra; sua alma repousa com Deus."

"Morto!?"--bradaram a uma voz elrei e Fr. Lourenço; e correram para o cadaver do architecto, olhando, todavia, primeiro para

a abobada com um gesto de receio.

"Nada temas, senhores!--disse Martim Vasques--As ultimas palavras do mestre foram estas: a abobada não cahiu ... a abobada não cahir!"

O architecto, já velho, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condemnava. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer cahiu moribundo nos braços delles, e aquelle genio de luz mergulhou-se nas trôvas do passado.

Elrei derramou algumas lagrymas sobre os restos do bom cavalleiro, e Fr. Lourenço resou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa, que até o ultimo arranco escreveu sobre o marmore o hymno dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra, sobre a qual Mestre Affonso expirava, ordenou elrei se tirasse, parecido quanto fosse possivel retratando-se um cadaver, o vulto do honrado architecto, e que esta imagem fosse collocada em um dos angulos da casa capitular, onde durante mais de quatro seculos, como as sphynxes monumentaes do Egypto, tem dado origem ás mais desvairadas hypotheses e conjecturas. ` pobre Anna Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. João I, tambem, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, além disso, assignaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o côgo dissera a elrei acerca da sua capacidade para o substituir, e porque, enfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que occupava, e quando nos series do mosteiro alguem falava nos meritos de Affonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandez a conversação, dizendo com um riso amarello:

"Olhem que foi forte perda!"

[1] A louça de Estremoz é antiquissima em o nosso paiz. No tempo de Francisco I de França, mandavam-se buscar os pucaros desta louça a Portugal, para beber a agua, que então, bem como hoje, se tornava nelles excessivamente fria.

[2] Semanas.

[3] Martim Vasques foi o 3.º mestre das obras da Batalha e Fernão d'Evora o 4.º.--Veja-se a Memoria de D. Francisco de S. Luiz no 10.º volume das da Academia.

FIM DO TOMO I.

* * * * *

INDICE.

O ALCAIDE DE SANTAREM

(590--961)

I

II

III

IV

ARRHAS POR FORO D'HESPANHA

(1371--2)

I A Arraya-miuda

II O Beguino

III Um Bulh^o e uma Agulha de Alfaiate

IV Mil Dobras P^o-terra e trezentas Barbudas

V Mestre Bartholomeu Chamb^o

VI Uma Barregan Rainha

VII Juramento--Pagamento

O CASTELLO DE FARIA

(1373)

A ABOBADA

(1401)

I O C^ogo

II Mestre Ouguet

III O Auto

IV Um Rei Cavalleiro

V O Voto Fatal

End of the Project Gutenberg EBook of Lendas e Narrativas (Tomo I)
by Alexandre Herculano

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK LENDAS E NARRATIVAS (TOMO I) ***

This file should be named 8ldnr10.txt or 8ldnr10.zip
Corrected EDITIONS of our eBooks get a new NUMBER, 8ldnr11.txt
VERSIONS based on separate sources get new LETTER, 8ldnr10a.txt

Produced by Jo^o Miguel Neves and PG Distributed Proofreaders

Project Gutenberg eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the US unless a copyright notice is included. Thus, we usually do not keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

We are now trying to release all our eBooks one year in advance of the official release dates, leaving time for better editing. Please be encouraged to tell us about any error or corrections, even years after the official publication date.

Please note neither this listing nor its contents are final til midnight of the last day of the month of any such announcement. The official release date of all Project Gutenberg eBooks is at Midnight, Central Time, of the last day of the stated month. A preliminary version may often be posted for suggestion, comment and editing by those who wish to do so.

Most people start at our Web sites at:
<http://gutenberg.net> or
<http://promo.net/pg>

These Web sites include award-winning information about Project Gutenberg, including how to donate, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter (free!).

Those of you who want to download any eBook before announcement can get to them as follows, and just download by date. This is also a good way to get them instantly upon announcement, as the indexes our cataloguers produce obviously take a while after an announcement goes out in the Project Gutenberg Newsletter.

<http://www.ibiblio.org/gutenberg/etext03> or
<ftp://ftp.ibiblio.org/pub/docs/books/gutenberg/etext03>

Or /etext02, 01, 00, 99, 98, 97, 96, 95, 94, 93, 92, 92, 91 or 90

Just search by the first five letters of the filename you want,
as it appears in our Newsletters.

Information about Project Gutenberg (one page)

We produce about two million dollars for each hour we work. The time it takes us, a rather conservative estimate, is fifty hours to get any eBook selected, entered, proofread, edited, copyright searched and analyzed, the copyright letters written, etc. Our projected audience is one hundred million readers. If the value per text is nominally estimated at one dollar then we produce \$2 million dollars per hour in 2002 as we release over 100 new text files per month: 1240 more eBooks in 2001 for a total of 4000+ We are already on our way to trying for 2000 more eBooks in 2002 If they reach just 1-2% of the world's population then the total will reach over half a trillion eBooks given away by year's end.

The Goal of Project Gutenberg is to Give Away 1 Trillion eBooks!
This is ten thousand titles each to one hundred million readers,
which is only about 4% of the present number of computer users.

Here is the briefest record of our progress (* means estimated):

eBooks Year Month

1	1971	July
10	1991	January
100	1994	January
1000	1997	August
1500	1998	October
2000	1999	December
2500	2000	December
3000	2001	November
4000	2001	October/November
6000	2002	December*
9000	2003	November*
10000	2004	January*

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation has been created
to secure a future for Project Gutenberg into the next millennium.

We need your donations more than ever!

As of February, 2002, contributions are being solicited from people
and organizations in: Alabama, Alaska, Arkansas, Connecticut,
Delaware, District of Columbia, Florida, Georgia, Hawaii, Illinois,
Indiana, Iowa, Kansas, Kentucky, Louisiana, Maine, Massachusetts,
Michigan, Mississippi, Missouri, Montana, Nebraska, Nevada, New
Hampshire, New Jersey, New Mexico, New York, North Carolina, Ohio,
Oklahoma, Oregon, Pennsylvania, Rhode Island, South Carolina, South

Dakota, Tennessee, Texas, Utah, Vermont, Virginia, Washington, West Virginia, Wisconsin, and Wyoming.

We have filed in all 50 states now, but these are the only ones that have responded.

As the requirements for other states are met, additions to this list will be made and fund raising will begin in the additional states. Please feel free to ask to check the status of your state.

In answer to various questions we have received on this:

We are constantly working on finishing the paperwork to legally request donations in all 50 states. If your state is not listed and you would like to know if we have added it since the list you have, just ask.

While we cannot solicit donations from people in states where we are not yet registered, we know of no prohibition against accepting donations from donors in these states who approach us with an offer to donate.

International donations are accepted, but we don't know ANYTHING about how to make them tax-deductible, or even if they CAN be made deductible, and don't have the staff to handle it even if there are ways.

Donations by check or money order may be sent to:

Project Gutenberg Literary Archive Foundation
PMB 113
1739 University Ave.
Oxford, MS 38655-4109

Contact us if you want to arrange for a wire transfer or payment method other than by check or money order.

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation has been approved by the US Internal Revenue Service as a 501(c)(3) organization with EIN [Employee Identification Number] 64-622154. Donations are tax-deductible to the maximum extent permitted by law. As fund-raising requirements for other states are met, additions to this list will be made and fund-raising will begin in the additional states.

We need your donations more than ever!

You can get up to date donation information online at:

<http://www.gutenberg.net/donation.html>

If you can't reach Project Gutenberg,
you can always email directly to:

Michael S. Hart <hart@pobox.com>

Prof. Hart will answer or forward your message.

We would prefer to send you information by email.

****The Legal Small Print****

(Three Pages)

*****START**THE SMALL PRINT!**FOR PUBLIC DOMAIN EBOOKS**START*****

Why is this "Small Print!" statement here? You know: lawyers. They tell us you might sue us if there is something wrong with your copy of this eBook, even if you got it for free from someone other than us, and even if what's wrong is not our fault. So, among other things, this "Small Print!" statement disclaims most of our liability to you. It also tells you how you may distribute copies of this eBook if you want to.

***BEFORE!* YOU USE OR READ THIS EBOOK**

By using or reading any part of this PROJECT GUTENBERG-tm eBook, you indicate that you understand, agree to and accept this "Small Print!" statement. If you do not, you can receive a refund of the money (if any) you paid for this eBook by sending a request within 30 days of receiving it to the person you got it from. If you received this eBook on a physical medium (such as a disk), you must return it with your request.

ABOUT PROJECT GUTENBERG-TM EBOOKS

This PROJECT GUTENBERG-tm eBook, like most PROJECT GUTENBERG-tm eBooks, is a "public domain" work distributed by Professor Michael S. Hart through the Project Gutenberg Association (the "Project").

Among other things, this means that no one owns a United States copyright on or for this work, so the Project (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth below, apply if you wish to copy and distribute this eBook under the "PROJECT GUTENBERG" trademark.

Please do not use the "PROJECT GUTENBERG" trademark to market any commercial products without permission.

To create these eBooks, the Project expends considerable efforts to identify, transcribe and proofread public domain works. Despite these efforts, the Project's eBooks and any medium they may be on may contain "Defects". Among other things, Defects may take the form of incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other

intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other eBook medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

LIMITED WARRANTY; DISCLAIMER OF DAMAGES

But for the "Right of Replacement or Refund" described below, [1] Michael Hart and the Foundation (and any other party you may receive this eBook from as a PROJECT GUTENBERG-tm eBook) disclaims all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees, and [2] YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE OR UNDER STRICT LIABILITY, OR FOR BREACH OF WARRANTY OR CONTRACT, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES, EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGES.

If you discover a Defect in this eBook within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending an explanatory note within that time to the person you received it from. If you received it on a physical medium, you must return it with your note, and such person may choose to alternatively give you a replacement copy. If you received it electronically, such person may choose to alternatively give you a second opportunity to receive it electronically.

THIS EBOOK IS OTHERWISE PROVIDED TO YOU "AS-IS". NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, ARE MADE TO YOU AS TO THE EBOOK OR ANY MEDIUM IT MAY BE ON, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR A PARTICULAR PURPOSE.

Some states do not allow disclaimers of implied warranties or the exclusion or limitation of consequential damages, so the above disclaimers and exclusions may not apply to you, and you may have other legal rights.

INDEMNITY

You will indemnify and hold Michael Hart, the Foundation, and its trustees and agents, and any volunteers associated with the production and distribution of Project Gutenberg-tm texts harmless, from all liability, cost and expense, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following that you do or cause: [1] distribution of this eBook, [2] alteration, modification, or addition to the eBook, or [3] any Defect.

DISTRIBUTION UNDER "PROJECT GUTENBERG-tm"

You may distribute copies of this eBook electronically, or by disk, book or any other medium if you either delete this "Small Print!" and all other references to Project Gutenberg, or:

[1] Only give exact copies of it. Among other things, this

requires that you do not remove, alter or modify the eBook or this "small print!" statement. You may however, if you wish, distribute this eBook in machine readable binary, compressed, mark-up, or proprietary form, including any form resulting from conversion by word processing or hypertext software, but only so long as *EITHER*:

[*] The eBook, when displayed, is clearly readable, and does *not* contain characters other than those intended by the author of the work, although tilde (~), asterisk (*) and underline (_) characters may be used to convey punctuation intended by the author, and additional characters may be used to indicate hypertext links; OR

[*] The eBook may be readily converted by the reader at no expense into plain ASCII, EBCDIC or equivalent form by the program that displays the eBook (as is the case, for instance, with most word processors); OR

[*] You provide, or agree to also provide on request at no additional cost, fee or expense, a copy of the eBook in its original plain ASCII form (or in EBCDIC or other equivalent proprietary form).

[2] Honor the eBook refund and replacement provisions of this "Small Print!" statement.

[3] Pay a trademark license fee to the Foundation of 20% of the gross profits you derive calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. If you don't derive profits, no royalty is due. Royalties are payable to "Project Gutenberg Literary Archive Foundation" the 60 days following each date you prepare (or were legally required to prepare) your annual (or equivalent periodic) tax return. Please contact us beforehand to let us know your plans and to work out the details.

WHAT IF YOU *WANT* TO SEND MONEY EVEN IF YOU DON'T HAVE TO?

Project Gutenberg is dedicated to increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form.

The Project gratefully accepts contributions of money, time, public domain materials, or royalty free copyright licenses.

Money should be paid to the:

"Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

If you are interested in contributing scanning equipment or software or other items, please contact Michael Hart at: hart@pobox.com

[Portions of this eBook's header and trailer may be reprinted only when distributed free of all fees. Copyright (C) 2001, 2002 by Michael S. Hart. Project Gutenberg is a TradeMark and may not be used in any sales of Project Gutenberg eBooks or other materials be they hardware or software or any other related product without express permission.]

*END THE SMALL PRINT! FOR PUBLIC DOMAIN EBOOKS*Ver.02/11/02*END*

BOOKS*Ver.02/11/02*END*

if what's wrong is not our

fault. So, among other things, this "Small Print!" statement

disclaims most of our liability to you. It also tells you how

you may distribute copies of this eBook if you want to.

BEFORE! YOU USE OR READ THIS EBOOK

By using or reading any part of this PROJECT GUTENBERG-tm

eBook, you indicate that you understand, agree to and accept

this "Small Print!" statement. If you do not, you can receive

a refund of the money (if any) you paid for this eBook by

sending a request within 30 days of receiving it to the person

you got it from. If you received this eBook on a physical

medium (such as a disk), you must return it with your request.

ABOUT PROJECT GUTENBERG-TM EBOOKS

This PROJECT GUTENBERG-tm eBook, like most PROJECT GUTENBERG-tm eBooks,

is a "public domain" work distributed by Professor Michael S. Hart

through the Project Gutenberg Association (the "Project").

Among other things, this means that no one owns a United States copyright

on or for this work, so the Project (and you!) can copy and

distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth below, apply if you wish to copy and distribute this eBook under the "PROJECT GUTENBERG" trademark.

Please do not use the "PROJECT GUTENBERG" trademark to market any commercial products without permission.

To create these eBooks, the Project expends considerable efforts to identify, transcribe and proofread public domain works. Despite these efforts, the Project's eBooks and any medium they may be on may contain "Defects". Among other things, Defects may take the form of incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other eBook medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

LIMITED WARRANTY; DISCLAIMER OF DAMAGES

But for the "Right of Replacement or Refund" described below,

[1] Michael Hart and the Foundation (and any other party you may

receive this eBook from as a PROJECT GUTENBERG-tm eBook) disclaims

all liability to you for damages, costs and expenses, including

legal fees, and [2] YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE OR

UNDER STRICT LIABILITY, OR FOR BREACH OF WARRANTY OR CONTRACT,

INCLUDING BUT NOT LIMITED TO INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE

OR INCIDENTAL DAMAGES, EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE
POSSIBILITY OF SUCH DAMAGES.

If you discover a Defect in this eBook within 90 days of
receiving it, you can receive a refund of the money (if any)
you paid for it by sending an explanatory note within that
time to the person you received it from. If you received it
on a physical medium, you must return it with your note, and
such person may choose to alternatively give you a replacement
copy. If you received it electronically, such person may
choose to alternatively give you a second opportunity to
receive it electronically.

THIS EBOOK IS OTHERWISE PROVIDED TO YOU "AS-IS". NO OTHER
WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, ARE MADE TO YOU AS
TO THE EBOOK OR ANY MEDIUM IT MAY BE ON, INCLUDING BUT NOT
LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR A
PARTICULAR PURPOSE.

Some states do not allow disclaimers of implied warranties or
the exclusion or limitation of consequential damages, so the
above disclaimers and exclusions may not apply to you, and you
may have other legal rights.

INDEMNITY

You will indemnify and hold Michael Hart, the Foundation,
and its trustees and agents, and any volunteers associated

with the production and distribution of Project Gutenberg-tm texts harmless, from all liability, cost and expense, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following that you do or cause: [1] distribution of this eBook, [2] alteration, modification, or addition to the eBook, or [3] any Defect.

DISTRIBUTION UNDER "PROJECT GUTENBERG-tm"

You may distribute copies of this eBook electronically, or by disk, book or any other medium if you either delete this "Small Print!" and all other references to Project Gutenberg, or:

[1] Only give exact copies of it. Among other things, this requires that you do not remove, alter or modify the eBook or this "small print!" statement. You may however, if you wish, distribute this eBook in machine readable binary, compressed, mark-up, or proprietary form, including any form resulting from conversion by word processing or hypertext software, but only so long as
***EITHER*:**

[*] The eBook, when displayed, is clearly readable, and does ***not*** contain characters other than those intended by the author of the work, although tilde (~), asterisk (*) and underline () characters may

be used to convey punctuation intended by the author, and additional characters may be used to indicate hypertext links; OR

[*] The eBook may be readily converted by the reader at no expense into plain ASCII, EBCDIC or equivalent form by the program that displays the eBook (as is the case, for instance, with most word processors); OR

[*] You provide, or agree to also provide on request at no additional cost, fee or expense, a copy of the eBook in its original plain ASCII form (or in EBCDIC or other equivalent proprietary form).

[2] Honor the eBook refund and replacement provisions of this "Small Print!" statement.

[3] Pay a trademark license fee to the Foundation of 20% of the gross profits you derive calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. If you don't derive profits, no royalty is due. Royalties are payable to "Project Gutenberg Literary Archive Foundation" the 60 days following each date you prepare (or were